

Patrimônio é memória que constrói e reconstrói um presente. A preservação e a salvaguarda do Patrimônio Cultural brasileiro são atribuições de todos os entes federativos, com a contribuição da sociedade.

O processo de restauração dos bens culturais vandalizados no dia 8 de janeiro de 2023 representa a valorização e promoção da democracia. Este livro faz parte da parceria entre o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a Presidência da República, por meio da Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais (DCPP), e a Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), com a expertise do Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Bens Culturais (Lacorpi/UFPeL). Dos escombros do vandalismo dos atos antidemocráticos, nasceram ações fundamentais em defesa da democracia. Esse processo coletivo resultou na restauração de vinte obras de arte que integram o acervo dos Palácios Presidenciais.



Apoio institucional



Realização



Apoio institucional e subsídio



RESTAURAÇÃO DEMOCRACIA, PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA

RESTAURAÇÃO

DEMOCRACIA, PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA



UFPEL

IPHAN

RESTAURAÇÃO

DEMOCRACIA, PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA

RESTAURAÇÃO
DEMOCRACIA, PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA







RESTAURAÇÃO

DEMOCRACIA, PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA

Restauração

Democracia, Preservação e Memória

Este livro é fruto do Termo de Execução Descentralizada (TED) celebrado entre a Universidade Federal de Pelotas (UFPe), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e a Presidência da República, por meio da Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais, no ano de 2024.

A iniciativa integra o *Protejo Lacorp – Ação: Patrimônio Cultural dos Palácios Presidenciais: valorização e promoção da democracia a partir da conservação-restauração dos bens culturais vandalizados do Palácio do Planalto*, para recuperação das obras de arte vandalizadas em 8 de janeiro de 2023, e teve a coordenação da professora Dra. Andréa Lacerda Bachettini e da professora Dra. Karen Velleda Caldas, docentes da UFPe.

Todos os direitos reservados. É expressamente vedada a reprodução das imagens deste livro sem a autorização expressa dos autores, de acordo com a Lei do Direito Autoral 9610/98.

Produção do livro: Satolep Press

Coordenação editorial: Gabriela Osorio Mazza

Produção de conteúdo: Gabriela Osorio Mazza e Vinicius Peraça

Revisão: Amanda loost

Fotografias: Nauro Júnior, Mariana Alves/IPHAN, Lacorpi/UFPe, Karime Xavier/Folhapress

Foto de capa: Nauro Júnior

Edição de imagens: Nauro Júnior e Gabriela Osorio Mazza

Projeto gráfico e direção de arte: Valder Valeirão

Designer assistente e diagramação: Kim Valeirão

Impresso no Brasil

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional

Patrícia de Borba Pereira – CRB 10/1487

B122r Bachettini, Andrea Lacerda
Restauração: democracia, preservação e memória /
Andréa Lacerda Bachettini; Karen Velleda Caldas, org.
– Pelotas: Satolep Press : Publicações Oficiais UFPe :
LACORPI: IPHAN, 2024. – 272p. : il.

Projeto Laboratório Aberto de Conservação e
Restauração de Pintura

ISBN: 978-65-84573-15-4

1. Restauração 2. Democracia 3. Obras de Arte
4. 8 de janeiro de 2023 I. Título II. Bachettini,
Andréa Lacerda III. Caldas, Karen Velleda

CDD: 720.288

Organizadoras

Andréa Lacerda Bachettini e

Karen Velleda Caldas

RESTAURAÇÃO

DEMOCRACIA, PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA



UFPE

IPHAN

Presidente da República do Brasil
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra da Cultura
Margareth Menezes

Gabinete Pessoal do Presidente da República
Chefe do Gabinete Pessoal do Presidente da República
Marco Aurélio Santana Ribeiro

Chefe de Gabinete Adjunto de Gestão Interna
Valdomiro Luis de Sousa

Diretor Curatorial dos Palácios Presidenciais - DCPP
Rogério Tadeu de Salles Carvalho

Corpo técnico e administrativo da DCPP
Cordenadora Geral Administrativa
Marly Teresa Rangel Licassali

Coordenadora Geral Técnica
Daniele França Sampaio Cunha Dias

Assessora do Diretor
Maria José Nery Moura

Assessora do Diretor
Flávia Mello de Castro

Assistente
Iracelia Frota Lima de Castro

Técnicos Administrativos
Nelson Alves da Silva
Cinthia Giselle Galvão de Lima

Assessora técnica
Airin Makdissi Daguer

Assistente
Elenice da Silva Ramos

Assistente Técnica
Pitya Larissa Zelaya Castro

Estagiários
Abraão César dos Santos rodrigues
Arthur Ruan Rodrigues do nascimento
Enthony Keven Vieira Sousa

IPHAN
Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Leandro Antônio Grass Peixoto

Diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização - DEPAM
Andrey Rosenthal Schlee

Diretora do Departamento de Articulação, Fomento e Educação - DAFE
Márcia Lucena

Diretor substituto do Departamento de Ações Estratégicas e Intersetoriais - DAEI
Daniel Sombra

Diretora do Departamento de Planejamento e Administração - DPA
Adriana Bortoli

Diretor do Departamento de Patrimônio Imaterial - DPI
Deyvesson Israel Alves Gusmão

Chefe de Gabinete
Mariana Lauande da Costa

Assessor especial
Caio Leal de Araújo

Coordenadora-Geral de Comunicação Institucional
Clelia da Conceição Lima

Coordenação-Geral de Conservação do DEPAM
Coordenador-Geral de Conservação
Paulo Henrique Farsette

Coordenador de Assistência e Qualificação da Conservação
Luiz Eduardo Sarmento Araújo

Coordenadora de Monitoramento e Gestão da Conservação
Renata Ceridono Fortes

Chefe do Serviço de Gestão da Conservação de Bens Móveis e Integrados
Virgynia Corradi Lopes da Silva

Técnica em Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis
Ana Claudia Magalhães

Técnico em Edificações
André Borges Costa

Analista de Patrimônio Cultural
Bibiana Soyaux de Almeida Rosa

Apoio administrativo
Alithea Cristine Fernandes Corrêa

Universidade Federal de Pelotas – UFPel
Reitora
Isabela Fernandes Andrade

Vice-reitora
Ursula Rosa da Silva

Pró-reitora de Ensino
Maria de Fátima Cósio

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação
Flávio Fernando Demarco

Pró-reitor de Extensão e Cultura
Eraldo dos Santos Pinheiro

Pró-reitora de Assuntos Estudantis
Rosane Brandão

Pró-reitor Administrativo
Ricardo Hartlebem Peter

Pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento
Paulo Roberto Ferreira Júnior

Pró-reitora de Gestão de Pessoas
Taís Ulrich Fonseca

Instituto de Ciências Humanas – ICH/UFPel
Diretor
Sebastião Peres

Vice-diretora
Andréa Lacerda Bachettini

Projeto Lacorpi - Ação Brasília
Coordenação Geral
Andréa Lacerda Bachettini

Coordenação Adjunta
Karen Velleda Caldas

Coordenação In Loco
Keli Cristina Scolari

Técnicos Administrativos UFPel
Magda Villanova Nunes (conservadora-restauradora)
André Luís Barcellos (assistente de câmera)

Docentes da UFPel
Annelise Costa Montone
Bruno da Silveira Noremberg
Daniele Baltz da Fonseca
Lauer Alves Nunes dos santos
Michael Abrantes Kerr
Mirella Moraes de Borba
Paulo Renato Viegas Damé
Roberto Heiden

Discentes da UFPel
Ana Natiele Dutra Falcão
Antonio Ramos de Santana Neto
Clarissa Martins Neutzling
Érick Pires Dorneles
Filipe Castro Alves Wessely

Gabriela Fonseca Duarte
Guilherme Cantarelli Amado
Lucas de Souza Lima Pereira
Luiza da Silva Couto
Mariana de Oliveira Rego Farias
Natália Corrêa Couto
Natália Correia Soares
Paola Loureiro Rotter
Yago Mayer Forte

Conservadores-restauradores contratados
José Altair Nunes Clementel
Nathânia Maria da Silva
Mariana Plantz dos Santos
Társis Rodrigo Gradaschi da Silva

Educação Patrimonial
Liza Bilhalva Martins da Silva
Marta Bonow Rodrigues
Letícia Nörenberg Maciel

Docentes Universidade de Brasília - UNB
Cláudia da Conceição Garcia
Maria Cláudia Candeia de Souza

Discentes UNB
Beatriz Martins Caetano
Clara Margarida Fernandes
Luiza Corrêa Mendes

Edição do Livro-arte
Gabriela Osorio Mazza
Vinícius Peraça
Kim Valeirão
Valder Valeirão

Supervisor e curador de imagens
Nauro Júnior

Catálogo
Renan Silva do Espirito Santo

Exposição: 8 de janeiro – restauração e democracia
Curadoria
Lauer Alves Nunes dos Santos

Curadoria Adjunta
Renan Silva do Espirito Santo
Roberto Heiden

Expografia e Design
Renan Silva do Espirito Santo

Fotografias
Lacorpi/UFPel
Nauro júnior
Mariana Alves

Pesquisa
Roberto Heiden

Audiodescrição
Desirée Nobre Salasar
Rafael Braz

Imagem 3D
Maurício Costa Montone
Edemar Dias Xavier Júnior

Documentário
Michael Abrantes Kerr
André Luís Barcellos

Fundação Delfim Mendes Silveira
Diretor-Presidente
César Dalmolin Bergoli

Gerente Executiva
Cristiane Zanodotto

Supervisor de Compras
Eliéser Peter Hessler

Auxiliar de Compras
Natália Greque

Supervisora Financeira
Mira de Castro Vaz

Supervisora de Projetos
Fernanda Petry

“Por isso que os nossos velhos dizem: ‘Você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai’. Isso não é importante só para a pessoa do indivíduo, é importante para o coletivo, é importante para uma comunidade humana saber quem ela é, saber para onde ela está indo.”

Ailton Krenak

O Eterno Retorno do Encontro





Apresentação

A democracia é um movimento constante
Margareth Menezes

Capítulo 1
8 de janeiro de 2023

Democracia inabalada
Leandro Grass

A contribuição da universidade pública no processo de restauração: o caso dos bens danificados em 8 de janeiro
Isabela Fernandes Andrade

Capítulo 2
Patrimônio cultural de proteção

Perdeu Mané!
Andrey Rosenthal Schlee

Memória em movimento: o restauro dos bens culturais móveis enquanto forma de diálogo
Virgynia Corradi e Ana Cláudia Magalhães

Capítulo 3
O caminho da restauração

A restauração das obras de arte vandalizadas no dia 8 de janeiro de 2023
Andréa Lacerda Bachettini

Um problema de identificação social: a conservação-restauração de obras vandalizadas no dia 8 de janeiro
Mirella Moraes de Borba

Documentação científica: a fotografia técnica a serviço da preservação
Karen Velleda Caldas

Capítulo 4
Investigação e análise científica

O papel da pesquisa sobre arte em um projeto de conservação-restauração
Roberto Heiden

Preservação do patrimônio e o papel da Ciência da Conservação
Bruno da Silveira Noremborg

Capítulo 5
Educação para a memória

Educação Patrimonial: restaurando pertencimentos, memórias e a democracia
Liza Bilhalva Martins, Marta Bonow e Letícia Maciel

Patrimônio, universidade e sociedade
Cláudia da Conceição Garcia e Maria Cláudia Candeia

Capítulo 6
Conservação preventiva

Conservação Preventiva: antes e após a restauração
Annelise Costa Montone e Magda Villanova Nunes

Capítulo 7
De volta ao Palácio

A leveza que incomoda
Luiz Eduardo Sarmento Araújo

A restauração das obras vandalizadas no Palácio do Planalto: preservação, contemporaneidade e reparação histórica
Rogério Carvalho

Capítulo 8
Extras

Mapa de danos das obras

Ficha técnica das obras

Bibliografia



A DEMOCRACIA É UM MOVIMENTO CONSTANTE

Gostaria de começar essas breves palavras repetindo uma frase recente do nosso presidente Lula: “A democracia não é um pacto de silêncio. É a sociedade em movimento, em permanente busca por novos avanços e conquistas. Ela nunca estará pronta. Deve ser construída a cada dia. A democracia precisa ser defendida dos extremistas que tentam fazer dela um atalho para chegar ao poder, corroê-la por dentro, e sobre suas ruínas erguerem as bases de um regime autoritário”.

Os inesquecíveis ataques ocorridos no dia 8 de janeiro de 2023, em uma ação antidemocrática e violenta, destruíram obras artísticas, danificaram os prédios tombados, tentaram atear fogo e, das mais diversas formas, atacaram as obras de arte. Atacaram o patrimônio do nosso país. Isso é um alerta que nos indica que precisamos defender coletivamente nossa democracia e nossos valores de liberdade e igualdade política.

A memória do dia 8 de janeiro precisa ser revisitada sempre, para que sirva à sociedade brasileira como um ponto de reflexão. Não podemos duvidar da força destrutiva dos extremistas, principalmente porque já tivemos prova da sua ignorância e perversidade. Destruir o patrimônio, destruir a memória, atear fogo às coisas, destruir as qualidades das pessoas, propagar a ignorância, desrespeitar o valor histórico e simbólico do nosso patrimônio material e imaterial. Querem enfraquecer o Brasil, dominando, subjugando o nosso povo e surrupiando nossas riquezas.

O dia 8 de janeiro foi um dia em que vimos a força do terrorismo atuando à luz do dia. Eu estava em Salvador e tive que vir às pressas para Brasília. Lembro que em meio àquele processo recebi alguns telefonemas, e um deles foi de Marlova Noleto, representante da Unesco, oferecendo ajuda.

Também preciso citar Luiz Fernando de Almeida e Jurema Machado, ambos ex-presidentes do Iphan, que foram de grande valia naquele momento. Da mesma forma, quero agradecer aos servidores, sem os quais não estaríamos aqui hoje.

Foi em meio a esse transtorno que no dia 9 empossamos o presidente do Iphan, Leandro Grass, os diretores do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização, Andrey Rosenthal Schlee, e do Departamento de Patrimônio Imaterial, Deyvesson Gusmão. À urgência daquele momento não cabia mais protelações. No dia 10, tivemos a autorização de visitar o prédio do Supremo Tribunal Federal (STF). Era algo indescritível. Um cenário horripilante. Não ficou nada, nem uma tomada pregada na parede. Mas graças a Deus estamos aqui, e todos nós temos a tarefa árdua e contínua, porém muito honrosa, de defender nossa democracia e de salvaguardar e proteger as memórias que constituem a nossa história como nação brasileira.

É preciso preservar a memória das nossas histórias, das lutas e resistências, para garantir no presente que esse conhecimento possa inspirar as próximas gerações na construção do futuro que desejamos coletivamente: justo e democrático, e com a cara e a identidade da nossa gente. Por tudo isso, precisamos restaurar. Essa palavra, que é mais que uma palavra, é uma ação. É uma arte e uma vocação. Para restaurar é preciso concentrar, estudar, é preciso ter força e ter leveza, paciência e coragem; restauração requer observação, percepção, pesquisa e precisão. É necessário restaurar externa e muitas vezes internamente. É muito interessante e importante a arte da restauração. Restaurar a ordem das coisas, restaurar nossa consciência cidadã, restaurar nossa fé na vida. Nossa fé na nossa gente e na arte da nossa gente.

O Brasil tem um dos patrimônios culturais e artísticos mais ricos do mundo, com uma diversidade e pluralidade de manifestações que precisamos preservar e salvaguardar. Faz parte da missão do Ministério da Cultura (MinC) incentivar a população a cada vez mais se apropriar desse poder e força, dessa beleza e majestade que estão nas nossas riquezas culturais materiais e imateriais. O processo de restauração de obras de arte é uma

prática especializada, que envolve uma série de etapas cuidadosamente planejadas para preservar e recuperar a integridade estética, histórica e estrutural de uma obra de arte.

Quero parabenizar o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e a Fundação Delfim Mendes, pela organização do evento *8 de janeiro: Diálogos sobre Conservação-Restauração Patrimônio e Democracia*, realizado em agosto de 2024, e que integra este importante projeto. Eventos como esse reforçam o nosso compromisso com o patrimônio artístico-cultural de nosso país. Quero parabenizar e agradecer a todos os restauradores e restauradoras envolvidos nessa ação, dizer que eu considero uma missão digna de uma honraria essa ação de restauração das obras que foram danificadas.

Destruir é muito fácil, reconstruir, reformar, restaurar é que exigem esforço e dedicação. A restauração é realizada de acordo com princípios éticos, como o respeito pela integridade histórica e estética da obra e a adoção de técnicas que permitam a reversibilidade, garantindo que futuras intervenções possam ser realizadas sem danos. O objetivo da restauração é preservar a obra de arte para as gerações futuras, mantendo sua integridade e prolongando sua vida útil, sempre respeitando sua originalidade e contexto histórico. Esses princípios cabem muito bem quando tratamos de preservar, lutar e defender a nossa democracia.

Margareth Menezes

Ministra da Cultura do Brasil

*Discurso proferido na abertura do evento 8 de janeiro: Diálogos Conservação-Restauração, Patrimônio e Democracia, no dia 27 de agosto de 2024.



8 DE JANEIRO DE 2023

Os livros existem para guardar o que não deve ser esquecido. No dia 8 de janeiro de 2023, a democracia brasileira foi violentada. Em um ataque criminoso, as sedes dos Três Poderes, em Brasília, foram invadidas, depredadas e vandalizadas. Um ano depois dessa data, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em seu discurso no Congresso Nacional, lembrou: “Se a tentativa de golpe fosse bem-sucedida, muito mais do que vidraças, móveis, obras de arte e objetos históricos teriam sido roubados ou destruídos. A vontade soberana do povo brasileiro, expressa nas urnas, teria sido roubada. E a democracia, destruída”¹.

O caminho que conduziu o Brasil ao Estado Democrático de Direito foi longo e desafiador. A conquista da Constituição de 1988 é um marco histórico. A partir de sua existência, o país passou a ser regido pela preocupação com o bem-estar social e com a proteção dos direitos e das garantias individuais e coletivas. O seu artigo 1º reafirma que todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos da Constituição. Em uma democracia não existe espaço para retrocessos, e a mensagem do presidente Lula sublinha essa certeza na sua declaração, no dia 8 de janeiro de 2024, durante os atos pró-democracia. “Salvamos a democracia. Mas a democracia nunca está pronta, precisa ser construída e cuidada todos os dias. A democracia é imperfeita, porque somos humanos e, portanto, imperfeitos. Mas temos, todas e todos, o dever de unir esforços para aperfeiçoá-la”¹.

Dos escombros dos atos antidemocráticos, nasceram ações fundamentais em defesa da Democracia. Este livro faz parte da parceria entre o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a Presidência da República, por meio da Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais, e a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com a expertise do Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Bens Culturais (Lacorpi/

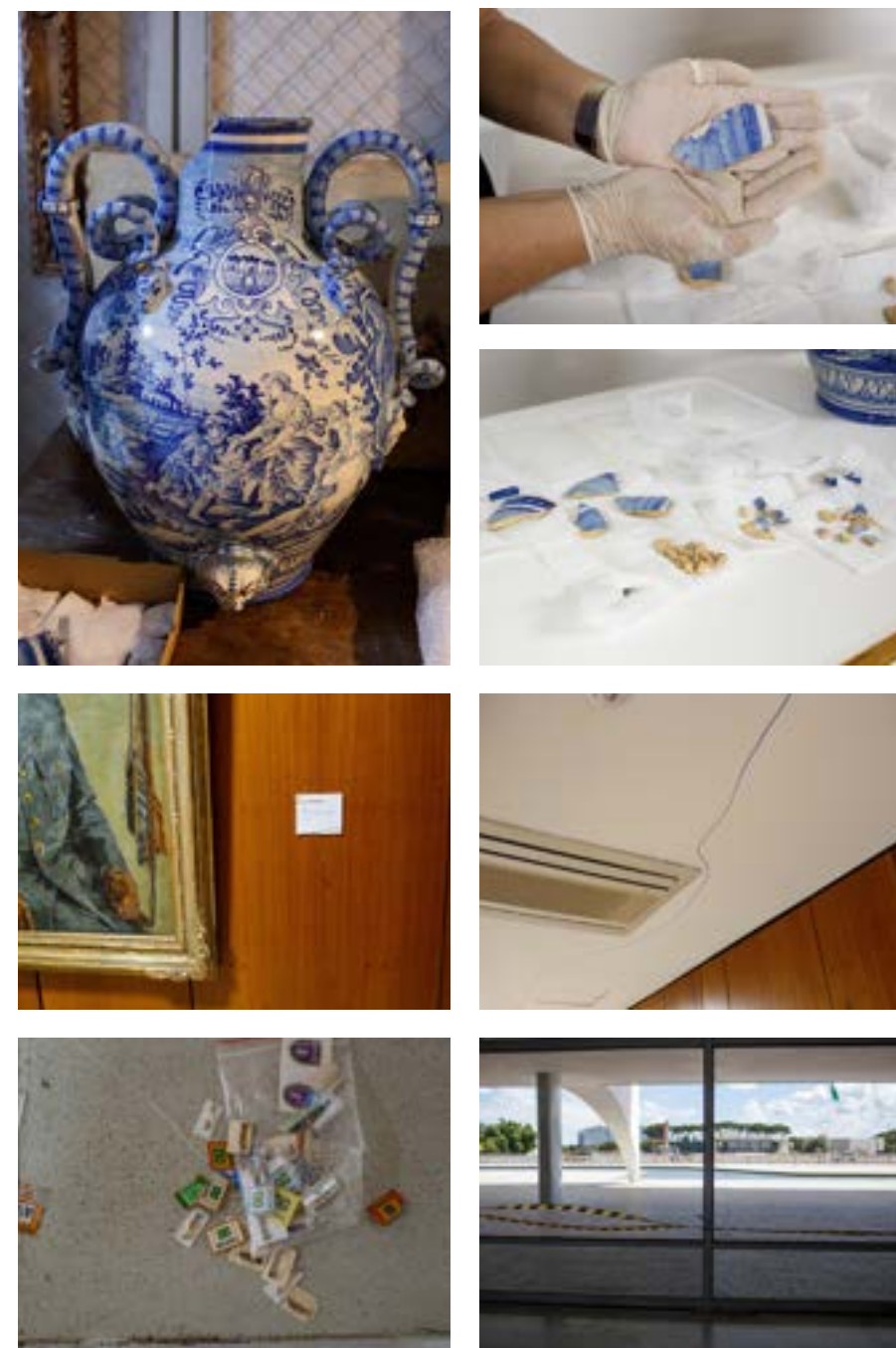
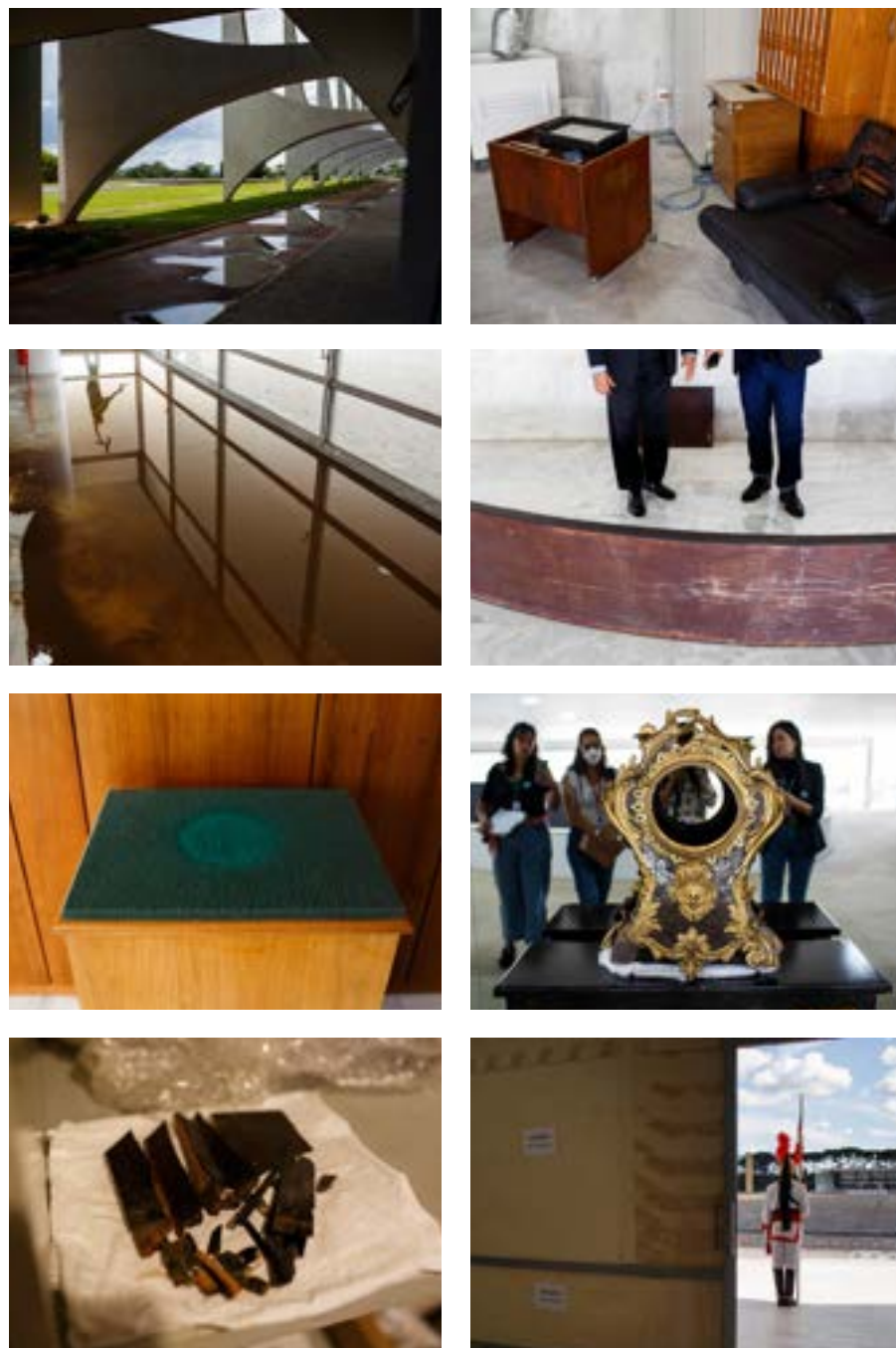
UFPeI). Esse processo coletivo resultou na restauração de vinte obras de arte que integram o acervo dos Palácios Presidenciais. O livro *Restauração – Democracia, Patrimônio e Memória* é parte deste projeto. A concepção da publicação dá luz ao processo de recuperação de obras de arte que foram golpeadas, riscadas, apunhaladas e arremessadas. Acervo este que integra o patrimônio público e representa o povo brasileiro.

Patrimônio é memória que constrói e reconstrói um presente. A preservação e a salvaguarda do Patrimônio Cultural brasileiro são atribuições de todos os entes federativos, com a contribuição da sociedade. O processo de restauração dos bens culturais vandalizados no dia 8 de janeiro de 2023 representa a valorização e promoção da democracia. A simbologia da obra de Di Cavalcanti, com sete punhaladas, é por si só uma metáfora significativa. O artista, que foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, também ajudou a elaborar uma imagem típica do Brasil com o seu modernismo popular. Ao longo dos oito capítulos deste livro, a paleta das cores de sua obra convidará os leitores a um mergulho na narrativa que o permeia: política, acadêmica e cultural.

O processo deste importante projeto e sua significância são aqui democratizados. O que ficará como registro dos atos e fatos importantes desse período será o que deixarmos. Ao compartilhamos um mesmo tempo e espaço, somos testemunhas do momento presente. Desde o presidente do Brasil à estudante que ajudou a restaurar as obras. Ou o servidor que recolheu os escombros para que pudessem estar aqui retratadas. Todos são protagonistas, assim como os leitores, partícipes do ato indelével de escrever a memória do Brasil.



Imagens do Palácio do Planalto após os ataques de 8 de janeiro de 2023. A rápida ação das equipes foi fundamental para que dos escombros dos atos antidemocráticos surgissem ações efetivas. Cada passo nesse momento foi crucial para a etapa de restauração das obras vandalizadas.



Cada fragmento da *Idria* em majólica italiana, recolhido nas primeiras horas, contribuiu para que o processo de restauração da obra pudesse ser executado.

A depredação do patrimônio alcançou proporções inimagináveis. Em todos os cantos foram encontradas marcas das ações. Os radicais quebraram vidraças, riscaram paredes atearam fogo, transformando o prédio em um verdadeiro cenário de guerra.

Acionado pela Presidência da República, o Iphan firmou parceria com a Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais (DCPP) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) para a implementação do Laboratório Aberto (Lacorpi), no Palácio da Alvorada.



Equipe da UFPel é recebida pela direção do Iphan e pela DCPP para avaliação da extensão dos danos causados às obras vandalizadas. Entre elas, a tela de Di Cavalcanti que recebeu sete punhaladas durante os atos antidemocráticos.



O processo de restauração das obras foi conduzido por uma equipe de alto nível técnico. O presidente do Iphan, Leandro Grass, compartilhou com a imprensa informações sobre a importância da ação e as etapas dos trabalhos.



A reitora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Isabela Andrade, e o presidente do Iphan, Leandro Grass, reafirmam o compromisso democrático das instituições.



DEMOCRACIA INABALADA

8 de janeiro de 2023. Uma semana após a posse do presidente Lula para o exercício do seu terceiro mandato, assistimos consternados a uma tentativa frustrada de golpe de Estado em nosso país. Mais do que apoiadores e simpatizantes do ex-presidente derrotado nas urnas, ali estavam criminosos perigosos financiados e dispostos a violentar a democracia brasileira e, por consequência, o nosso próprio povo.

Foram meses de preparação, em acampamentos montados a poucos metros do Palácio do Buriti, sede do Governo do Distrito Federal, sob os olhares e a atenção de lideranças militares e políticas. Amparados pela omissão e pela sede de ruptura institucional, os golpistas marcharam até a Praça dos Três Poderes, vilipendiaram os símbolos da República, quebraram o que viram pela frente, urinaram nos salões nobres e roubaram itens de valor que estavam no interior dos Palácios. Crimes contra o Patrimônio Cultural brasileiro que jamais podem ser esquecidos.

Fracassaram. Muitos estão condenados, outros fugiram. A democracia permaneceu inabalada e o Brasil deu importantes sinais de soberania. Prontamente, as equipes técnicas do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e dos Três Poderes atacados deram respostas para a recuperação dos danos provocados. Foram produzidos relatórios que subsidiaram as intervenções necessárias e o tratamento dos bens culturais imóveis, móveis e integrados. Em poucos dias, o STF abriu o ano judiciário no plenário, o Palácio do Planalto realizava solenidades para o lançamento de políticas públicas e o Congresso Nacional começava mais uma legislatura.

Algumas obras de arte não puderam ser recuperadas e passaram a compor os memoriais das instituições. Outras ainda aguardavam um encaminhamento à altura de sua importância. Era o caso de vinte obras que se encontravam no Palácio do Planalto, entre elas a famosa tela “As Mulatas”, de Di Cavalcanti. Foi então que, acionado pela Presidência da República, o Iphan firmou a parceria com a Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais (DCPP) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) para a implementação do Laboratório de Conservação, formado por professores e estudantes de alto nível técnico e grande compromisso democrático.

Além de recuperar peças de grande importância cultural para o Brasil, a iniciativa trouxe em sua essência o elemento central para a preservação do nosso patrimônio: a educação. Sua ausência está na raiz de tudo o que vimos no 8 de janeiro e em tantos outros crimes contra o patrimônio. Por isso, a atual gestão do Iphan reconstituiu a Coordenação Nacional de Educação Patrimonial, extinta pelo governo passado. Em todo o país estão sendo implementados projetos, parcerias e espaços para sensibilizar a população sobre a importância do nosso patrimônio. Afinal, para cuidar é preciso conhecer.

Como brasileiro e brasiliense, agradeço imensamente o trabalho cuidadoso que devolverá ao povo aquilo que é de todos nós. Junto com as peças restauradas, está o nosso amor pelo Brasil. Essa entrega representa o verdadeiro patriotismo, não o falso, que se veste de verde e amarelo e levanta a bandeira para professar ódio destruindo o que é nosso. Que deixemos para as atuais e futuras gerações um legado concreto de zelo pelo nosso patrimônio. Que a história seja contada e refletida para que tudo isso não se repita e o Brasil viva longos períodos de democracia e justiça social. Ódio e nojo ao golpismo. Viva o nosso Patrimônio Cultural. Viva a democracia brasileira.



Leandro Grass
Presidente do Instituto do
Patrimônio Histórico e Artístico
Nacional (Iphan)







A CONTRIBUIÇÃO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA NO PROCESSO DE RESTAURAÇÃO: O CASO DOS BENS DANIFICADOS EM 8 DE JANEIRO

O ataque de 8 de janeiro de 2023 foi um evento trágico e lamentável, de grande violência e desrespeito às instituições do país. Naquela ocasião, obras importantes do Palácio do Planalto foram vandalizadas, resultando em uma perda cultural e histórica significativa para a nação. Esse ato de vandalismo não apenas atentou contra a integridade do patrimônio público, mas também representou um ataque simbólico à própria democracia.

Tão logo conhecedora do ataque à democracia brasileira ocorrido em 8 de janeiro de 2023 e ciente da sua responsabilidade social, a Universidade Federal de Pelotas, por meio do seu Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, se colocou à disposição do Governo Federal para a recuperação das obras danificadas, reconhecendo a importância de preservar esses bens, que são valiosos tanto para a população brasileira quanto para a comunidade internacional.

A proposição foi recebida através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e, em seguida, iniciaram-se os trabalhos. Para isso, equipes da universidade se deslocaram até Brasília e instalaram o Laboratório Aberto junto ao Palácio da Alvorada. Os lastros da destruição eram fortes e sensíveis a todas as pessoas. Em seguida, nossa equipe especializada iniciou a aplicação de técnicas para reconstituição das obras vandalizadas. Não foi uma tarefa fácil: nossos(as) servidores docentes e técnicos(as) precisaram abandonar seus lares por dias e até meses para se dedicarem integralmente a esta importante tarefa: restaurar

as obras e, com isso, preservar a memória, na expectativa de que situações como essa não voltem a acontecer.

Esse projeto possibilitou aos nossos(as) estudantes vivenciar a futura profissão a partir da prática profissional. Já os(as) egressos(as) do Curso de Conservação e Restauração tiveram a oportunidade de praticar a profissão enquanto profissionais contratados. A atuação da UFPel na restauração das obras do Palácio do Planalto é um exemplo de como essas instituições podem mobilizar seus recursos e expertise para responder a crises e ajudar na reconstrução de bens importantes para a nação, assim como fizeram nossas instituições públicas de ensino superior gaúchas durante a crise climática sem precedentes que assolou nosso estado.

Aliás, desde o mês de maio a atuação dos profissionais da UFPel foi limitada em razão das dificuldades de voos, pois o aeroporto Salgado Filho permaneceu fechado até meados de outubro de 2024. Foi necessária a reorganização de passagens aéreas, bem como dos períodos em que nossa comunidade acadêmica desempenharia suas atividades junto ao Laboratório em Brasília. Mais uma vez, demonstramos toda nossa resiliência, e esse empecilho também foi vencido.

A possibilidade de colocar servidores(as) docentes e técnicos(as) e, principalmente, estudantes à disposição da República e em defesa da democracia retrata, mais uma vez, o papel fundamental das nossas instituições públicas de ensino superior, responsáveis por 90% do conhecimento produzido em nível nacional.

A mim, enquanto reitora da Universidade, cabe um agradecimento especial à nossa dedicada equipe da UFPel, que desde o ocorrido em 8 de janeiro não mediu esforços para desenvolver essa importante tarefa, bem como a todos os colaboradores do projetos e a todas as pessoas que apoiaram e orientaram para que esse trabalho tivesse êxito. Vale destacar o papel do Iphan, que volta a ser um potente órgão em defesa do nosso patrimônio material e imaterial brasileiro. Viva a democracia brasileira!



Isabela Fernandes Andrade
Reitora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e presidente do Fórum de Reitores das Universidades Públicas e Institutos Federais do Rio Grande do Sul





NARRATIVA DE PERTENCIMENTO

Rogério Carvalho é Arquiteto e Urbanista, formado pela Universidade de Brasília (UNB). Especialista em Arte Sacra e Pintura Brasileira, coordenou o Inventário de Bens Móveis e Integrados - INBMI/ Iphan no Distrito Federal.

Atuou como assessor no Gabinete Pessoal do Presidente da República, na Diretoria de Documentação Histórica, nos governos Lula e Dilma Rousseff. Desde janeiro de 2023 está à frente da Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais (DCPP).



A previsão para aquele 8 de janeiro de 2023 era de céu nublado e temperatura máxima de 27 graus, de acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). Ideal para o descanso, depois das emoções do domingo anterior. A cerimônia de posse do presidente Lula fora impregnada de representatividade e esperança. A semana começaria com uma agenda intensa para o arquiteto Rogério Carvalho, na recém-instituída Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais (DCPP). Curador e pesquisador em Arte Contemporânea, o largo conhecimento em obras de arte apregovava muitos afazeres. Mais do que a conservação e ambientação dos Palácios, os planos incluíam resgatar a identificação com as raízes do povo brasileiro. Na semana anterior, havia começado o trabalho, trazendo para o terceiro andar do Planalto a célebre obra de Di Cavalcanti. Exatamente pela iconografia cultural, sinônimo do artista.

Por volta das 17h30, o telefone de Rogério tocou. As notícias eram as piores. Em poucos minutos, já estava dentro do Palácio do Planalto, absolutamente perple-

xo. “A cena era de guerra, com algumas pessoas ainda correndo, sangue, vidros quebrados”, relatou. A primeira reação foi o pranto. Sentou-se e chorou em meio às marcas da violência latente. A obra realocada, agora tinha sete punhaladas, entre tantas outras atrocidades ao redor.

Da emoção inicial, veio a rápida ação. A dedicação das equipes no resgate dos destroços foi essencial para posterior etapa de restauração. Entre tantas questões, Rogério tinha uma certeza. O fortalecimento da democracia passaria por ampliar a relação de pertencimento. “O povo precisa se reconhecer no Palácio”, sentenciou. Com olhar atento, a DCPP se dedica incansavelmente a reescrever a narrativa dos Palácios. Modernismo, brasilidade e reparação histórica são a bússola desse caminho.

“A cena era de guerra, com algumas pessoas ainda correndo, sangue, vidros quebrados”



PATRIMÔNIO CULTURAL
E PROTEÇÃO

As cicatrizes deixadas pelo 8 de janeiro de 2023 ao Patrimônio Cultural brasileiro servem de reflexão. Os conceitos que nortearam a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), há quase 90 anos, permanecem vivos e caminham pela história do Brasil em constante evolução. Os pilares da democracia solidificaram a salvaguarda como essencial para a preservação da nossa preciosa memória. Diante da violência dos atos antidemocráticos, nasceu a pergunta: o que mais podemos fazer para além da restauração dos bens atingidos?

A resposta está nas entrelinhas deste livro, onde os conceitos de cidadania, pertencimento e educação são colocados em pauta. O processo de restauração das obras de arte, aqui detalhado, esteve conectado a cada um desses temas. A começar pela importância da universidade pública e gratuita como pilar fundamental no desenvolvimento da nação brasileira. Ao mesmo tempo, a necessidade de um olhar cada vez mais atento ao conceito de cidadania, estabelecido na nossa Carta Magna. Todas essas diretrizes se somam à valorização do pertencimento. A construção da identidade das gerações presentes e futuras passa por conhecer para, assim, proteger.

O trabalho do Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Bens Culturais (Lacorpi/UFPel) nos mostra que existem caminhos virtuosos nesse processo. Garantir a projeção e visibilidade da profissão do conservador-restaurador por meio da sua regulamentação é um deles. O Iphan investe na potência da Educação Patrimonial como fundamental na construção de uma sociedade cada vez mais evoluída e integrada à sua territorialidade. Por fim, a reverberação dos tantos saberes aqui compartilhados solidifica o propósito da parceria entre Iphan, UFPel e Presidência da República. O legado que fica é uma sociedade mais preparada para vencer as nuances de invisibilidade e fortalecer sua identidade cultural.

O esforço conjunto para recuperar a integridade física do patrimônio vandalizado resultou em um Termo de Execução Descentralizada (TED) entre Iphan, UFPel e Presidência da República, através da Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais (DCPP).



O resgate feito pela equipe da DCPP e servidores do Palácio do Planalto, realizado imediatamente após a destruição das obras, foi fundamental para o trabalho de restauração, assim com os laudos sobre o estado de conservação.



A estrutura do laboratório de restauração foi instalada no Palácio da Alvorada. Participaram do projeto docentes do curso de Conservação e Restauração da UFPel, bolsistas e alunos da universidade, assim como profissionais contratados exclusivamente para o projeto.



O corpo técnico do Iphan acompanhou de perto os trabalhos, ao longo de todo o ano de 2024.

O trabalho de restauração foi realizado em etapas. A equipe coordenada pela professora Andréa Lacerda Bachettini avaliou cuidadosamente cada uma das peças e estabeleceu um cronograma de trabalho. O primeiro passo foi a documentação científica das peças a serem restauradas.



O Diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização (DEPAM) do Iphan, Andrey Schlee, acompanhou os trabalhos preliminares de documentação da ânfora, uma das peças vandalizadas.



O diretor Curatorial dos Palácios Presidenciais (DCPP), Rogério Carvalho, vistoriou os danos causados na obra *Galhos e Sombras*, de Frans Krajcberg, juntamente com Andrey Schlee.



Bolsistas e docente da UFPel, juntamente com diretoria do Iphan e DCP, durante visitação ao laboratório, no Palácio da Alvorada.



PERDEU, MANÉ!

O ano de 2023 deverá entrar para a história. Revelou-se em efusiva festa popular, com a emocionante posse do presidente da República. Em seu discurso frente ao Congresso Nacional, Luiz Inácio Lula da Silva afirmou: “Hoje, nossa mensagem ao Brasil é de esperança e reconstrução. O grande edifício de direitos, de soberania e de desenvolvimento que esta Nação levantou, a partir de 1988, vinha sendo sistematicamente demolido nos anos recentes. É para reerguer este edifício de direitos e valores nacionais que vamos dirigir todos os nossos esforços”. Estabelecida a orientação, e com o mesmo sentido de reconstrução, à Presidência juntaram-se o recriado Ministério da Cultura e o resiliente Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Mas para lembrar que a Democracia exige vigilância e dedicação constantes, logo em 8 de janeiro, o Brasil assistiu ao grotesco espetáculo terrorista que vandalizou palácios e marcos do Estado Democrático de Direito. Tudo isso, num recorte temporal de apenas uma semana de um nascente ano!

Perplexo, circulei pelas sedes dos Três Poderes, testemunhando o nível da selvageria a que chegaram brasileiros autodenominados “patriotas”, muitos dos quais vestindo a camiseta “canarinho” – sequestrada pela extrema-direita, assim como outros símbolos nacionais. Revelador e sintomático foi constatar que, entre os destroços de 8 de janeiro, estavam a pisoteada pintura a *Bandeira do Brasil*, de Jorge Eduardo; o quebrado busto da *Justiça*, de Alfredo Ceschiatti; e o exemplar queimado da *Constituição de 88*, a Cidadã.

Mas a horda golpista não poupou nada. Depois de anos apostando no conservadorismo social, no negacionismo científico e no combate à cultura, trataram de destruir o que estava ao alcance. Tudo o que poderia ser rasgado, perfurado, riscado, queimado, arremessado... Di Cavalcanti, Bruno Jorge, Frans Krajcberg, Sérgio Rodrigues, Oscar Niemeyer, Sebastião Salgado, Athos Bulcão, Marianne Peretti, entre tantos outros artistas.

Dos escombros de 8 de janeiro nasceram ações fundamentais em defesa da Democracia. Mutirões de limpeza, higienização e conservação permitiram que os palácios do Planalto, do Supremo Tribunal Federal e do Congresso Nacional rapidamente voltassem a funcionar, enquanto os bens móveis ou integrados danificados foram destinados a um cuidadoso processo de restauração. É o que pode ser constatado por meio das publicações *8.1.2023 – #democraciainabalada*¹ e *Restaurando a Democracia*².

Hoje, é possível afirmar que o Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do Iphan, em consonância com as diretrizes estabelecidas pela ministra Margareth Menezes e pelo presidente Leandro Grass, contribuiu de forma inequívoca para a preservação do acervo do Palácio do Planalto. Estabelecida parceria com a Diretoria de Documentação Histórica da Presidência da República, foi assinado um Termo de Execução Descentralizada com a Universidade Federal de Pelotas, de maneira a garantir que o Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis desenvolvesse o ambicioso projeto: *Patrimônio Cultural dos Palácios Presidenciais – valorização e promoção da democracia a partir da conservação-restauração dos bens culturais vandalizados* (2023). Digo “ambicioso” porque todo ele é desenhado de maneira a garantir ou cumprir cinco premissas fundamentais: a capacidade técnica, a excelência acadêmica, a formação profissional, a educação patrimonial e a ação *in loco* – uma vez que todos os restauros foram executados em laboratório especialmente montado no Palácio da Alvorada.

Assim, enquanto o STJ julga, e muitas vezes condena, os envolvidos nos atos antidemocráticos de 8 de janeiro, pela prática dos crimes de associação criminosa armada, abolição violenta do Estado Democrático de Direito, tentativa de golpe de Estado, dano qualificado e deterioração de patrimônio tombado, nós, responsáveis pela salvaguarda federal destes mesmos bens, seguimos cumprindo com nossa missão de promover a preservação do Patrimônio Cultural brasileiro de forma sustentável, contribuindo para a cidadania plena e para o reconhecimento, valorização e difusão da diversidade cultural do povo brasileiro.

Com a certeza de avanços futuros, sempre na defesa e reafirmação do Estado Democrático de Direito, agradeço aos servidores da Coordenação Geral de Conservação e do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do Iphan que, desde 2023, colaboraram com os resultados qualitativos e quantitativos alcançados, de maneira que, das imagens de 8 de janeiro, atualmente, só lembro da premonitória pichação: “Perdeu mané!”*



Andrey Rosenthal Schlee
Diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização (DEPAM) do Iphan

* “Perdeu, mané!” foi a expressão usada pelo Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Luís Roberto Barroso, em Nova Iorque, ao ser interpelado na rua, em 15 de novembro de 2022, sobre o resultado das eleições.





MEMÓRIA EM MOVIMENTO: O RESTAURO DOS BENS CULTURAIS MÓVEIS ENQUANTO FORMA DE DIÁLOGO

O Patrimônio Cultural não é feito mais de madeira, tecido e tinta do que de desejos, recordações e críticas. O significado de um bem cultural não é imanente; é construído e reconstruído em um diálogo constante entre todos(as) que o têm como alguma referência (seja de afeto ou desafeto). Portanto, o relato contido nestas linhas tem a declarada pretensão de comunicar sobre pessoas. Sobretudo pessoas que incansavelmente dedicam suas vidas ao trabalho de preservar o Patrimônio Cultural em um sentido muito amplo. No dia 8 de janeiro de 2023, pessoas destruíram, pessoas choraram, pessoas procuraram e recolheram cacos. Este livro foi feito para você, que vai seguir adiante, querendo saber algo mais sobre o que se passou. Foram algumas horas de destruição intensa; a partir de então, muitos meses se passaram de trabalho feito a muitas mãos para recuperar o que não foi totalmente perdido.

Logo após os ataques, servidores do Iphan (da Superintendência do Distrito Federal e da Sede Nacional) fizeram vistorias que percorreram todo o perímetro da Praça dos Três Poderes e suas edificações, com olhares atentos a toda destruição. Ainda havia gás lacrimogêneo no ar, pilhas de detritos, cartuchos de bala vazios espalhados e poças de água e de dejetos. Entre medições, fotografias e anotações, essa equipe de servidores (nós, autoras, incluídas) também conversou muito com as pessoas que trabalham na preservação dos bens culturais nas instituições afetadas.

De todas as conversas, a Presidência da República mostrou uma vulnerabilidade particular, pois, diferente das demais instituições que já contavam com equipes estabelecidas, laboratórios de restauração e mesmo planos de gestão de risco elaborados, na Presidência esse caminho estava se iniciando. A Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais havia sido criada recentemente, e por isso não contava ainda com um quadro fixo de profissionais, o que aumentou a complexidade do desafio de recuperação dos bens vandalizados. Foi com muita tenacidade que a equipe da Diretoria Curatorial procurou e resgatou fragmentos, os embalaram e os guardaram, por menores que eles fossem. Trabalho enorme de reconstrução do tipo que só muitas pessoas dedicadas ao propósito conseguem fazer. Mas para restaurar os bens danificados, precisavam de auxílio especializado – precisavam de equipamentos, mas, principalmente, de conservadores-restauradores de bens culturais móveis.

Mediante a celebração de Acordo de Cooperação Técnica com o Iphan, iniciou-se um movimento de busca por caminhos para o restauro, que teve como objetivo central promover a conservação e restauração dos bens artísticos e culturais pertencentes ao acervo da Presidência. Nesse contexto, a recuperação das obras vandalizadas necessitava de uma ação que refletisse a importância da preservação, trazendo a necessidade de ações estruturantes e educativas associadas ao restauro, para além do retorno da integridade formal de cada bem.

Inspirado nas experiências dos Canteiros Modelos de Conservação, cujas ações integradas de preservação tiveram resultados positivos a partir do envolvimento de universidades federais, através de Termos de Execução Descentralizada (TED), o IPHAN buscou envolver instituições de ensino superior na demanda apresentada pela Presidência da República. A Universidade Federal de Pelotas (UFPel) foi convidada para o trabalho e mostrou-se qualificada para executar as ações de conservação-restauração, respaldada na vasta experiência adquirida ao longo dos dez anos de atividades de docência desenvolvidas no curso de bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis mas, também, nas atividades de extensão que ultrapassavam os muros da universidade. A equipe, após visita

técnica aos Palácios, e em diálogos com servidores do Iphan, apresentou um Plano de Trabalho que não só abordou o restauro, mas também incorporou reflexões críticas e propostas de ações educativas.

Do TED celebrado entre o Iphan e UFPel resultou a montagem de um laboratório de restauro nas dependências do Palácio da Alvorada, sob a coordenação técnica da universidade, em estreita colaboração com a Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais e o Iphan. Talvez o fruto mais valioso do trabalho tenha sido justamente a cooperação interinstitucional sem precedentes para a recuperação de bens culturais móveis, que colocou conservadores-restauradores, que ainda lutam pelo reconhecimento da profissão, enquanto agentes destacados em todo o processo.

Esse trabalho colocou em evidência a diversidade e profundidade de conhecimento que esses profissionais compartilham com todos, ao apresentar não apenas os bens recuperados por mãos habilidosas que empunham espátulas, linhas, agulhas, pincéis, mas também estudos científicos sobre os materiais que os compõem, sua simbologia, as relações humanas que circundam a história de cada objeto, evidenciando a relação delicada de interferir em processos de perda com paciência, delicadeza e desejo intenso de possibilitar a construção de algo a partir do completo caos.

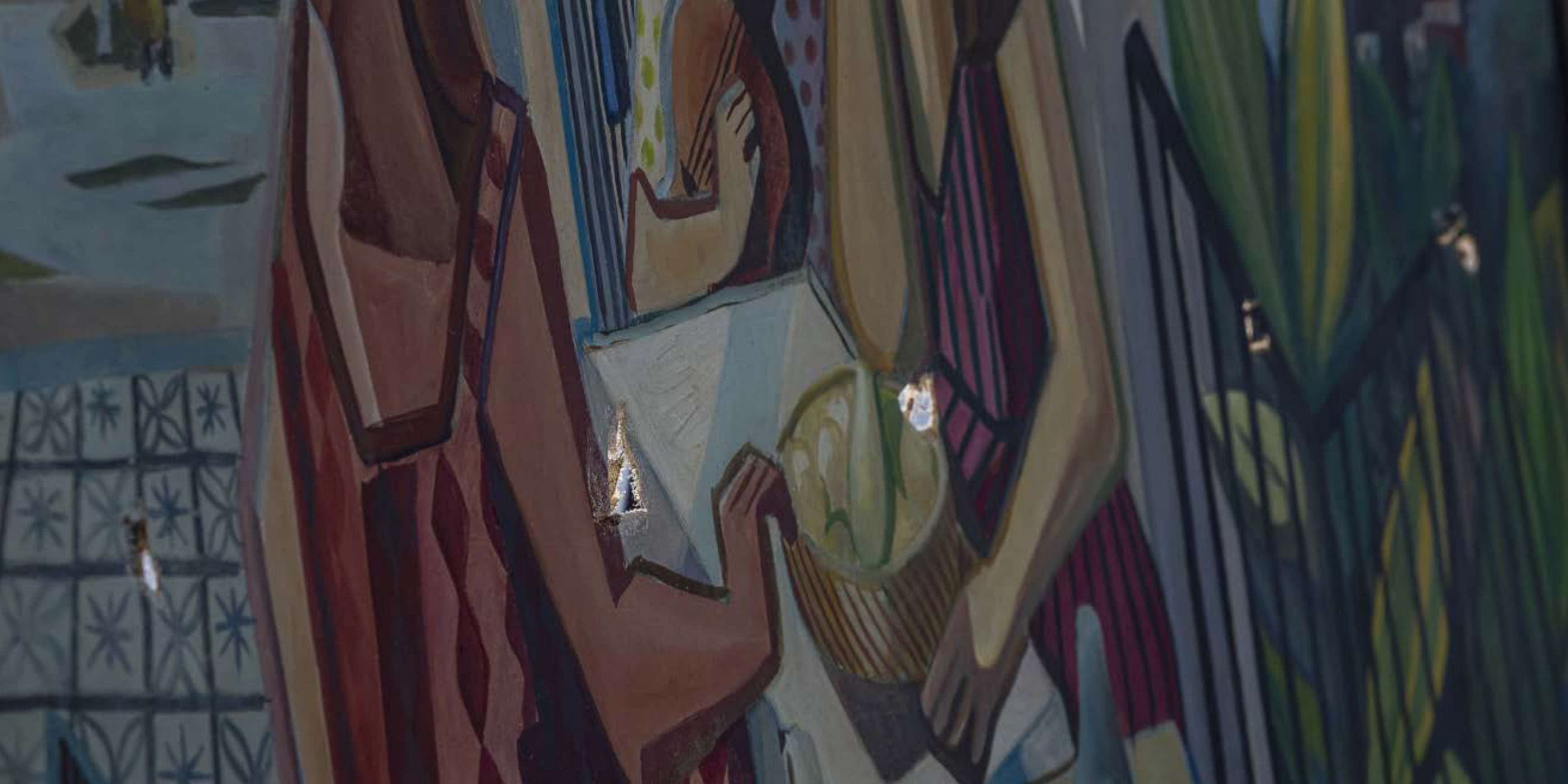
A recuperação das obras vandalizadas no dia 8 de janeiro de 2023 é um exemplo emblemático de como a preservação do Patrimônio Cultural requer necessariamente a articulação de ações estruturantes com a participação de muitas pessoas em estreito diálogo. O Iphan, em parceria com a UFPel, demonstrou que o restauro é um ato de resistência e de reafirmação da importância da memória para a relação de pertencimento de cada pessoa a algo mais amplo: ao campo de ideias, símbolos e afetos que dizem respeito à convivência. O trabalho ao qual nos referimos foi realizado com dedicação e sensibilidade, e é uma homenagem ao Patrimônio Cultural. Sobretudo, é um convite para o envolvimento de todos(as) brasileiros(as) no diálogo constante com a memória de nosso país. Continuemos a conversar entre nós. Objetos não podem falar sozinhos.



Virgynia Corradi
Conservadora-restauradora
de Bens Culturais Móveis do Iphan



Ana Cláudia Magalhães
Conservadora-restauradora
de Bens Culturais Móveis do Iphan



CONHECIMENTO COMO HERANÇA

Ana Cláudia Vasconcellos Magalhães é servidora federal, conservadora-restauradora de Bens Culturais Móveis do Iphan desde 2013.

É graduada em História e em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade Federal de Alagoas, onde fez mestrado e doutorado em Arquitetura.

Tem especialização em Cultura e Arte Barroca pela Universidade Federal de Ouro Preto e especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis pela Universidade Federal de Minas Gerais.

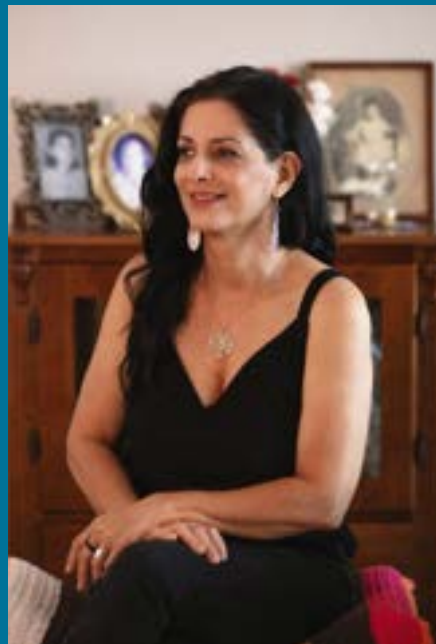


Foto: Catarina Magalhães de Vasconcellos

Os olhos curiosos de Ana Cláudia Vasconcellos Magalhães não couberam em Porto Real do Colégio, cidade plantada no Baixo São Francisco, em Alagoas. Aos 11 anos, ouviu da mãe a decisão de migrar com a família para um lugar mais perto de uma universidade, Maceió. Parecia prever que a filha seria uma incansável garimpeira de conhecimento.

Não bastasse a formação em Arquitetura e Urbanismo e a especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, tinha ainda o encantamento por cursar História. Era 2004, quando fez parte da recém-criada divisão técnica do Iphan, em Alagoas. Ainda levaria cinco anos entre mestrado e doutorado, até aportar como concursada do órgão, em Brasília. Saiu de terras úmidas para a seca do cerrado. Outros encantos, outros afetos em meio ao cotidiano de salvaguarda do patrimônio, unindo tudo que coletou durante sua caminhada. Em uma cidade nova, dedicou-se à potência das políticas públicas em favor da preservação. “O Iphan contribui para que o patrimônio se mantenha vivo, e contribui para

sua ressignificação no tempo e no espaço”, resume.

Ao recordar os atos de 8 de janeiro de 2023, analisa que o nível de ódio dos vândalos era de destruição. “O que aconteceu foi horrível, sem dúvidas, mas teve reverberações importantes, como trazer à tona um patrimônio que é coletivo”. Com a visibilidade a esse acervo, ela acredita que todos se sentiram atingidos. “Criou-se uma relação de pertencimento com as obras: como alguém destrói o que é nosso?”. Ela observa que o Brasil inteiro ficou conhecendo de fato uma obra, como a de Di Cavalcanti, tão representativa.

Ana Cláudia destaca ainda a atuação do conservador-restaurador, demarcando um novo momento para a profissão. A união de forças, trazendo a universidade pública com sua interdisciplinaridade, foi um grande acerto, segundo ela, para além do processo de restauração, produzindo novas descobertas sobre as obras. “Apesar de todo problema causado à matéria, nossa grande herança desse episódio será o conhecimento”, finaliza.

“O Iphan contribui para que o patrimônio se mantenha vivo, e contribui para sua ressignificação no tempo e no espaço”



O CAMINHO DA
RESTAURAÇÃO

O tempo da restauração tem ritmo próprio. Quando a equipe do Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Pinturas (Lacorpi/UFPel) ofereceu seu conhecimento para atuar na restauração das obras vandalizadas em 8 de janeiro de 2023, sabia que seriam grandes os desafios. Dificuldades menores, frente o compromisso com a valorização e promoção da democracia a partir da conservação-restauração dos bens culturais. Mais do que os 2,3 mil quilômetros que separam Brasília de Pelotas, estruturar um laboratório com toda disponibilidade técnica e material apropriado, pressupõe uma infinidade de detalhes. Mesmo assim, no dia 2 de janeiro de 2024, o Palácio da Alvorada já dispunha de um espaço para a restauração de 20 obras dos Palácios Presidenciais.

O conjunto de obras de arte composto por 16 pinturas, uma escultura em madeira, duas esculturas em metais e uma em cerâmica passaria por todas as etapas do processo para serem devolvidos aos Palácios em dezembro de 2024. Para orquestrar um trabalho que pressupunha metódicas etapas a equipe coordenada pela professora Andréa Lacerda Bachettini contou com conhecimentos interdisciplinares de vários atores. Docentes da UFPel, pesquisadores, alunos bolsistas e egressos do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis. Um verdadeiro coletivo de saberes atuando em cada uma das etapas. A Universidade Federal de Pelotas (UFPel) é uma das quatro instituições no país com graduação dedicada à conservação-restauração de bens culturais móveis com bacharelado dedicado às especialidades de pintura, obras em papel e mobiliário em madeira. Desde 2008 a universidade prepara profissionais para contribuir com a preservação da memória social do Brasil.

O primeiro passo na restauração das obras foi a avaliação dos danos sofridos. A professora Andréa Bachettini coordenou a equipe que ao longo dos meses do projeto realizou um minucioso trabalho. A tela de Di Cavalcanti foi uma das mais avariadas. Com sete rasgos, contou com o olhar atento das egressas do curso de Conservação e Restauração, Nathânia Silva e Mariana Plantz, e com a experiência da conservadora-restauradora Keli Scolari.



A restauração da obra óleo sobre tela de Di Cavalcanti foi desafiadora. A brutalidade com que foi atingida resultou, além dos rasgos, em danos ao bastidor e ao tecido de reentelamento. Datada de 1962 e carregada de representatividade do Modernismo brasileiro, a peça passou por um minucioso trabalho de restauração.



A escultura em bronze *Vênus Apocalítica* Fragmentando-se passou por uma profunda intervenção para sua reintegração. O conservador-restaurador Târsis Gradaschi, egresso da UFPel, precisou realizar o corte na parte superior e ainda utilizou hastes no seu interior para soldar e possibilitar a reestruturação das formas originais. Na etapa final houve a recomposição da pátina química.



Com várias fraturas e partes trincadas a obra *O Flautista*, de Bruno Giorgi, passou primeiramente pelo processo de análise de material e posterior soldagem para consolidação das fraturas. Por se tratar de uma obra de tamanho considerável, a precisão no alinhamento das peças foi fundamental.

A professora Karen Caldas foi a responsável pela documentação científica das imagens das obras. A documentação científica por imagem é fundamental nos processos de restauração. Essa etapa preliminar registra o estado de conservação da obra e contribui para um diagnóstico preciso, a partir das fotografias dos exames geradas com diferentes fontes luminosas. Trata-se de uma ferramenta indispensável para avaliar a real extensão dos danos e amparar as decisões das equipes.



Cada radiação luminosa revela danos dentro das suas especificidades. Na fotografia de fluorescência induzida por radiação ultravioleta (UV), por exemplo, é possível evidenciar informações não observadas sob luz natural porque os compostos dos materiais emitem uma fluorescência específica quando excitados pela luz UV.



Na fotografia técnica podem ser necessários equipamentos, acessórios e radiações luminosas diferentes, dependendo do objetivo do registro.



Na macrofotografia, por exemplo, é necessária a utilização de uma lente específica para esse fim, a qual é capaz de produzir imagens que revelam detalhes muito pequenos, dificilmente visíveis sem o uso de instrumentos de ampliação. Todos esses registros contribuem para o diagnóstico do estado de conservação, que é sintetizado visualmente no mapa de danos (Capítulo 8).





A RESTAURAÇÃO DAS OBRAS DE ARTE VANDALIZADAS EM 8 DE JANEIRO DE 2023

Pensar na execução do projeto de restauração do conjunto de obras de artes vandalizadas no dia 8 de janeiro no Palácio do Planalto não foi uma tarefa fácil. O convite para a realização desse desafio chegou, em agosto de 2023, pelo Iphan.

A partir dessa data, a equipe do Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Pinturas (Lacorpi), do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), debruçou-se com todos os seus esforços sobre o planejamento dessa ação que iria acontecer fora dos muros da Universidade, em outra cidade, em outro estado. Só isso já representava um enorme desafio para a equipe. Além da restauração das vinte obras de arte, tínhamos que pensar na formação do grupo de trabalho, definir quem ficaria em Brasília em tempo integral para a execução da restauração, reunir os profissionais para atuarem por um período em Brasília e envolver os alunos do curso.

Além disso, era também necessário resolver a compra dos insumos e dos equipamentos para restauração, a logística de deslocamento da equipe, a hospedagem, as passagens aéreas, tudo em um tempo recorde. Somava-se a isso todo o processo de cadastro para a ação do projeto dentro da UFPel, a tramitação da assinatura do Termo Execução Descentralizada (TED) entre o Iphan e a UFPel e, também, a realização do contrato entre a UFPel e a Fundação Delfim Mendes Silveira (FDMS), para o gerenciamento dos recursos.

Depois de vencermos todas as questões que envolveram o rito jurídico e processual relacionado ao projeto, para garantir a lisura e conformidade legal da sua execução, chegou a hora da equipe se instalar em Brasília. Nossa chegada ao Distrito Federal foi marcada para o dia 2 de janeiro de 2024.

Chegamos com muitas expectativas e cientes da responsabilidade que implicaria esse trabalho, que não se limita apenas à restauração da materialidade das obras de arte vandalizadas, pois também envolve a reafirmação dos valores simbólicos que elas representam.

Aquele domingo, dia 8 de janeiro de 2023, foi um dia triste para a democracia em nosso país. A violência física que os Três Poderes sofreram talvez seja o maior ultraje aos valores democráticos, presenciado em tempo real, através das emissoras de televisão e via internet.

Aqui, um parêntese: naquele momento, o grupo de professores, técnicos e alunos do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais redigiu um documento coletivo, colocando-se à disposição para colaborar na recuperação das obras vandalizadas. Solicitamos à reitoria da UFPel que oferecesse a nossa ajuda às instituições atingidas. O Iphan respondeu, e assim chegamos a Brasília.

Foram muitos os atores envolvidos nesse projeto que nos emociona até hoje, sobretudo quando lembramos do primeiro contato com as obras vandalizadas nas reservas técnicas da Presidência da República do Palácio do Planalto e do Palácio da Alvorada, administradas pela Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais (DCPP).

O local inicialmente disponibilizado, pela DCPP, para funcionar o Lacorpi em Brasília foi o subsolo da Capela da Nossa Senhora da Alvorada. Para lá foram levadas algumas obras após o ataque do dia 8 de janeiro. Com o avanço do projeto, para facilitar a locomoção da equipe e para melhor funcionamento do Lacorpi, a administração dos Palácios Presidenciais disponibilizou e adequou uma área junto à reserva técnica do Palácio da Alvorada.

Foi no subsolo da Capela que encontramos a pintura de Di Cavalcanti com as sete punhaladas sofridas, que ocasionaram a ruptura do seu tecido e a quebra do seu bastidor. Naquele momento, sabíamos que a restauração dessa pintura não poderia esconder a agressão recebida. Foi como se estivéssemos sentindo aquela agressão. Poderíamos comparar a sensação sentida com as “sete chagas de Cristo” ou as “sete dores de Nossa Senhora”, tamanha a violência.

Este capítulo fala sobre o processo de restauração que esse acervo passou no ano de 2024. Para isso, é importante lembrar que a restauração é um ato crítico e que deve levar em consideração critérios estabelecidos pelos organismos internacionais da área da conservação-restauração. Portanto, a restauração desse acervo foi conduzida dentro dos parâmetros éticos que consideram a compatibilidade dos materiais, a retratabilidade, a intervenção restrita ao mínimo necessário e o absoluto respeito ao original.

Sarrazin¹, p. 77 diz que

o ato da restauração é, de fato, uma intervenção sobre a matéria da obra, com a consciência nítida de sua vulnerabilidade e de seu caráter insubstituível. Contudo, um projeto de restauração não é simplesmente uma proposta técnica; ele se complementa por outras considerações de ordem científica, mas também histórica que evoluem e se transformam em cada época.

As pinturas sobre suporte em tela que foram restauradas são: *Mulatas à Mesa* (atribuído), de Emiliano Di Cavalcanti; *Retrato do Duque de Caxias*, de Oswaldo Teixeira; *Rosas e Brancos Suspensos*, de J. Paulo (José Paulo Moreira da Fonseca); *Casarios*, de Dario Mecatti; *Sem título*, de Dario Mecatti; *Cena de Café*, de Clóvis Graciano; *Paisagem do Rio* (atribuído), de Armando Viana; *Matrix e Grade no 1º Plano*, de Ivan Marquetti; *Cotswold Town*, de John Piper e *Borboletas e Pássaros* (atribuído), de Grauben do Monte Lima.

A metodologia para restauração das pinturas no suporte têxtil se deu a partir da observação e análise das próprias obras. O tratamento foi iniciado pela fixação da camada pictórica e pelo seu faceamento com papel japonês, para proteção durante a desmontagem das pinturas de suas molduras, que foram trabalhadas concomitantemente. Após, realizamos a desmontagem das telas dos seus bastidores de sustentação. Alguns deles foram trocados por serem fixos ou estarem com seus montantes de madeira fragilizados.

Depois da proteção e desmontagem das obras, realizamos a higienização mecânica do verso das pinturas e a remoção de intervenções anteriores no suporte, como reentelamentos e enxertos. A partir daí, executamos as obturações, as costuras e os enxertos nos rasgos e em perfurações que existiam no suporte têxtil. Também confeccionamos os reforços de bordas com linho puro belga.

As obras foram planificadas e entrefolhadas com papel siliconado sob um vidro e pedras, enquanto aguardávamos a fixação da camada pictórica e colagem dos reforços de borda e reentelamentos na mesa térmica. Os reforços foram aderidos às bordas das telas originais para fortalecê-las na hora do tensionamento do tecido no novo bastidor ou no bastidor original, quando foi o caso.

Os reentelamentos são utilizados quando o suporte têxtil original está muito fragilizado. O procedimento consiste na adesão de um novo tecido ao tecido original: este novo tecido é adequadamente preparado e tem o objetivo de dar sustentação ao tecido original. Uma das razões mais importantes que determinam a necessidade de se reentelar uma obra é a sua fragilidade, seja pelo envelhecimento ou por outros motivos, como numerosas rupturas das fibras, rasgos ou ainda a ausência de bordas para o tensionamento. Outro motivo pode ser a falta de resistência na origem da feitura da pintura, como no caso de telas muito finas em que foram empregadas técnicas pictóricas com muitas cargas ou empastes².

Quando necessário, as pinturas foram reenteladas com tecido de poliéster transparente para não esconder informações nos versos das pinturas, tais como assinaturas e títulos, ou até mesmo os enxertos que foram confeccionados para complementar os rasgos ocasionados pelo vandalismo que sofreram.

Depois de tensionadas em seus bastidores, a etapa seguinte foi a remoção de repinturas e a limpeza química das camadas pictóricas. Após a limpeza química, aplicamos um verniz de interface para saturação das cores e delimitação das áreas de intervenções na camada pictórica original. O nivelamento das lacunas foi realizado para que recebessem a reintegração pictórica.

A técnica de reintegração utilizada na maioria das pinturas foi o pontilhismo. Para Bailão³, p. 59,

a técnica de reintegração pictórica ‘pontilhismo’ trata-se de um conjunto de pontos de cores puras justapostas que podem ser adaptadas a pinturas antigas e a pinturas recentes. Consoante a superfície pictórica original ou a própria textura do suporte, o tamanho e a distância dos pontos, o pontilhismo pode resultar numa reintegração diferenciada ou ilusionista. Neste último caso, os pontos realizados são tão pequenos que o olho humano não consegue apreciá-los a não ser com a ajuda de um instrumento óptico de aumento.

Para finalizar, todas as pinturas receberam uma camada de verniz de proteção por aspersão. As molduras também foram restauradas. Elas passaram pelas etapas de higienização e imunização para prevenção de ataque de insetos xilófagos. Posteriormente, removemos purpurinas, repinturas e ferragens antigas, realizamos os moldes para a reconstituição das partes faltantes que foram fixadas nas molduras, os nivelamentos das áreas faltantes e, quando necessário, aplicamos o bolo armênio para receber o douramento ou a folha de prata, ou ainda a reintegração pictórica. As molduras também receberam aplicação de camada de proteção na frente e no verso do suporte.

As obras em suporte madeira são cinco pinturas de Glênio Bianchetti, *Músico 01, 02, 03, 04, 05* (atribuídos). Elas receberam o mesmo método de aplicação dos procedimentos restaurativos das anteriores com o suporte têxtil, que inclui: fixação da camada pictórica, faceamento, desmontagem das pinturas das molduras, limpeza química da frente e do verso e aplicação do verniz de interface. As lacunas da camada pictórica foram niveladas e receberam a reintegração pictórica, que foi realizada utilizando a técnica do pontilhismo com o uso do pigmento verniz. Para finalizar, aplicamos o verniz final nas cinco pinturas. As molduras receberam higienização e complementação das partes faltantes, que foram niveladas e reintegradas, além de receberem uma camada de proteção.

A obra tridimensional *Galhos e Sombras*, de Frans Krajcberg, foi uma restauração complexa, devido à grande quantidade de fraturas dos galhos e aos muitos fragmentos que estavam com as fibras maceradas. Primeiro, removemos da base os fragmentos dos galhos que haviam sido quebrados. Depois, realizamos a limpeza mecânica e química, e em seguida a consolidação dos fragmentos, para sua posterior remontagem. Efetuamos também o nivelamento das lacunas e a reintegração pictórica em outros locais da obra que não somente os “galhos”. No verso, removemos adesivos de intervenções anteriores, além de fitas adesivas, que foram também lixadas com lixa muito fina, para dar um bom acabamento, e ainda preenchemos as áreas com perdas de suporte utilizando massa de consolidação.

Depois, executamos o nivelamento com massa de nivelamento e a reintegração cromática com aquarela e guache. Os galhos que haviam sido retirados, para melhor consolidação, foram fixados com adesivo que suportasse seu peso, e no verso foi colocado um parafuso de reforço e inseridos pinos metálicos. Os pinos metálicos foram utilizados em pontos estratégicos para sustentação estrutural, apenas onde o peso dos galhos não seria suportado por pinos de bambu. Para finalização, reintegramos a camada pictórica com a técnica de ilusionista ou mimética, que tenta imitar a pintura original na sua cor e textura, e aplicamos a camada de proteção.

A restauração do objeto tridimensional *Idria*, em majólica italiana (ânfora cerâmica), recebeu uma atenção especial por parte da equipe, por ser a única peça em cerâmica entre as vinte peças restauradas e, principalmente, por seu estado de conservação. Ela estava muito fragilizada e estilhaçada em centenas de pedaços. O processo envolveu uma minuciosa catalogação dos seus fragmentos, que foram numerados para facilitar a colagem. Após realizada a catalogação e o registro da forma que seria feita a colagem, iniciamos a limpeza mecânica e química com *swab* para remoção dos excessos de adesivos, como etiquetas e intervenções anteriores.

Posteriormente, realizamos a remoção de um fragmento fixado erroneamente em uma intervenção anterior. Para isso, utilizamos uma fonte de calor e fixamos os fragmentos novamente com o adesivo. Em seguida, fizemos a montagem provisória dos fragmentos que serviriam de base para a montagem definitiva e o registro fotográfico, para termos como referência na montagem definitiva, e depois executamos a montagem definitiva dos fragmentos.

A etapa subsequente foi a reconstituição das partes faltantes. Para isso, desenvolvemos dois protótipos da parte faltante do adorno (rabo da cobra) e produzimos uma cópia de cada protótipo com massa de poliéster. Esse material é muito utilizado na restauração de peças cerâmicas, principalmente quando a superfície necessita de resistência, durabilidade e acabamento liso. Esse tipo de acabamento permite uma reintegração cromática mais precisa, pois as superfícies cerâmicas vidradas são muito lisas e brilhantes.

É importante destacar que, para garantir a consolidação das três partes da alça da *Idria*, foram inseridos pinos estruturais em ambos os lados, proporcionando maior solidez. Depois, trabalhamos na inserção de dois pinos de metal, para consolidar o fragmento original com as partes reconstituídas, e, também, no nivelamento com massa e lixamento. Em seguida, aplicamos uma camada de preparação com primer, utilizando um aerógrafo, e lixamos. Após, executamos o nivelamento e a reintegração

cromática na técnica ilusionista ou mimética, seguindo os critérios apresentados por Bailão³, p. 47, que diz:

Mimética ou ilusionista consiste na reintegração da cor, da forma e da textura das zonas em falta com o objetivo de ser invisível para o observador comum. Este método pretende igualar as cores das áreas reintegradas às cores originais circundantes, assemelhando-se, por vezes, em situações pouco honestas, quando não se respeita os limites periféricos da lacuna, à falsificação ou falso histórico. Nesses casos, a criatividade e gosto pessoal do conservador-restaurador adquire protagonismo, imitando ou reconstruindo formas e cores das quais não existem referências na pintura.

Realizamos, também, a reintegração cromática com tinta à base de poliéster para o fundo e tinta aquarela para a reintegração da pintura decorativa, com pincel, no corpo da cerâmica. Ao final, aplicamos o verniz.

O projeto de restauração desse importante acervo foi discutido e ponderado pela equipe de professores e conservadores-restauradores da UFPel, em conjunto com os profissionais do Iphan e da DCP. Ao optarmos por uma determinada intervenção, levamos em consideração a história de cada objeto, os exames realizados, a análise da sua documentação e o seu estado de conservação, devido à agressão que essas obras sofreram, bem como o fato de que algumas já apresentavam intervenções anteriores e o envelhecimento natural próprio da matéria. As obras passaram por um criterioso processo de restauração, muito bem documentado, o que servirá para o acompanhamento e monitoramento por meio de ações de conservação preventiva. Essas ações constarão em um manual, que será entregue ao Iphan e à DCP no cumprimento das metas que integram o TED.

A catástrofe climática que acometeu o Rio Grande do Sul em maio de 2024 impôs uma dificuldade a mais ao nosso projeto, afetando a logística de suprimentos e deslocamento de pessoal. Contudo, a equipe conseguiu readequar o cronograma, mantendo os prazos de execução da restauração.

Para finalizar, gostaríamos de reafirmar o compromisso do Lacorpi na construção do conhecimento sobre a conservação-restauração dos bens culturais, a partir da análise, observação e realização do processo de restauração propriamente dito das obras, contribuindo na formação acadêmica e cidadã dos alunos, egressos, técnicos, professores e colaboradores envolvidos no projeto. Por meio do Lacorpi, a universidade pública, com sua mão de obra qualificada, restituiu à sociedade o acervo vandalizado do Palácio do Planalto em 8 de janeiro de 2023, acervo este que havia se tornado inacessível devido aos danos provocados pelos atos antidemocráticos enfrentados pelo nosso país.



Andréa Lacerda Bachettini
Coordenadora do Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Pinturas (Lacorpi/UFPel) e Vice-diretora do Instituto de Ciências Humanas (ICH/UFPel)





UM PROBLEMA DE IDENTIFICAÇÃO SOCIAL: A CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO DE OBRAS VANDALIZADAS NO DIA 8 DE JANEIRO

O episódio de vandalismo contra o Patrimônio Cultural ocorrido no dia 8 de janeiro de 2023 levantou a problemática da identificação social e histórica da sociedade com os objetos representativos da sua memória, enquanto sujeito que é interpelado pela materialidade. Dessa forma, os processos de conservação-restauração aplicados às obras que foram depredadas no ataque à sede dos Três Poderes, em Brasília, apresentam-se como um instrumento não só para a preservação da materialidade física das obras, mas também para a revalorização dos processos memoriais e representativos da identidade dos sujeitos com os bens culturais.

Neste texto, serão abordados os processos de restauração de três obras que foram vandalizadas no dia 8 de janeiro de 2023. São elas: *Vênus Apocalíptica Fragmentando-se*, de Marta Minujín, *O Flautista*, de Bruno Giorgi, e *Bird*, de Martin Bradley. São obras de diferentes suportes, e que, portanto, necessitaram de procedimentos distintos de restauração, devido à complexidade de seus suportes e materiais.

As esculturas *Vênus Apocalíptica Fragmentando-se* e *O Flautista* sofreram graves danos com a violência do atentado. Em ambas o primeiro procedimento realizado foi a higienização com uso de pincéis de cerdas macias para remoção do acúmulo de sujidades na superfície. As especificidades dos danos presentes em cada uma das obras exigiram que os conservadores-restauradores adotassem diferentes técnicas de intervenção.

O caso da *Vênus Apocalíptica Fragmentando-se* apresentava danos oriundos do arremesso da escultura de uma altura considerável. Esse ato de violência deixou um amassamento na região frontal do rosto, que se consistiu em um grande desafio no momento da restauração, pois, devido a um estreitamento na região do pescoço, não foi possível se ter acesso à parte danificada por dentro da escultura. Os conservadores-restauradores responsáveis pelo procedimento optaram por realizar a remoção de uma parte de trás da obra, por meio de quatro cortes, para que fosse possível o acesso à região danificada. Os cortes foram previamente avaliados e definidos para facilitar a soldagem posterior.

Durante o atentado, a escultura *O Flautista* foi quebrada em pedaços, o que resultou em áreas de ruptura total do suporte e diversas trincas que se espalharam por toda a estrutura da obra. Assim, nas áreas em que foram identificadas trincas, necessitou-se a abertura de vincos para que o material da solda pudesse penetrar em toda a extensão das duas partes a serem unidas.

Já nas regiões onde produziram-se rupturas totais, inseriu-se reforços estruturais, por meio de furos em que foram encaixados pinos. O atentado deixou a base da obra bastante danificada, exigindo que a equipe de conservadores-restauradores reforçasse essa área, que apresentava várias trincas devido ao estresse sofrido pelo material, chegando a romper e rasgar o furo por onde passava o parafuso de fixação.

A obra em papel intitulada *Bird* foi encontrada submersa em água após os ataques de 8 de janeiro, o que acarretou grandes desafios para a equipe de conservadores-restauradores, uma vez que seu suporte é em papel e sua camada pictórica, composta por tinta guache, constitui-se em dois materiais sensíveis à água. No momento de diagnóstico da obra, já se identificou o desprendimento da camada pictórica, o que exigiu a realização de diversos testes, até que fosse encontrada a técnica e os materiais com capacidade de fixação da tinta sem manchar as cores vibrantes da pintura. Em seguida, foi necessário realizar o procedimento de laminação, que consiste em

colar uma folha de papel japonês com adesivo, que foi utilizado para reforçar a estrutura do papel original que se encontrava muito frágil e quebradiço. Por último, foi realizada a reintegração pictórica nas áreas de perda, com lápis aquarelável, utilizando a técnica do pontilhismo.

Os extensos danos aos bens culturais tratados neste texto são representativos de uma dissociação da memória social com o Patrimônio Cultural do país, pois parte da sociedade não se sente representada pelos objetos que deveriam compor sua identidade nacional. Portanto, o trabalho de conservação-restauração dos objetos vandalizados atua em prol da restauração da identificação da sociedade, contribuindo para que as marcas do passado não sejam apagadas, mas mantidas, além de evidenciar a importância da preservação do Patrimônio Cultural brasileiro.



Mirella Moraes de Borba
Coordenadora do Laboratório de
Conservação e Restauração em Papel
(Lacorpi/UFPel)





DOCUMENTAÇÃO CIENTÍFICA: A FOTOGRAFIA TÉCNICA A SERVIÇO DA PRESERVAÇÃO

Compreendida como uma atividade técnica necessária para uma eficiente gestão dos acervos e que impacta diretamente na preservação dos objetos aos quais atribuímos valor, a documentação na área do patrimônio pode ser classificada em documentação museológica e documentação aplicada à conservação-restauração. Nos interessa aqui tratar sobre esta última, dado que estamos nos debruçando, no projeto retratado neste livro, sobre as intervenções realizadas nas obras de arte gravemente danificadas pelos atos de vandalismo do dia 8 de janeiro de 2023, as quais, por esse motivo, estão recebendo ações de restauração para que sejam devolvidas à sociedade em condições adequadas de fruição e de conservação. Tratam-se, portanto, dos documentos criados através de linguagem escrita e/ou de imagens, gerados para fins específicos de ações de conservação-restauração e como uma das ferramentas de preservação dos bens culturais.

Um bom exemplo é o “mapa de danos”, que se utiliza da linguagem escrita e imagética simultaneamente no mesmo documento. Trata-se de uma espécie de ficha, resultante da etapa de registro gráfico e textual do estado de conservação de um bem cultural. Nele são informados os tipos de danos verificados pelo conservador-restaurador, suas respectivas extensões e possíveis causas. Refere-se a uma síntese desses elementos, apresentada em forma de desenho do objeto, sobre o qual são indicados os danos, onde constam também imagens de detalhes e legendas para tornar a leitura do documento de fácil e rápida compreensão.

De outra parte, temos os registros de bens culturais gerados por meio de imagens, compondo o que se denomina “documentação científica por

imagem”¹. Essa documentação utiliza a fotografia técnica como ferramenta para registrar informações com o objetivo de: arquivar as evidências do estado de conservação do bem em dado momento e, ainda, subsidiar os diagnósticos – necessários para o adequado planejamento dos tratamentos de conservação-restauração – e que são ferramentas auxiliares para as tomadas de decisão, amparando o desenvolvimento das intervenções.

Na documentação científica por imagens são utilizados diferentes tipos de radiação luminosa – luzes – para gerar diferentes imagens de um mesmo objeto. Cada tipo de radiação e exame realizado revelará danos e/ou processos de degradação dentro de seus próprios limites. Todos se complementam para o diagnóstico e serão consultados ao longo do processo de restauração.

De modo bastante simplificado e sintético, temos, no espectro eletromagnético, a radiação visível – ao olho humano – e a radiação não visível. Utilizamos a luz visível para produzir imagens da obra por inteiro, de todas as suas faces, que atestam as condições da obra naquele momento, retratando o seu estado de conservação. Além de equipamentos fotográficos próprios para esse fim, é imprescindível a utilização de uma cartela de referência cromática² para que a imagem, após passar pela pós-produção em softwares específicos, reproduza o mais fielmente as cores do objeto retratado. Tais imagens servirão de padrão comparativo futuro, a fim de verificar se a obra está sofrendo algum tipo de alteração cromática ao longo do tempo, o que pode indicar problemas de conservação.

Importante destacar que a documentação científica com luz visível deve ser executada antes da intervenção e ao final do processo de restauração. Ela também é utilizada para a macrofotografia, que destaca danos de modo ampliado, embora possamos também utilizar as radiações ultravioleta e infravermelho para esse tipo de fotografia. Outras possibilidades de uso da luz visível são a fotografia de luz rasante (com uma fonte luminosa colocada tangencialmente ao lado da obra), que evidencia diferenças de relevo das superfícies, e a fotografia de luz transversa (quando a luz é

posicionada atrás da obra), que revela interrupções da camada pictórica de pinturas sobre tela, especialmente.

Já a radiação ultravioleta é usada para gerar imagens das diferentes fluorescências/absorções dos materiais das camadas superficiais da obra, que ao serem induzidos pela luz UV revelam cores distintas e permitem identificar intervenções, repintes, oxidação de vernizes e outros elementos por vezes não visualizáveis a olho nu. A radiação infravermelha, todavia, permite produzir imagens de camadas mais profundas da pintura, também não visíveis a olho nu, revelando, na fotografia, arrependimentos do artista, desenhos e esboços subjacentes.

Na documentação científica por imagem, há critérios rigorosos para a obtenção das imagens: utilização de câmeras profissionais, lentes de boa qualidade e adequadas à fotografia que almejamos e fontes de radiação luminosa específicas para cada tipo de exame. Além disso, ambiente, parâmetros, posicionamento, calibração e configuração desses equipamentos devem ser precisamente controlados para que se produzam imagens de alta resolução e nitidez, sem distorções de cores e forma que necessariamente passarão por pós-produção em *softwares* de edição de imagens^{2,3}. Esses documentos compõem os relatórios dos processos de restauração que acompanham a obra para futuras consultas.

Em síntese, tanto os exames propriamente ditos quanto o mapa de danos e a documentação científica por imagem gerada funcionam como instrumentos de trabalho que dialogam e se complementam. Coordenados, eles apoiam significativamente o trabalho do conservador-restaurador, respaldando-o e tornando a intervenção mais apropriada. Esse é o caso da documentação científica produzida para as obras de arte apresentadas neste livro, a qual foi ferramenta fundamental para a compreensão das materialidades, dos danos e dos possíveis tratamentos a serem conduzidos para sua restauração. Tudo isso para que os vinte bens culturais contemplados por este projeto estejam retornando para a sociedade na sua melhor condição de preservação, permitindo que os cidadãos de hoje e de amanhã possam desfrutá-los em sua plenitude.



Karen Velleda Caldas
Coordenadora Adjunta do
Laboratório Aberto de Conservação
e Restauração de Pinturas (Lacorpi/
UFPel)



MÃOS QUE CURAM A ARTE

Keli Cristina Scolari é conservadora-restauradora e atua como colaboradora e coordenadora em projetos de extensão, ensino e pesquisa da Universidade Federal de Pelotas (UFPe).

Graduada em Arte Plásticas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, pela Universidade Federal de Minas Gerais (CECOR/UFMG). Fez mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural na UFPe.



O laboratório que abrigou a restauração das obras, localizado no subsolo do Palácio da Alvorada, fica a cerca de 2 mil quilômetros de distância da casa da gaúcha Keli Cristina Scolari. A conservadora-restauradora não titubeou ao aceitar o convite para integrar o projeto e permanecer de janeiro a dezembro de 2024 em Brasília. Decisão que nasce do amor à arte, mas que se construiu desde a infância, quando acalentava o sonho de se tornar médica pediatra. Desejo que resistiu até compreender que suas habilidades manuais falavam mais alto. O encanto pela escultura a levou à graduação em Artes Plásticas. De lá para cá, um caminho construído com a mesma atenção e dedicação com que ela uniu as centenas de peças da *Idria* em majólica italiana. Uma das vinte obras de arte restauradas e que ganhou o carinho de Keli para voltar à sua forma original. Entre as diferentes técnicas, a hoje conservadora-restauradora confessa a preferência pelas obras de arte tridimensionais. Ela descreve a restauração como um processo lento, de várias fases, permeado de dedicação. “Vejo um paralelo ao momento em que estamos pas-

sando como país, um processo de restauração, de coisas que foram quebradas e hoje estão sendo resgatadas”, observa.

As inúmeras sensações que a guardiã do laboratório sentiu ao longo dos meses de trabalho longe da família ficam menores quando traduz o orgulho pelo seu trabalho. Keli hoje faz parte da história e da memória do Brasil. “Eu sei que, além dos simbolismos, tudo é muito representativo, porque as obras foram destruídas em segundos, e nós mostramos o processo de trazê-las de volta, resgatando também a força da cidadania”, avalia. Uma missão louvável, que certamente orgulharia a menina que nos sonhos infantis desejou a medicina. Restaurar é também curar: a memória, a história, a esperança.

“Eu sei que, além dos simbolismos, tudo é muito representativo, porque as obras foram destruídas em segundos, e nós mostramos o processo de trazê-las de volta, resgatando também a força da cidadania”



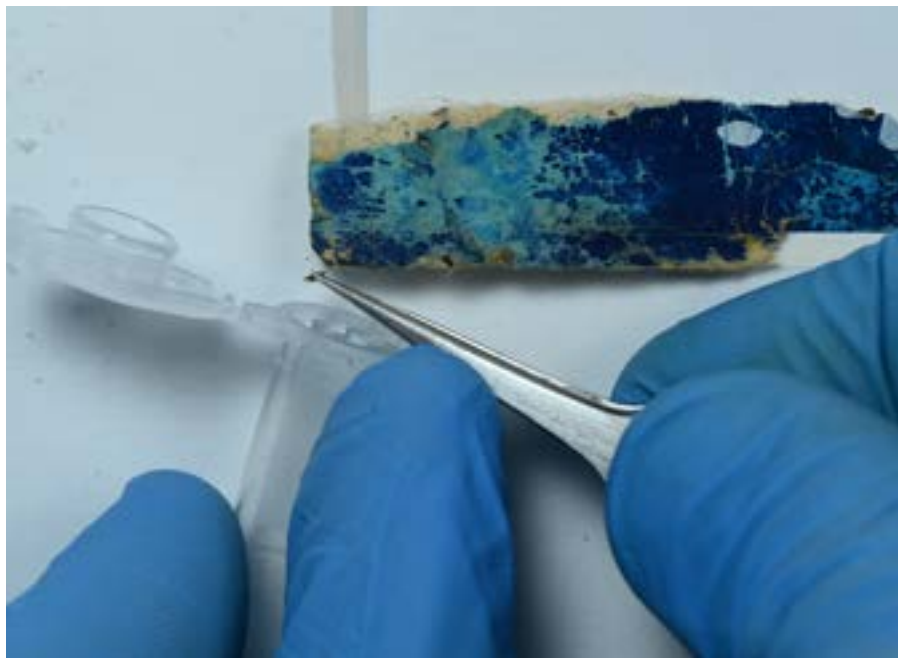
INVESTIGAÇÃO E
ANÁLISE CIENTÍFICA

A pesquisa é uma grande aliada das artes. A contribuição da ciência da conservação e do estudo histórico foi fundamental no processo de restauração das obras, protagonistas do projeto. As duas frentes de trabalho do Lacorpi/UFPel convergiram ao longo do processo. O atributo da análise científica atuou respondendo a questionamentos primordiais para o trabalho dos conservadores-restauradores. A compreensão profunda de uma obra de arte exige a análise minuciosa de seus materiais e técnicas de produção. Importante para responder questões sobre a composição do bem cultural. Essa investigação pode ou não envolver a coleta de amostras, o que depende da estratégia e abordagem utilizadas. Esse processo criterioso traz resultados que permitem identificar os elementos utilizados pelos artistas, entre outras tantas informações que subsidiam o processo de restauração.

No campo do estudo histórico, as contribuições para a biografia do acervo dos Palácios Presidenciais foram preciosas. Inicialmente foi realizada uma análise formal das obras. O estudo levou em consideração aspectos estilísticos, técnicos e iconográficos. Foi realizada uma revisão bibliográfica e consultas a diferentes órgãos e acervos públicos e privados. Na pesquisa documental, as informações de alguns periódicos são apresentadas no capítulo. As revelações mostraram novas nuances sobre autores e procedência. Uma delas foi a importante trajetória de Grauben do Monte Lima, autora de *Borboletas e Pássaros*, que foi uma das primeiras funcionárias públicas do Brasil. Ela começou a pintar aos 71 anos e tornou-se referência na arte nos anos 1960.

Outra revelação significativa foi a origem italiana do vaso em majólica, a *Idria*. O estudo histórico também permitiu encontrar a autoria e o título da obra em guache, identificando Martyn Bradley como autor de *Bird*, uma das 28 pinturas que decoraram o recém-construído Palácio da Alvorada nos anos 1960.

A coleta de amostras é uma das estratégias que permitem identificar os materiais e a composição do bem cultural, ajudando a nortear os caminhos de sua restauração.



A ciência é aliada da arte, permitindo abrir novos caminhos e descobertas.

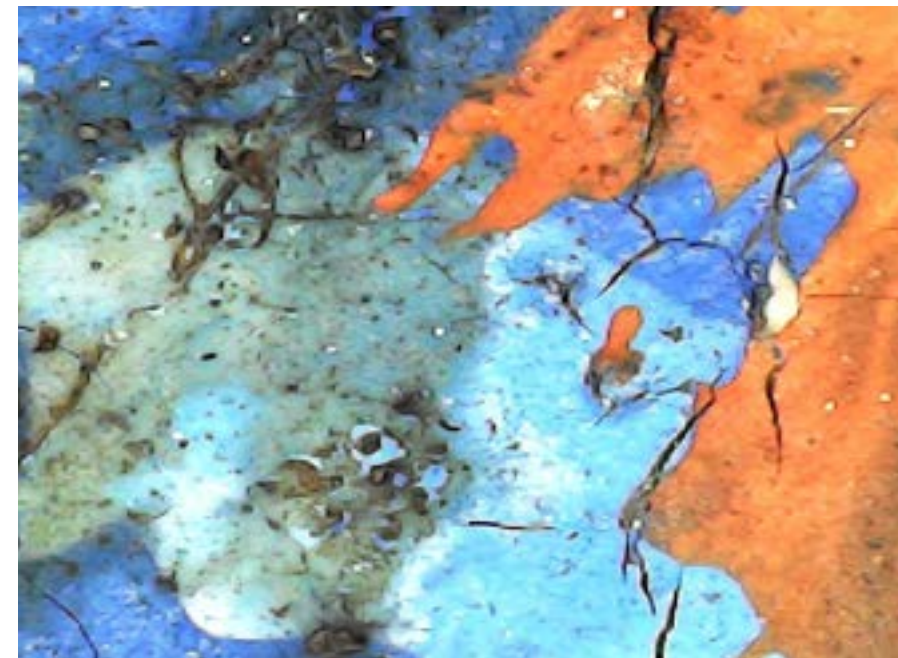
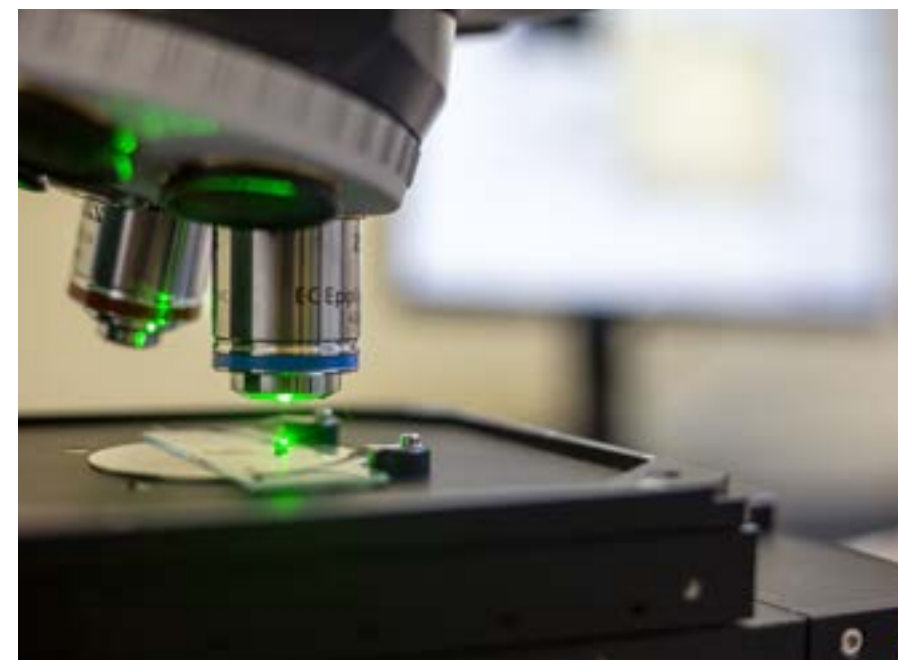


Imagem de uma amostra da obra *Bird* a partir da visão microscópica.



Equipamentos auxiliam no processo de análise científica das amostras.

A restauração da obra *Bird*, encontrada submersa em água durante os atos de vandalismo, exigiu um minucioso trabalho para sua reconstituição.



Etiqueta do acervo histórico das obras presidenciais de uma das obras restauradas.



A pesquisa histórica permitiu a identificação do título da pintura de John Piper: *Cotswold Town*.



A restauração de *Borboletas e Pássaros*, de Grauben do Monte Lima exigiu da conservadora-restauradora Mariana Plantz um trabalho preciso de reintegração da camada pictórica, pois havia muitas áreas de perdas da pintura.



O PAPEL DA PESQUISA SOBRE ARTE EM UM PROJETO DE CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO

Quando observamos uma obra de arte, podemos aprender sobre ela. No entanto, somente o olhar não consegue captar todo o conhecimento a ela inerente, isso porque uma obra de arte, assim como toda forma de patrimônio, apresenta diversos valores, destacando-se os históricos, artísticos, além do seu valor cultural¹.

Argan² afirma que as obras de arte estabelecem relações conosco entre o passado e o presente, que as obras tanto são provas documentais da sua época original como nos provocam percepções que só são possíveis quando as visualizamos no presente. Portanto, se as obras de arte nos ligam ao passado, precisamos compreendê-las, o que ressalta a importância de investigá-las, afinal, se existem razões para que um objeto seja preservado, isso só ocorre porque neste objeto são reconhecidos valores importantes e representativos para a sociedade, e a pesquisa ajudará a evidenciar esses valores.

A investigação sobre as vinte obras apresentadas nesta publicação - e que compõem parte do acervo da Presidência da República - buscou contextualizá-las, destacando suas características históricas, estéticas, técnicas e estilísticas. Essa é uma das formas de colaboração de uma equipe multidisciplinar. A definição das estratégias escolhidas para a realização desse estudo baseou-se nas características das próprias obras. É um conjunto pequeno, embora diversificado, com obras clássicas, modernas, contemporâneas, figurativas e abstratas, de diversas técnicas e linguagens, de artistas brasileiros e estrangeiros, alguns renomados, outros menos conhecidos, ou que passaram por um processo de esquecimento coletivo.

Para aprofundar o conhecimento sobre essas obras, além daquilo que o olhar nos proporciona, foi realizada uma revisão bibliográfica, consultados acervos documentais, realizados estudos comparados entre obras de arte, registradas entrevistas e contactados especialistas. A identificação de algumas obras foi imediata, pois as assinaturas dos autores estavam preservadas. Mesmo assim, era importante avançar na sua compreensão estilística e identificar a que fase artística do seu autor elas se relacionavam, por exemplo.

Algumas peças foram mais desafiadoras, como o guache de Martin Bradley, intitulado *Bird*, que não possuía autoria e título reconhecidos. Para essa descoberta, foi inicialmente feita uma comparação estilística entre essa obra e a de outros artistas com tendências abstratas do mesmo período. Com essa triagem, chegou-se ao nome do artista e, ao fim, foram comparadas as assinaturas da pintura com outras obras de Bradley, confirmando-se assim a autoria.

Essa descoberta permitiu aprofundar o estudo e revelar que *Bird* integrou o núcleo inicial das coleções presidenciais em Brasília, que a sua compra foi mediada pelo empresário Assis Chateaubriand, e que, entre as décadas de 1950 e 1960, Bradley foi um pintor famoso e prestigiado no Brasil (Diário de Notícias, 07/09/1959)³. Ou seja, com a pesquisa, a pintura deixa de ser apenas mais uma obra abstrata do acervo; agora, sabemos que ela também representa as origens da coleção de arte do Palácio da Alvorada.

A pesquisa colaborou para uma maior compreensão do passado de todo esse conjunto de obras de arte. Por exemplo, identificou-se que o vaso cerâmico restaurado é uma *Idria* em majólica italiana, que a pintura de John Piper se chama *Cotswold Town* e que o quadro *Borboletas e Pássaros*, de Grauben do Monte Lima, é criação de uma artista com uma história fascinante: ela começou sua exitosa carreira artística após sua aposentadoria, alcançando rápido sucesso, expondo e vendendo centenas de quadros em seus últimos anos de vida (Diário de Notícias, 10/01/1959; Laus, 1966)^{4, 5}. Além disso, José Alves, assistente do artista Frans Krajcberg, mesmo após décadas, ainda lembra da fórmula utilizada

pelo artista para a tinta aplicada na cobertura da obra *Galhos e Sombras*: rutilo com cola PVA, e ele nos contou isso em uma entrevista.

O estudo dessas vinte obras reuniu um importante conjunto de informações de caráter biográfico, técnico, histórico e estilístico que demonstram a importância do trabalho e do envolvimento da universidade pública no estudo e valorização do Patrimônio Cultural brasileiro. Isso porque a arte carrega consigo muitas formas de conhecimento, que vão desde o saber-fazer até as histórias e memórias de nossa gente.

Nesse sentido, o estudo e a divulgação dessas obras, a partir da sua restauração, permitirão que um público maior possa conhecer mais sobre esse patrimônio vandalizado e agora recuperado, à medida que todas essas informações passam também a acompanhar o acervo.



Roberto Heiden
Professor do Departamento de
Museologia, Conservação e
Restauro da UFPel

o concurso da Secretaria

A fim de satisfazer o grande número de pessoas que estão acorrendo às coletorias municipais, para trocar suas notas de venda pelos talões que dão direito ao prêmio de 1 milhão de cruzeiros, na campanha "seu talão vale um milhão", o secretário de Finanças, sr. Nelson Mufarrej, determinou que, durante o dia de hoje, o Posto-Volante fique estacionado na Praça Saens Peña, de 15 às 18 horas, a fim de atender o público na troca dos talões.

Segunda-feira próxima, último dia da campanha, todas as coletorias municipais terão que permanecer abertas e em funcionamento, até que o último cliente seja atendido.

A disposição do público, segunda-feira próxima, funcionarão até a meia-noite as coletorias da Graça Aranha, n.º 327 e da Avenida Dias da Cruz, n.º 19, no Meier.



O pintor Martin James Bradley mostrando ao repórter sua tela "O Mar", a figurar em sua próxima exposição.

Quadros do pintor Bradley para o Palácio da Alvorada

Falando a O JORNAL, disse o artista ser "abstracionista, fortemente influenciado pela arte oriental" — Encontra-se no Rio, gozando um hóisa do Itamarati

O Palácio Alvorada possuirá um Na, uma Ra e vários desenhos abstracionistas de Martin James Bradley, pintor inglês de grande reputação, que frequentou, em Paris, o atelier do mestre francês Fernand Léger, entre 1949 e 1950, e que tem quadros no Museu de Arte Moderna de Nova York, no Instituto de Arte Contemporânea de Chicago, no Museu de Arte do Tennessee e no Museu de Adelaide, na Austrália.

Falando a O JORNAL o sr.

PINTARA NO RIO

O pintor Martin Bradley encontra-se nesta capital em gozo de uma bolsa concedida pelo governo brasileiro, através do Departamento Cultural do Itamarati. Ele trouxe de Londres cerca de vinte telas, selecionadas dentre as suas últimas criações, a fim de apresentá-las ao público brasileiro. O sr. Poetro Birdi,

diretor do Museu de Arte de São Paulo, acaba de convidá-lo para realizar uma exposição na capital bandeirante, no Instituto de Arte Contemporânea. O sr. Martin Bradley deseja, quando chegar, aproveitar a oportunidade que se lhe oferece, servando a capital do país para sua segunda exposição, a qual incluirá diversas telas em que ele começou a trabalhar assim que chegou ao Rio de Janeiro.

DESEJO REALIZADO

Cercado das telas que trouxe de Londres, o pintor Martin Bradley declarou que realiza o velho desejo com esta viagem ao Rio. Confessou-se grande admirador de Portinari, cuja obra conheceu em várias ocasiões, e esclareceu que, para conseguir o presente bolsa, se dirigiu ao Conselho Britânico, manifestando seu desejo de obediência, e pôs

(Continua na 5.ª Pág. da 1.ª Seção)

Não será usada neste verão a nova farda dos Cosme e Damião

Burocracia excessiva impedirá que os soldados usem fardamentos leves durante o calor — Comandante da corporação adotará medidas de emergência

Um coronel (José Ribeiro Guimarães) e dois capitães (Elton de Moraes e Rubens Rodrigues de Araújo) da Polícia Militar do Distrito Federal estão estudando o novo desenho do uniforme de cabos e soldados daquela corporação que deverá ser confeccionado de modo a oferecer maior conforto às praças, forçadas pela necessidade do serviço, na maioria das vezes, a ficarem expostas ao escaldante sol.

Falando a O JORNAL, o capitão Luis Oonsaga, Chefe do Serviço de Relações Públicas da P. M., informou que a Comissão encarregada do novo plano de uniforme vem desenvolvendo atividades em ritmo acelerado, por recomendação do próprio comandante da Polícia gen. Osmar Osório, que espera encontrar ainda este ano uma fórmula que permita os seus soldados usarem fardamentos mais leves e de acordo com época quente do ano.

se qualquer alteração, mesmo as consideradas de emergência, pelo que os soldados, terão de continuar suportando o soleno calor atuante.



ESTÃO programadas as seguintes conferências: às 15 horas, a sessão nobre da Faculdade Nacional de Filosofia, de prof. Eudé Rocha Lima sobre "A evolução da arte plástica no Brasil"; e à



No ano de 1958 *O Jornal* (RJ) de propriedade de Assis Chateaubriand (ao lado) publicava matéria anunciando que o Palácio da Alvorada receberia obras do artista inglês Martin Bradley na futura capital do Brasil. O pintor, que se definia como abstracionista, era fortemente influenciado pela arte oriental. A pesquisa histórica realizada ao longo do projeto de restauração das obras desvendou não só sua autoria, mas também o título da obra, *Bird* (foto acima).

6

CORREIO DA MANHÃ, Domingo, 19 de Dezembro de 1965

Grauben guardou talento por setenta anos

Grauben Monte Lima nasceu ainda no século passado. Em Iguaçu, longínqua cidade cearense, no ano de 1895. Já aos seis anos, como que por milagre, começou a pintar. "Passo a vida impressionada consigo mesma, pintando sem saber" — diz Grauben com modesta candura.

O crítico francês, Jacques Lansonier, que se encantou da pintura de Grauben, assim se expressa no prefácio de uma exposição em Paris: "...Vida de uma longínqua provincia do Norte do Brasil, depois de uma longa existência como funcionária pública, descobriu a pintura aos 70 anos, e isto foi um deslumbramento. A onda se eporou de artista e sua proliferação nasce mais parca. Um vito de cojante leva os detalhes repetidos até a familiaridade. Os meismos elementos se exibem para se tornarem filhas, filhas, como de borboletas, parcelas de luz refletida".

FUNCIONARIA

Muito pequena deixou o Ceará em companhia de sua mãe, 300 léguas em Minas Gerais. A seguir, a família mudou-se para S. Paulo onde Grauben, como tirado de um livro de Julio Verne, passou a melhor parte de sua vida. Veio para o Rio em 1908, ingressando no funcionalismo público e foi das primeiras mulheres funcionárias no Brasil. Antes da Revolu-



ção de 30, trabalhou com Rubião Miranda no Ministério da Agricultura. Depois passou para o Ministério da Fazenda e, em 1916, aposentou-se.

Antes de trabalhar, se pensava nos filhos. — "Fiquei a vida pensando como minha filha Eunice, que aos 3 anos de idade já se exercia em talento ao piano."

Grauben tem também um filho, arquiereu, que se está afirmando um artista original, pintando telas e ilustrações em papel orgânico. Antes nasceu em S. Paulo, mas rapidamente veio ao Rio estudar a música.

DESCOBRINDO A PINTURA

Quando completou 70 anos de idade, Grauben recebeu, de uma sobrinha, como presente, uma caixa de tintas, o que muito a surpreendeu. "O que é que vou fazer com isto?", perguntou a si mesma. A sobrinha respondeu-lhe: "Vá, vá se lembrar, lá, de um dia em que esteve aqui e a encontrou chorando". Perguntou-lhe a razão e a sobrinha mostrou-lhe o resposito lá fora. Nesse dia, contou que a tia possuía alma de pintora."

Sua primeira quadro foi um galinho marinho, que ela não vende, apesar de já lhe terem sido feitas tentativas propostas. Passou 6 meses, a convite de Ivan Gorge, pintando em seu quarto livre de pintura, no Museu de Arte Moderna.

Pintar é, para Grauben, um pensamento muito dos seus, pois tem horror a fazer coisa su crochê. Gosta muito de ler, mas a pintura exige-lhe muito a vida. — "Os quadros não vendem como posso ganhar para ganhar a vida, mas é um fato" — afirma a pintora.

SUCESSO

De um dia para outro a pintora tornou-se conhecida. Em 1961, já estava expando numa coletiva no Museu de Arte Moderna do Rio. Sua 1.ª exposição individual teve lugar logo a seguir, em 1962, na Galeria Roldes. Duas exposições, ainda no Rio, participou de uma mostra coletiva no 1963. Em São Paulo, expôs no Etnal e na Galeria Solerite. Em 1964, a Roldes apresentou outra exposição individual sua. Alguns quadros foram enviados para a Bienal de Curitiba, na Argentina. Esse ano mesmo é enviada para expor no Alvorada, mas declina, pois tem de trabalhar incessantemente. Para surpresa do pintor Antônio Bandeira, recebeu outro convite para expor no Rio, onde 3 quadros seus ficaram muito tempo numa mostra coletiva de pintoras, na Galeria Jacques Mazoni.

No dia da abertura da VII Bienal em São Paulo, este ano, todos os seus quadros foram vendidos.

Recentemente, quando da visita das sobrinhas belgas ao Brasil, Grauben dá a doação de um quadro seu à rainha. "Desde então — diz a pintora — minha parede está sempre vazia. Antes disso eu sempre tinha um quadro esperando para vender."

PINTA QUANDO SENTE

"Se sinto quando sinto. Nunca forço meu estado de espírito. Começo sem saber o que vou fazer e pouco a pouco vou lutando as idéias."

E continua: "Não rotundo a pintura dos outros." E afirma quando afirma não conseguir distinguir um Portinari de um Van Gogh.

Sentia atos seu talento esteve guardado. De repente veio à tona, sem nenhuma razão pessoal, dotada de uma aura de guerra e simplicidade que em nome absoluto não mais se abate. Seus motivos e tons são luminosos. Antes de fazer o seu desenho, que é delido por simetria, planta a linha em um círculo. Sua pintura não é simbólica. A temática é sempre uma florista misteriosa, onde pássaros e borboletas são a motivação.

A fascinante história de vida de Grauben Monte Lima se revela tão potente quanto a pintura *Borboletas e Pássaros* (foto acima), obra de sua autoria. Entre os achados históricos, está o jornal Correio da Manhã (RJ), de 19 de dezembro de 1965 (ao lado). O periódico destacava a trajetória da cearense, uma das primeiras funcionárias públicas brasileiras. Ao completar 70 anos, recebeu da sobrinha uma caixa de tintas e a sentença de que possuía alma de pintora. Autodidata, a artista começou uma carreira que ganhou projeção no Brasil e exterior.

ENTREGUES ONTEM AO SR. KUBITSCHKEK 28 TELAS PARA O PALÁCIO DA ALVORADA

O sr. Juscelino Kubitschek compareceu, ontem, pela manhã, à Associação Comercial do Rio de Janeiro, onde lhe foram entregues, em solenidade realizada no salão nobre da entidade, vinte e oito quadros de alto valor, representando as diversas correntes da arte contemporânea e que se destinam ao Palácio da Alvorada, em Brasília.

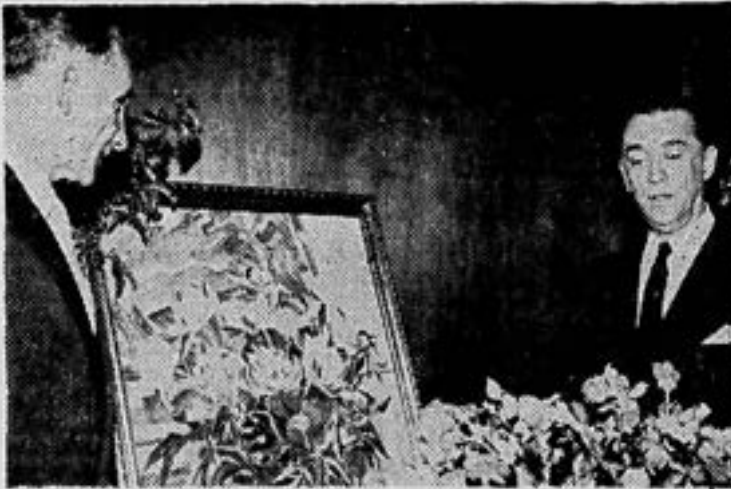
O chefe do Governo foi recebido pelo presidente daquela associação, sr. Rui Gomes de Almeida, pelo deputado Raul de Góes, vice-presidente e pelos demais diretores da entidade. Achavam-se presentes os ministros da Saúde, professor Mário Pinotti; da Fazenda, sr. Lucas Lopes; os embaixadores da Grã-Bretanha, sr. Geoffrey Wallinger; e da Tchecoslováquia, sr. Jaroslav Kuchvatek; e sra. Niomar Sodré, diretora do Museu de Arte Moderna; o sr. M. Gomes Maranhão, presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, outras autoridades, críticos de arte, professores e jornalistas.

O presidente da República, acompanhado das pessoas presentes, percorreu a galeria, detendo-se diante de cada uma das telas ofertadas a Brasília.

OS QUADROS

Figuram, entre as telas dedicadas, «May in Suffolk», de Alan Reynolds; «Festival Gardens», de John Piper, doados pelo sr. Gomes Maranhão; «Mrs. Tobin», de Bryan Kneale, e «Withelleur», de John Piper, dados pelo industrial Santos Vahlis; «Cotswold Town» de John Piper, «Italian Pot With Flowers», de Philip Sutton, e «Frog», de Martin Brandley; «Vase with Flowers», de Spala, da pintura tcheca contemporânea; «Selva», do sul-americano Arturo Moravia; e vários óleos e aquarelas de Martin Bradley, Hamilton Fraser, William Halle, Leonard Rosenan, John Elison e Ruskin Spear.

Após a solenidade, foi oferecido no Clube Comercial, um almoço ao presidente da República e às autoridades presentes.



Flagrante colhido por ocasião da entrega dos quadros ao chefe do governo, vendo-se à esquerda o sr. Jaroslav Kuchvatek, ministro da Tcheco-Eslaváquia no Rio de Janeiro.

Vão Encontrar-se em Guará os Srs. J. Quadros e Bias Fortes

BELO HORIZONTE, 9 — Apareceu agora uma oportunidade para um encontro entre o governador Bias Fortes e o sr. Jânio Quadros. Como se sabe, há poucas semanas o sr. Bias Fortes encontrou-se com o sr. Ademar de Barros, por solicitação do prefeito paulistano, para um acerto de medidas quanto à viabilidade da formação de uma frente contra o governador paulista.

O chefe do Executivo mineiro irá sábado próximo a Aparecida do Norte, município paulista, para ninar o casamento do seu filho, deputado Crispim Jacques, naquela cidade. O sr. Bias Fortes permanecerá em Guaratinguetá, onde o sr. Jânio Quadros deverá pessoalmente apresentar-lhe as boas vindas. (Asp).

Mandado de Segurança Contra o Novo Município de Osasco

SÃO PAULO, 9 — O prefeito Ademar de Barros impetrou ontem, mandado de segurança contra o ato da Assembleia Legislativa e do governo do Estado, que elevou Osasco à categoria de município.

Na peça apresentada ao Tribunal de Justiça, o prefeito refere-se à irregularidades no plebiscito realizado naquele distrito em



Entre as 28 obras de arte doadas para ornar o Palácio da Alvorada na sua inauguração, constava a pintura de John Piper, intitulada *Cotswold Town* (foto acima). Esta é mais uma das informações descobertas através da pesquisa histórica. O jornal Diário de Notícias, de 10 de janeiro de 1959 (ao lado), informava sobre o ato de doação das obras, em evento realizado na Associação Comercial do Rio de Janeiro, com a presença do presidente Juscelino Kubitschek.





PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO E O PAPEL DA CIÊNCIA DA CONSERVAÇÃO

As relações entre os bens culturais e a ciência nem sempre são evidentes aos olhos do observador. Enquanto os objetos, com suas formas, cores e aspectos simbólicos, podem nos afetar subjetivamente, a ciência, com seu rigor, se dedica a compreender e explicar os materiais e os seus fenômenos do ponto de vista químico, físico e biológico. Dessa forma, quando um indivíduo se depara com uma obra de arte, por exemplo, tende a se conectar com suas características estéticas, de modo que a relação com a materialidade pode vir a ficar em segundo plano.

Contudo, a composição física de um bem cultural, que inclui os materiais utilizados, as técnicas de produção e as condições de conservação, é importante para a completa compreensão e contemplação do objeto, talvez não necessariamente para o público em geral, mas certamente para os profissionais responsáveis por preservar, conservar e restaurar esses bens.

Nesse contexto, surge a Ciência da Conservação, uma área de estudo interdisciplinar que integra conhecimentos oriundos da química, da física, da biologia e da engenharia. Ela é aplicada para revelar e entender os complexos aspectos físicos que o Patrimônio Cultural pode apresentar¹. Por exemplo, em uma pintura sobre tela, um cientista pode identificar múltiplas substâncias, como pigmentos, corantes, aglutinantes, cargas minerais, adesivos e diferentes tipos de tecidos, tudo isso a partir de um único fragmento milimétrico da obra. Portanto, a Ciência da Conservação aplica o método científico para desvendar a composição química dos bens culturais, entender seus processos de deterioração, identificar suas causas,

e consequências, bem como os fatores condicionantes, a fim de obter informações essenciais para uma adequada preservação do patrimônio².

Logo, o profissional conservador-restaurador se beneficia dessa área, pois seu trabalho baseia-se na aplicação de técnicas e materiais específicos sobre um bem cultural, com objetivos bem definidos, como, por exemplo, remover a camada de verniz oxidado de uma pintura ou realizar a reintegração cromática em uma área de perda de uma antiga pintura.

Em geral, todas as intervenções que esse profissional realiza fundamentam-se na inércia icônica, que visa manter a integridade visual e simbólica da obra, e na retratabilidade dos materiais e processos aplicados, o que significa que qualquer intervenção realizada deva ser, na medida do possível, retratável, sem causar danos permanentes ao objeto original³.

Para executar seu trabalho, é importante que o profissional tenha conhecimentos das condições e dos materiais que compõem a obra. Assim, o papel da Ciência da Conservação fica claro, pois com a aplicação de técnicas analíticas é possível caracterizar os materiais presentes no bem material.

A espectroscopia no infravermelho, por exemplo, permite identificar aglutinantes presentes em camadas pictóricas de antigas pinturas, enquanto a espectroscopia de fluorescência de raios-X é utilizada para determinar os elementos químicos em diferentes pigmentos. Essas técnicas fornecem dados precisos sobre a composição química, permitindo que o profissional avalie seus processos e selecione os materiais de restauração de forma mais assertiva, garantindo tanto a retratabilidade quanto a integridade dos elementos originais da obra.

Outra importante contribuição da Ciência da Conservação está na História da Arte, como é possível observar no estudo da obra Galhos e Sombras, de Frans Krajcberg. Durante a pesquisa histórica conduzida pelo professor Roberto Heiden, levantou-se a hipótese de que a coloração branca na

obra era devido à presença do pigmento TiO_2 na forma de Rutilo. Essa informação foi inicialmente obtida a partir de uma entrevista com José Alves, assistente de Frans Krajcberg, que se recordou do processo de produção da obra.

Para verificar essa hipótese, fragmentos da peça foram analisados por meio da espectroscopia Raman, uma técnica que permite a análise da composição e da estrutura de materiais. O espectro gerado revelou picos de estiramento Raman característicos do dióxido de titânio (TiO_2) em sua forma cristalina de Rutilo, confirmando cientificamente o relato obtido.

Além dessas contribuições, a Ciência da Conservação desempenha um importante papel colaborativo nos processos de diagnóstico, documentação, autenticação e datação. Esse campo interdisciplinar, que une arte e ciência, é, então, fundamental para a preservação material do Patrimônio Cultural, assegurando que ele possa ser apreciado pelas futuras gerações.



Bruno da Silveira Noremberg
Professor do Departamento de
Museologia, Conservação e
Restauração da UFPel



O PODER CURATIVO DA ARTE

Marta Minujín é uma artista argentina, nascida na década de 1940, em Buenos Aires. Considerada uma das principais artistas contemporâneas da América Latina, trabalhou com diversas linguagens, dentre as quais o happening, em que é considerada uma das pioneiras do gênero, que consiste em expressões artísticas que envolvem a participação do público.

Em 2023, a artista protagonizou a exposição “Marta Minujín: Ao vivo”, na Pinacoteca de São Paulo, reforçando sua importância e o interesse pela arte pop e feminista.



Foto: Karime Xavier/Folhapress

A argentina Marta Minujín é a única artista viva entre os autores das peças restauradas durante a Missão Brasília, realizada ao longo de 2024, pelo Lacorpi/UFPel. Aos 81 anos, ela vive em Buenos Aires e está em plena atividade. A autora da obra intitulada *Vênus Apocalíptica Fragmentando-se* é uma das mais importantes artistas contemporâneas. Começou sua carreira aos 18 anos e logo ascendeu para além das fronteiras da América Latina. Sua singularidade performática escreveu uma trajetória de representatividade no cenário artístico mundial.

Marta ficou sabendo dos atos de 8 de janeiro pela imprensa. Logo que chegaram as notícias de que sua escultura fora arremessada do quarto andar do Palácio do Planalto durante os atos de vandalismo, o sentimento foi de tristeza. A obra esculpida em bronze é datada de 1983, ano emblemático na história da Argentina e que marca a restauração da democracia no país. Foi nesse período que a artista, voltando de um longo período

nos Estados Unidos, criou a série de obras que retratam a fragmentação do povo durante a Ditadura.

No mesmo ano, ela criou uma réplica de um templo grego chamado de *Partenon dos Livros*, que foi erguido na Avenida 9 de Julho, em pleno centro de Buenos Aires. O projeto era feito utilizando cópias de livros proibidos durante a Ditadura e convidava os argentinos a participarem de uma verdadeira catarse. Sua trajetória como artista é a prova do caráter transformador da arte e seus significados mais profundos. Ao ser questionada sobre a mensagem que gostaria de deixar aos brasileiros neste livro, Marta foi categórica: “Vivam o poder curador da arte. A arte cura tudo!”, sentenciou.

“Vivam o poder curador da arte. A arte cura tudo!”



PAIXÃO POR CONSERVAR

Társis Gradaschi da Silva é conservador-restaurador graduado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) desde 2022 e atua no mercado nacional em diferentes projetos de restauração do patrimônio cultural.



A vida aparentemente tranquila de um empresário que fabricava peças para o setor automotivo não coube no horizonte de Társis Gradaschi. Natural de São Leopoldo, herdou do pai a habilidade para resolver problemas. De um liquidificador, até peças impregnadas de história. O verbo restaurar começou a ser conjugado como um hobby, até se tornar devoção. Aos 40 anos, virou a vida do avesso e decidiu se inscrever no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Conquistou uma vaga no curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, da UFPel.

Na busca pelo diploma, faltava ainda ajustar a logística entre o cotidiano em Canoas, onde vive, e os 270 quilômetros de distância das aulas noturnas em Pelotas. A habilidade natural pela manutenção foi o caminho. Tornou-se “marido de aluguel” nos turnos da manhã e da tarde, prestando serviços de consertos em geral. Durante a faculdade, ainda encontrou tempo para participar de

projetos de extensão e se qualificar na restauração em metais.

Em 2022, finalmente recebeu o diploma e lançou-se ao mercado, absorvendo projetos de restauração de bens culturais. Um deles foi da carruagem que pertenceu a Carlos Barbosa, terceiro governador do Rio Grande do Sul, que hoje está no Museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. Desafios sempre foram combustível para Társis. E não foi diferente quando recebeu o convite para restaurar duas importantes obras do projeto em Brasília. Com criatividade e técnica, não mediu esforços pelas melhores soluções. Com a sua participação, a obra *O Flautista*, de Bruno Giorgi e a *Vênus Apocalíptica Fragmentando-se*, de Marta Minujín, estão restauradas. “Foi desafiador, mas ao mesmo tempo muito gratificante. Um trabalho realizado com dedicação, buscando a excelência”, resume. Resultado que leva também sua bagagem de experiências e habilidade para enfrentar desafios.

“Foi desafiador, mas ao mesmo tempo muito gratificante. Um trabalho realizado com dedicação, buscando a excelência”



EDUCAÇÃO PARA
A MEMÓRIA

Patrimonial, levou às instituições de ensino uma visão ampla do trabalho realizado no projeto.

Para conectar os estudantes com a essência das obras de arte, as atividades práticas foram pensadas de maneira a despertar interesse e conexão. Para traduzir a essência de brasilidade contemplada na tela de Di Cavalcanti, foi sugerida a montagem de um quebra-cabeças bidimensional. A partir da compreensão de quem foi o artista e a significância da obra, os alunos pintaram peças menores que ao final compuseram uma releitura da obra original. Para compreender a dimensão do processo de restauração, os grupos participaram de uma oficina de montagem e pintura de pequenas ânforas tridimensionais, inspiradas na *Idria* em majólica italiana, com o apoio de um bolsista da UFPel. Este aluno do curso de Conservação e Restauração produziu as cópias das miniaturas utilizando um modelo torneado por Paulo Damé a partir concepção da atividade de simulação da restauração da ânfora proposta por Karen Velleda Caldas, ambos professores da UFPel. A obra tridimensional *Galbos e Sombras*, de Frans Krajcberg despertou interesse pelo jogo de luzes e sombras. Os alunos produziram esculturas a partir de materiais descartados, da natureza e com o auxílio de lanternas fizeram diferentes projeções, alcançando a concepção da ideia original do artista.

A Educação Patrimonial alcançou potência nas mais diferentes formas ao longo do projeto. Outra importante ação ligada à difusão do conhecimento foi o evento promovido intitulado *8 de janeiro - Diálogos sobre Conservação-Restauração, Patrimônio e Democracia*. O encontro contou com importantes contribuições para a valorização do patrimônio cultural e da democracia. Na ocasião foi inaugurada a exposição *8 de janeiro: Democracia e Restauração*, com curadoria do professor Lauer Alves dos Santos e projeto expográfico de Renan Espírito Santo, que apresentou uma série de registros dos processos de restauração das obras vandalizadas.





Nas palestras da Educação Patrimonial, os alunos compreenderam a importância das obras de arte vandalizadas e como se deu o processo de restauração. Na prática, reinterpretaram a obra *Galhos e Sombras*, de Frans Krajcberg, a partir de elementos recolhidos da natureza e com o uso de lanternas.

Para compreender a dimensão da construção artística os alunos montaram um quebra-cabeça inspirado na obra de Di Cavalcanti. Em referência à *Idria* em majólica italiana, simularam a prática da restauração nas oficinas com pequenas ânforas tridimensionais.

O presidente Lula e a primeira-dama Janja em vista ao laboratório de restauração do Lacorpi/UFPeI no Palácio da Alvorada. A coordenadora do projeto, Andréa Lacerda Bchettini apresentou o trabalho realizado na obra Galhos e Sombras, de Frans Krajcberg.



Foto: Ricardo Stuckert / PR

Formação em Educação Patrimonial, do projeto Lacorpi/UFPeI, desenvolvida pelas professoras Marta Bonow e Liza Bilhalva Martins junto à disciplina da professora Cláudia Garcia da UNB.



As bolsistas da UnB tiveram a oportunidade de acompanhar os trabalhos finais de restauração da obra de Di Cavalcanti.



Visita ao laboratório de restauração, no Palácio da Alvorada. A equipe de Educação Patrimonial, curadoria da exposição e bolsistas da UnB foram recebidos pelas coordenadoras do projeto Lacorpi/UFPeI e conservadoras-restauradoras.



O seminário “Diálogos sobre conservação-restauração patrimônio e democracia” oportunizou o debate sobre a restauração das obras danificadas nos atos antidemocráticos do dia 8 de janeiro de 2023. O evento contou com a participação da Ministra da Cultura, Margareth Menezes, do presidente do Iphan, Leandro Grass, entre outras autoridades.

A exposição fotográfica “8 de janeiro: restauração e democracia” reuniu uma série de registros dos processos de restauração das obras de arte. A mostra esteve aberta no espaço expositivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e foi adaptada para percorrer as escolas durante as atividades de Educação Patrimonial.





EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: RESTAURANDO PERTENCIMENTOS, MEMÓRIAS E A DEMOCRACIA

É preciso conhecer o Patrimônio Cultural para preservá-lo; é preciso fazer parte dele para valorizá-lo. É com o propósito de dar sentido e ação a essa premissa que a Educação Patrimonial existe. Ela desempenha um papel fundamental na divulgação do Patrimônio Cultural, promovendo sua socialização entre diferentes grupos da sociedade. Mais especificamente, a Educação Patrimonial é um processo intencional que visa a construção e a apropriação de saberes a respeito de bens culturais comuns, que remetem a algum sentimento de pertencimento¹.

Dessa forma, a Educação Patrimonial se constitui como uma etapa muito importante quando tratamos da preservação e restauração dos bens patrimoniais que pertencem ao povo brasileiro, pois envolve o que é nosso: nossa história, nossos lugares, nossos objetos, nossa cultura e a nossa cidadania. Esse é o caso das obras depredadas, destruídas e danificadas em 8 de janeiro de 2023, nos ataques ao Congresso Nacional, ao Palácio do Planalto e ao Supremo Tribunal Federal – elas são do povo brasileiro, patrimônio de todos e todas.

A Educação Patrimonial ocorre por meio de uma série de processos educativos que envolvem o Patrimônio Cultural, seja ele material ou imaterial, com o qual determinado grupo de pessoas se identifica, ou seja, são aquelas referências culturais que oficialmente fazem parte de um coletivo, representando-o social, cultural e historicamente². Nesse sentido, as ações educativas devem ser pensadas conjuntamente, entre equipes de

profissionais e comunidades que detêm e produzem as referências culturais, para que os bens patrimoniais possam ser reconhecidos, valorizados e preservados a partir das diversas noções de patrimônio que possam existir³.

Diante disso, e para alcançar resultados efetivos em termos educativos, é essencial voltarmos nossa atenção para a diversidade de coletivos que possam se relacionar com um bem patrimonial, a fim de encontrar múltiplas perspectivas, fortalecer representatividades e valorizar as diversas identidades. Para este projeto, foram escolhidos grupos escolares e universitários do Distrito Federal com potencial para serem não só agentes ativos, mas também multiplicadores de conhecimentos sobre o tema do Patrimônio Cultural, expandindo o aprendizado compartilhado para suas famílias e comunidades.

As escolas envolvidas no processo educativo ligado ao projeto de restauração das obras vandalizadas no dia 8 de janeiro de 2023 estão localizadas em pontos distintos do Distrito Federal, unidade federativa que apresenta uma multiplicidade de contextos com experiências e histórias próprias, mas interconectadas numa identidade territorial e, ao mesmo tempo, nacional. São elas: o Centro de Ensino Fundamental 18, de Ceilândia; o Centro Educacional Stella dos Cherubins Guimarães Trois, de Planaltina; e o Centro de Ensino Fundamental Caseb, da Asa Sul – Brasília.

Nessas escolas, foram escolhidas crianças das turmas de sexto e oitavo ano, para quem as atividades lúdicas desenvolvidas têm uma função de aproximação com as obras restauradas do Palácio do Planalto, estimulando, através da criação direta de releituras sobre as obras – esculturas, pinturas, cerâmicas – uma experiência estética e pedagógica, de forma a contribuir na construção de bases fortes para a imaginação, para a atividade criativa e para a constituição de cidadania dos indivíduos desde a infância.

Para o grupo universitário, foi criado o *Curso de Extensão Formação em Educação Patrimonial no Âmbito do Projeto Lacorpi (UFPel) Patrimônio Cultural dos Palácios Presidenciais: valorização e promoção da democracia a partir da conservação-restauração*

dos bens culturais vandalizados do Palácio do Planalto, com foco na conservação e restauração das obras dos Palácios Presidenciais, para articular os temas do patrimônio, arte, cidade e ambiente. Essa formação ocorreu em parceria com as disciplinas do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília – UnB *Estudos Especiais em Patrimônio e Preservação 2* (Pós-Graduação) e *Prática de Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo 1* (Graduação), ambas coordenadas pelas docentes Dra. Cláudia da Conceição Garcia e Dra. Maria Cláudia Candeia de Souza.

Assim, tendo um caráter participativo e inclusivo, as atividades de Educação neste projeto foram construídas e praticadas com base em um sistema de pensamento útil para a transformação social, especialmente em seu aspecto de busca constante de sentido e pertencimento pelos sujeitos, tão importante ao processo educacional. Buscou-se, constantemente, estimular a participação, a valorização dos bens culturais, a construção coletiva e o fortalecimento dos espaços educativos e formativos, contribuindo para a autoestima das pessoas, por meio da valorização do patrimônio brasileiro, do conhecimento sobre as obras depredadas, de seus autores e autoras, dos lugares, das memórias e das múltiplas identidades.



Marta Bonow, Liza Martins e Letícia Maciel
Antropólogas e Educadoras
Patrimoniais e Ambientais





PATRIMÔNIO, UNIVERSIDADE E SOCIEDADE

Em 8 de janeiro de 2023, o Brasil testemunhou um dos capítulos mais sombrios de sua história recente com os ataques a três pilares de sua democracia: o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal. Esse episódio não representou apenas uma violação física desses espaços, mas também um ataque simbólico ao Patrimônio Cultural brasileiro, desencadeando uma perda significativa em nossa compreensão coletiva dos valores patrimoniais que constituem a cultura do país.

Os acontecimentos desse dia ressaltam a urgente necessidade de se repensar e fortalecer as políticas de Educação Patrimonial no Brasil. As universidades públicas, tal como a Universidade de Brasília (UnB), assumem um papel crucial nesse desafio, sendo instrumentais no desenvolvimento de programas que visem não apenas a conservação dos bens patrimoniais materiais e imateriais, mas também a incorporação desses valores na identidade cultural brasileira.

A resposta negligente de parte da população aos ataques de janeiro sinaliza uma frágil ligação identitária com os símbolos e espaços democráticos do país. Se, por um lado, esses espaços representam os fundamentos da democracia brasileira, por outro, fica evidente uma lacuna no reconhecimento destes como patrimônio cultural iminente, e as universidades se inserem nesse contexto. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) vem trabalhando para mudar essa percepção através de inventários participativos, contudo a singularidade de Brasília como patrimônio moderno e a complexa relação identitária dos cidadãos com a cidade mostram que ainda há muito a ser feito.

Nesse contexto, a UnB, por meio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), tem se destacado por seu compromisso com a promoção e preservação da cultura, com o apoio das Casas Universitárias de Cultura (CUC) da UnB. Esses espaços não só facilitam a difusão cultural, mas também servem como centros vivos de Educação Patrimonial, integrando a comunidade na preservação e valorização da cultura brasileira.

No âmbito do edital DEX N° 02/2024, a FAU-UnB, por meio dos cursos de graduação e pós-graduação, constituiu uma parceria com o Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Pinturas – Lacorpi da Universidade Federal de Pelotas (UFPe), formalizada mediante o Termo de Execução Descentralizada (TED) celebrado entre a universidade, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e a Presidência da República, por intermédio da Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais, para a elaboração de ações em Educação Patrimonial, tendo como pano de fundo os episódios ocorridos no dia 8 de janeiro de 2023.

O objetivo da parceria foi desenvolver metodologias sociais para as abordagens em Patrimônio Cultural destinadas ao público em idade escolar e ao público em geral. As ações e os conteúdos buscaram promover o reconhecimento e a valorização não apenas do patrimônio das obras degradadas, mas também do contexto em que elas estão inseridas, ou seja, no conjunto arquitetônico da Praça dos Três Poderes e urbanístico de Brasília, Patrimônio da Humanidade.

Ao ter projetado a cidade de Brasília, Lucio Costa defende que há, necessariamente, uma correlação de identidade entre o desenho da cidade e os edifícios que configuram seu conjunto urbano, em um desejado equilíbrio harmônico. Como premissa, podemos defender que em Brasília, cidade patrimônio, a partir da configuração original da cidade, incluindo seu conjunto edilício, é importante reconhecer os significados simbólicos intrínsecos às inúmeras obras arquitetônicas que contribuíram para a formação original desse território e que cujo valor cultural pode ser incorporado como bem patrimonial. Para a continuidade das ações

em Educação Patrimonial propostas pelo Lacorpi e a participação de estudantes de graduação da UnB, buscou-se uma parceria com a Secretaria de Educação do Distrito Federal por meio da Gerência de Educação Ambiental Patrimonial, Língua Estrangeira, Arte e Educação (Geapla) com o objetivo de implementá-las nas escolas públicas no Distrito Federal.

Portanto, a crise desencadeada pelos eventos de 8 de janeiro ressalta a importância crucial de investir em Educação Patrimonial. Esse investimento vai além da simples conservação física do patrimônio; trata-se de um esforço para reforçar os laços de identidade entre a população brasileira e seus bens culturais, assegurando, assim, a continuidade dos valores democráticos e culturais para as futuras gerações. A UnB, com sua história e estrutura, está em uma posição única para liderar esse esforço, representando um modelo de como as instituições educacionais podem e devem atuar como pilares na preservação cultural e na Educação Patrimonial no Brasil.



Cláudia da Conceição Garcia
Professora associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB)



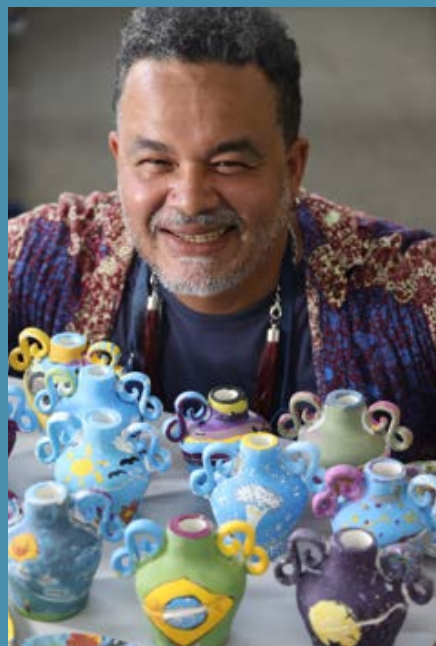
Maria Cláudia Candeia de Souza
Professora adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB)



MOLDANDO SONHOS

Antônio Ramos de Santana Neto é natural de Maragogipinho, distrito de Aratuípe, na Bahia. Formado em História, pelo Centro Universitário UNIFCT/Salvador, em 2012, e acadêmico no Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Atualmente faz Especialização em Educação na UFPel, no campo de pesquisa em Educação Patrimonial, e participa como bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET CR UFPel.



O barro de Maragogipinho, distrito do município de Aratuípe, no recôncavo baiano, moldou a infância de Antônio Ramos de Santana Neto. Considerado o maior polo cerâmico da América Latina, o vilarejo respira artesanato. Os desenhos afro-indígenas são as marcas identitárias das peças de cerâmicas que rodam o mundo. Até os 17 anos, ele era um dos 3 mil habitantes dessa terra de resistência artística. Precisou seguir para Salvador, para cursar o Ensino Médio, onde se dividiu entre trabalho e estudos. Alçou voo com o Bacharelado em História, até comemorar o ingresso no Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Era véspera dos seus 40 anos quando atravessou o país para conhecer o fascinante mundo da prática na restauração. Imerso a novos projetos, aclimatou-se rapidamente ao inverno. A paixão pela cerâmica o levou ao projeto do Lacorpi/UFPel, em Brasília. Entre as ações de Educação Patrimonial nas escolas do Distrito Federal, sua missão era ministrar oficinas práticas, que

simulavam a restauração da ânfora, uma das obras vandalizadas em 8 de janeiro. Para as atividades, foram preparadas peças inspiradas na *Ídria* em majólica italiana.

Os protótipos foram feitos em Pelotas, sob orientação da professora Karen Caldas, a partir de molde do professor Paulo Renato Damé. Para ele, a experiência de ensinar foi também aprendizado. A conservação e restauração aliada à educação foi um grande presente. “Esses estudantes têm o talento e as mentes criativas que retratam os tantos brasis que somos”, destaca. A Educação Patrimonial é uma ferramenta potente e transformadora, que abre um universo de oportunidades. Da mesma maneira que na terra natal de Antônio a tradição transforma o barro em arte, a vivência nas escolas semeia novas histórias. Quem sabe não nascerá aqui um artista que futuramente terá sua obra no Palácio do Planalto?

“Esses estudantes têm o talento e as mentes criativas que retratam os tantos brasis que somos”



APRENDIZES DE CIDADANIA

A professora Samara Ferreira da Silva Gonçalves tem cerca de trinta anos de atuação na área de Educação. É graduada em História, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), e servidora da Secretaria Estadual de Educação do Distrito Federal. Atualmente, leciona no Centro de Ensino Fundamental (CEF Caseb), em Brasília.



O brilho nos olhos dos alunos que participaram das atividades de Educação Patrimonial do projeto Lacorpi/UFPel, nas escolas de Ceilândia, Planaltina e no Plano Piloto, ficará na memória de quem viu de perto essa emoção. A professora Samara Ferreira da Silva Gonçalves foi uma delas. Testemunhou as ações desenvolvidas com seus alunos no Centro de Ensino Fundamental (CEF Caseb). Com quase três décadas de docência, ela atua desde 2011 na escola que abriu suas portas poucas semanas após a inauguração da nova capital federal.

A paulista conta que seu encontro à profissão demorou alguns anos para acontecer, quando decidiu quebrar a tradição familiar de seguir a carreira de enfermagem e cursou História na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Passou no concurso para a Secretaria Estadual de Educação de Brasília, e em 1997 mudou-se para o Planalto Central. A trajetória efetiva começou com as aulas noturnas para turmas do EJA - Educação de Jovens e Adultos, na Ceilândia. Foram anos desafiadores, que so-

lidificaram sua carreira. Depois de doze anos na periferia, passou a atuar em funções administrativas, até chegar ao Caseb, em 2011. Mesmo confessando preferência pelos conteúdos de nono ano, hoje compartilha seus saberes com alunos do sexto. “A disciplina de História é fundamental para o processo de formação do ser humano”, ressalta.

A professora já abordava noções de Educação Patrimonial em sala de aula, com enfoques mais abstratos. O projeto trouxe a prática de uma maneira envolvente. Entre as misturas de cores, os alunos pintaram coletivamente peças do quebra-cabeças que retratava a obra de Di Cavalcanti. Depois, a restauração das miniânforas, e a pintura das peças em gesso. Uma experiência que possibilitou o exercício da criatividade e da cidadania. “Através da arte, mostramos o papel de cada um deles na sociedade e ensinamos que não podemos destruir o que é nosso”, finaliza.

“Através da arte, mostramos o papel de cada um deles na sociedade e ensinamos que não podemos destruir o que é nosso”



CONSERVAÇÃO PREVENTIVA

A conservação dos acervos é essencial para a longevidade dos bens culturais e a preservação do patrimônio. No contexto contemporâneo, o vandalismo envolve aspectos políticos, sociais e religiosos, impulsionando ainda mais os riscos à memória cultural. A conservação preventiva tem um papel fundamental sob esse ponto de vista, atuando em um campo amplo, que permite contribuir na preservação dos bens culturais. As ações relacionadas à sua atuação vão desde o registro e manuseio adequado dos bens, medidas de segurança, controle ambiental e transporte seguro até o treinamento de pessoal e sensibilização do público. A relação de pertencimento está diretamente ligada a esse universo. Nos dias atuais, além do vandalismo, as mudanças climáticas são importantes ameaças à integridade dos acervos.

A atuação preventiva tem papel relevante na intenção de minimizar o processo de degradação das obras, de diversas formas. Durante o projeto Lacorpi/UFPel, a multidisciplinaridade de conhecimentos da equipe de trabalho permitiu algumas visitas aos espaços expositivos para que ocorresse coleta de dados. O monitoramento ambiental consiste em conhecer na sua totalidade o espaço onde a obra estará instalada, para então tomar as melhores decisões de gestão. Durante essa etapa, são avaliadas a luminosidade, a umidade relativa e a temperatura dos ambientes. A partir da reunião e análise dessas informações e da observação empírica, foram elaboradas medidas que contribuirão para a conservação das obras restauradas.

O conjunto de estratégias geradas será uma oportuna contribuição ao belo trabalho que a Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais (DCPP) desenvolve com o objetivo de resguardar e difundir a memória coletiva a partir dos bens culturais do Palácio do Planalto e do Palácio da Alvorada.



A equipe de conservação preventiva analisou os espaços onde se encontravam as obras vandalizadas em 8 de janeiro de 2023. Ao percorrerem os ambientes, coletaram dados que serão disponibilizados no relatório de Monitoramento Ambiental do Palácio do Planalto.

A aferição e registro da temperatura, umidade e iluminância dos espaços permite uma completa avaliação da ambientação e gera informações relevantes para o trabalho de preservação. Foram usados dataloggers e luxímetro para as medições nos quatro pavimentos do prédio.



A equipe da Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais (DCPP) conduziu as bolsistas do projeto Lacorpi/UFPel durante a visita aos ambientes do Palácio do Planalto.

A localização das leituras e os dados levantados foram apontados nas plantas baixas do prédio para que pudessem estar associados a cada local visitado. As referências utilizadas foram as obras de arte expostas e as características específicas dos ambientes.



CONSERVAÇÃO PREVENTIVA: ANTES E APÓS A RESTAURAÇÃO

A Conservação Preventiva perpassa todas as atividades desempenhadas pelos conservadores-restauradores, sendo fundamental para prevenir possíveis danos aos objetos, seja durante a exposição, o transporte, o acondicionamento em reserva técnica ou sob cuidados em laboratório de conservação-restauração. Esse campo do conhecimento propõe um olhar voltado para as diversas camadas que circundam o bem cultural, as quais, a princípio, podem ou não apresentar condições para sua proteção, seja em dimensões mais amplas, como o contexto geográfico, social e político dos locais de salvaguarda e de exposição, ou em âmbitos de menor escala, como o bairro, a quadra, o edifício, a sala, o mobiliário e o acondicionamento do objeto.

Com a Conservação Preventiva, pretende-se retardar ao máximo a necessidade de intervenção nas peças de um acervo, mantendo sua integridade em termos de materiais e estrutura. Destacamos que este é, inclusive, um dos eixos que organiza o plano pedagógico do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Após muitos anos de estudos em museus, arquivos, bibliotecas e espaços expositivos ao redor do mundo, os cientistas do patrimônio delimitaram, até o momento, dez agentes de deterioração: forças físicas, ladrões e vandalismo, água, fogo, pragas, poluentes, luz visível e radiações

ultravioleta e infravermelha, temperatura incorreta, umidade incorreta e dissociação. Esses agentes podem interagir entre si, já que a ação de qualquer um deles provoca um ou mais danos. A gravidade desses danos vai depender dos materiais que constituem os bens culturais, das suas técnicas de produção e dos eventos ocorridos ao longo da sua vida.

A atuação dos agentes de deterioração pode ser lenta e/ou cumulativa, como, por exemplo, no caso de um tecido que desbota gradativamente, ou rápida, com efeitos imediatos e catastróficos, em geral causando perdas irreparáveis. Nesses últimos casos, incluem-se vandalismo, deslizamentos de terra, rompimento de barragens, incêndios, grandes inundações, entre outros eventos que vivenciamos no Brasil.

Como exemplo prático da ação de agentes desse tipo, destacamos que esse texto foi escrito no Sul do Brasil, enquanto milhares de pessoas tentavam se recuperar das perdas causadas pelas enchentes que vêm ocorrendo com maiores impactos nos últimos anos, em consequência dos efeitos das mudanças climáticas¹ agravadas pela ação antrópica desde o século XVIII. De acordo com o Relatório de Prejuízos ao Setor Cultural², no Rio Grande do Sul, 97,3% dos espaços e agentes de cultura entrevistados foram afetados pelas enchentes. Entre eles estão o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, o Memorial do Rio Grande do Sul, o Museu do Trabalho, a Casa de Cultura Mario Quintana e o Atelier Livre Xico Stockinger, para citar apenas alguns. Todos esses locais foram alagados e tiveram suas coleções atingidas. Assim, podemos observar que o patrimônio cultural material e imaterial, que representa uma expressão singular da humanidade, é diretamente impactado pelas condições climáticas atuais.

Também é possível enumerar outros eventos catastróficos, como o rompimento das barragens de Mariana (em 2015) e de Brumadinho (em 2019), desastres socioambientais que resultaram em pelo menos 270 vidas perdidas, além da devastação da fauna e da flora locais e de igrejas, objetos

sacros, entre outros. Nesses casos, o patrimônio material e imaterial é afetado não só pela destruição direta, mas também pelas transformações das paisagens e das formas tradicionais de ocupação de espaços.

Além desses eventos, podemos mencionar o incêndio do Museu Nacional do Rio de Janeiro³, ocorrido um ano antes do desastre de Brumadinho. A tragédia foi causada por um curto-circuito em um equipamento de ar-condicionado, acarretando o desaparecimento de fósseis, coleções etnográficas e peças egípcias.

Em todos esses casos, as perdas são incalculáveis. Em que pese a magnitude da água, da lama e do fogo, essas são situações previsíveis e amplamente estudadas, seja por ambientalistas ou por profissionais da Conservação Preventiva.

Quanto ao vandalismo, principal agente de deterioração identificado em 8 de janeiro de 2023, podemos considerar a ação humana, seja ela premeditada ou oportunista. Diversos fatores são passíveis de desencadear atos de vandalismo, como convulsão social e política, intolerância religiosa, revoltas e protestos de caráter econômico, além de, em nível individual, fatores emocionais ou alcoolismo.

Naquele domingo, as casas dos Três Poderes foram invadidas num ímpeto de ataque à coisa pública. Essa ação violenta foi, principalmente, motivada por visões orientadas pelo desprezo da política como prática social histórica relevante, além do fato de que às obras de arte são atribuídos valores e significados que tanto podem ser positivos quanto negativos.

Os danos identificados nesse ato de vandalismo mostram o encadeamento de diversos agentes de deterioração, movimentados pela violência e pelo total descontrole da ação de centenas de pessoas. Na esteira da brutalidade que se anunciou, houve roubos, contaminação química pelo

uso indevido de extintores de incêndio e por dejetos humanos e danos por diferentes fontes de forças físicas, resultando em fraturas irreparáveis. As mangueiras de incêndio, fugindo a sua finalidade, acabaram por levar água aos materiais sensíveis, e, por fim, a turba ainda tentou provocar incêndios, que foram contidos pelas equipes de segurança.

Após a destruição, a restauração apresentou novos desafios. As obras ficaram fragilizadas e os cuidados necessários para sua preservação terão continuidade com ações de conservação preventiva. No projeto, essas ações se iniciaram pelo monitoramento da umidade relativa, da temperatura e da luz dos diversos ambientes onde as pinturas e as esculturas poderão ser expostas ou salvaguardadas, como, por exemplo, nos corredores e salas do Palácio do Planalto ou nas suas reservas técnicas.

Para os espaços usados cotidianamente pelo Poder Executivo, optou-se pelo uso de *dataloggers* e luxímetro, com a realização de medições pontuais e com frequência mensal. A localização das leituras e os dados levantados foram apontados em plantas baixas dos quatro pavimentos do prédio. Essas informações foram associadas a cada local, utilizando-se como referência as obras de arte atualmente expostas e as características específicas dos ambientes, como a presença ou não de pessoas, a existência de janelas e saídas de ar-condicionado e o tipo de iluminação. Foram identificados, também, os lugares onde se encontravam as peças vandalizadas em 8 de janeiro.

A transferência desses dados para planilhas eletrônicas facilitou a leitura e a interpretação das informações coletadas e auxiliou na percepção do comportamento dos ambientes estudados. Desse modo, será possível trabalhar com recomendações relacionadas à continuidade do monitoramento ambiental e à adoção de medidas preventivas quanto às formas de manuseio, de transporte, de acondicionamento e da segurança dos espaços e dos expositores, as quais serão organizadas no relatório final.

Finalizamos este capítulo lembrando que as ações de conservação preventiva dependem, sobretudo, do olhar atento de equipes capacitadas e comprometidas com os espaços que guardam bens culturais. Essas pessoas, com respaldo de uma sólida política de preservação institucional, são fundamentais para a preservação, resistência e (re)existência da materialidade e da imaterialidade das memórias dos cidadãos brasileiros.



Annelise Costa Montone
Professora do Departamento de
Museologia, Conservação e
Restauro da UFPel



Magda Villanova Nunes
Técnico Administrativo em
Educação da UFPel



HERANÇA DE FAMÍLIA

Luiza da Silva Couto é natural de Canguçu, município situado no interior do Rio Grande do Sul, e se dedica ao Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

É bolsista do Programa de Educação Tutorial pelo grupo PET Conservação e Restauro. Sua participação no projeto Lacorpi/ UFPel a inspirou a definir o tema do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na área de Conservação Preventiva.



Era uma tarde morna de abril quando a estudante do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Luiza da Silva Couto, pisou pela primeira vez no Palácio do Planalto. Integrante do grupo de acadêmicos participantes do projeto, vivia distintas emoções. Desde a primeira viagem a Brasília até o convívio com obras tão significativas. Naquele dia, tinha a missão de fazer medições no prédio. As informações que subsidiariam um relatório de Monitoramento Ambiental do Palácio do Planalto. A aferição e registro de temperatura, umidade e iluminância dos ambientes é parte do minucioso trabalho de manutenção preventiva.

A universidade pública abre horizontes, e aos 26 anos Luiza vivia uma experiência única. Nascida no interior de Canguçu, município gaúcho de 49 mil habitantes, ela rompeu a lógica da maioria dos moradores da Capital Nacional da Agricultura Familiar. O caminho natural dos jovens são profissões ligadas à terra. Mesmo assim, aos 16 anos, escolheu História. Depois

de três semestres, a inspiração familiar falou mais alto. Descendente de avós costureiras, tinha o gosto pelas manualidades no sangue. Não bastasse, um pai guasqueiro e um irmão dedicado à cutelaria. O talento pelas lides artesanais estimulou a busca por um curso que unisse suas paixões: história da arte, química e técnicas manuais.

Com essa trajetória, não teve receio de mergulhar no projeto. Em contato com a tela de Di Cavalcanti, se impressionou com a robustez. Mesmo assim, foi a escultura *Vênus Apocalíptica Fragmentando-se*, de Marta Minujín, que despertou encantamento e a levou a pesquisar sobre a artista. “Para mim, a arte tem esse poder, é uma forma maior de processar as coisas da vida”, definiu. A vida acadêmica permitiu experienciar. Certamente com as bençãos e orgulho das avós, que semearam o amor pela potência transformadora das mãos.

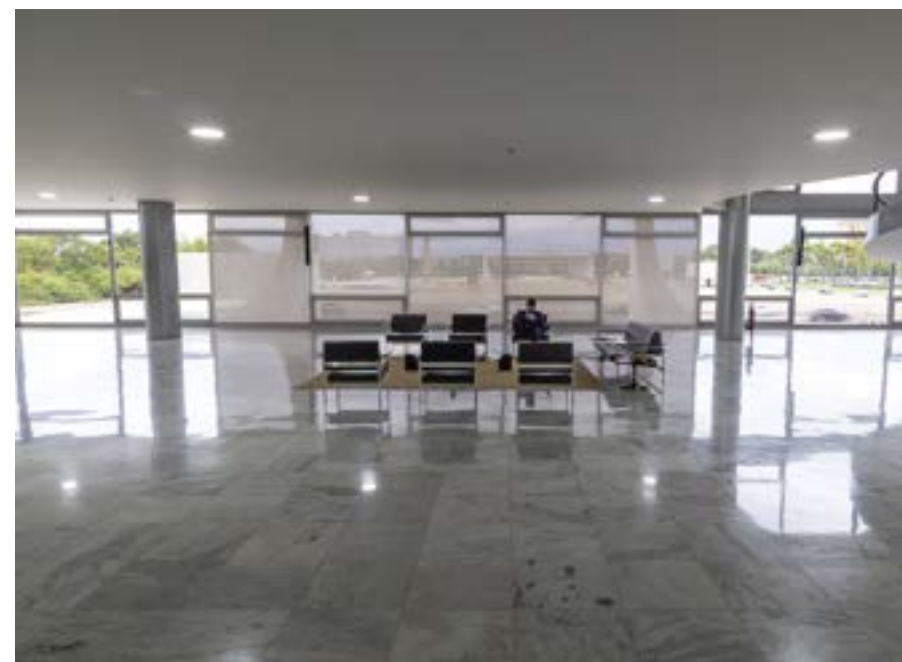
“Para mim, a arte tem esse poder, é uma forma maior de processar as coisas da vida”



DE VOLTA AO PALÁCIO

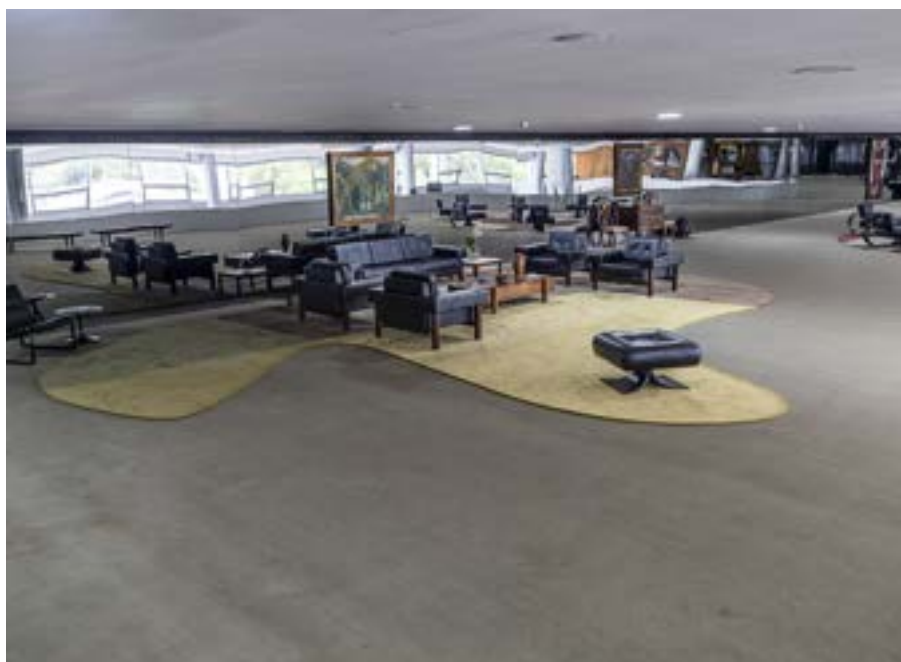
O Patrimônio Cultural está vivo e pulsante. As vinte obras pertencentes ao acervo dos Palácios Presidenciais estão restauradas e prontas para ocupar seus espaços na história do país. Esta publicação tratou da trajetória de restauração desse conjunto de bens culturais, resgatando todas as camadas de significância, desde os atos de vandalismo de 8 de janeiro de 2023. A resposta imediata das instituições reafirmou que a democracia foi construída sobre pilares sólidos. A sinergia entre Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Presidência da República, através da Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais (DCPP), e Universidade Federal de Pelotas permeou os caminhos desse processo de profundo significado para o país. A excelência técnica do Laboratório Aberto de Conservação e Restauração (Lacorpi/UFPel) reafirmou a potência da universidade pública em uma trajetória coletiva de saberes. As várias mãos que moldaram o projeto estarão impressas nestas páginas e também no fragmento de história que contará o Brasil no futuro. Além de reconstituir a matéria, o projeto fortaleceu símbolos que perpetuarão a memória do país.

A Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais (DCPP) atua na adequação dos ambientes dos Palácios com três importantes focos: reforçar a relação de pertencimento, resgatar a brasilidade e priorizar a reparação histórica. As curvas arquitetônicas de Oscar Niemeyer exalam democracia por todos os ângulos. Os andares do Palácio do Planalto hoje são povoados de símbolos que traduzem esse conceito. Desde os tapetes de sisal de cooperativas do Nordeste até as obras em cerâmica indígena e africana, entre outros. Signos que traduzem a identidade de nossas raízes e que devem ser incluídos com o devido protagonismo à narrativa do Brasil.

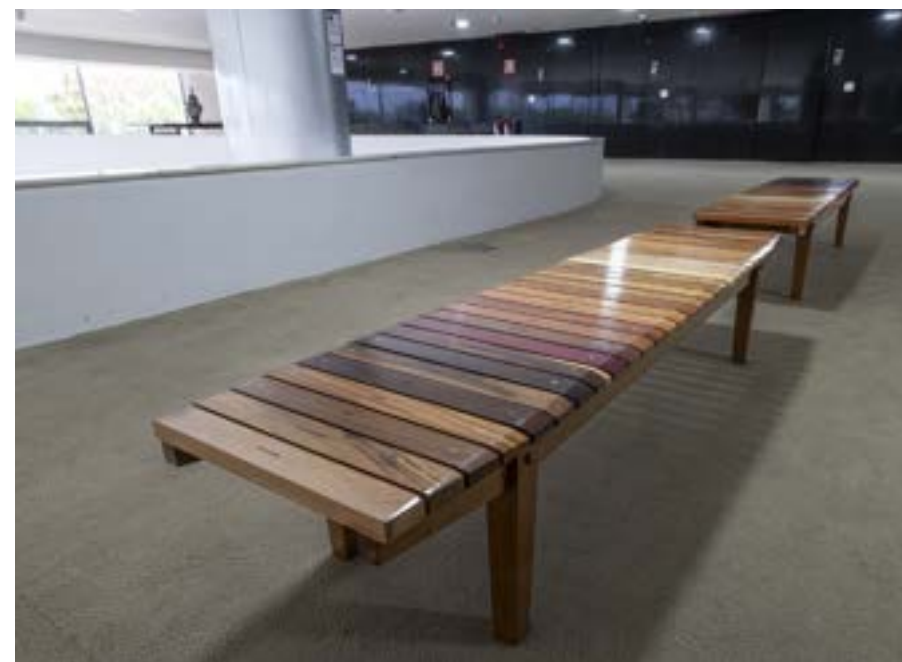


O Palácio do Planalto é um patrimônio da arquitetura moderna mundial. Composto por térreo, três pavimentos e subsolo, além de quatro prédios anexos, se destaca pela leveza de suas linhas. As colunas longitudinais dão amplitude e luminosidade ao prédio.

Símbolos da República, os palácios de Brasília são marcas do modernismo e da democracia. O conjunto urbanístico-arquitetônico de Brasília foi projetado por Lucio Costa e construído entre 1957 e 1960.



Ressignificando espaços, a Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais projetou a ambiência do prédio trazendo identidade própria. Os tapetes confeccionados para o terceiro andar fazem conexão com o painel de Burle Marx.

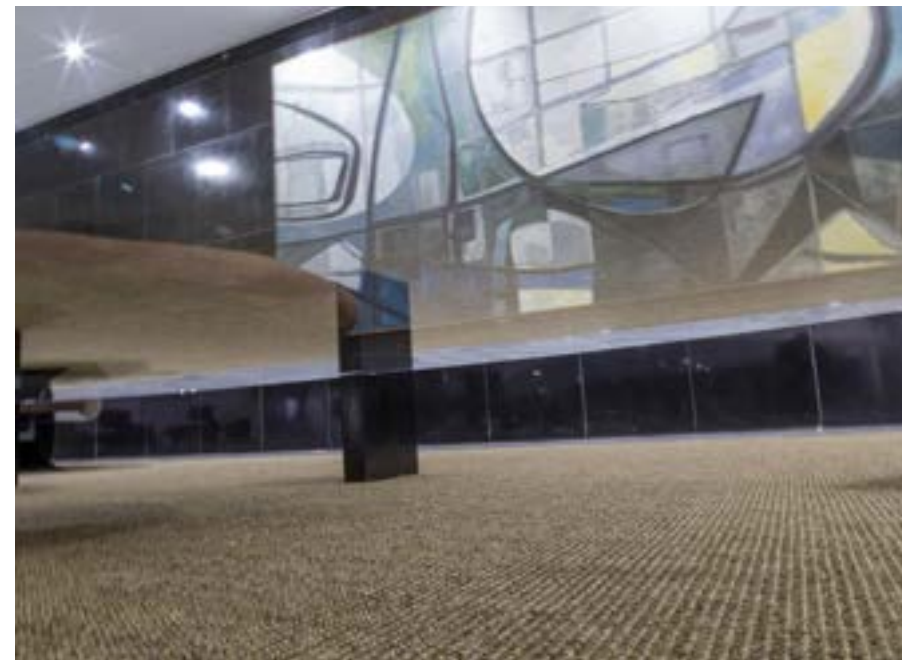


A multiplicidade da arte brasileira está presente de diferentes formas, na ambientação do prédio. O banco criado por DJ Papagaio, confeccionado com 32 espécies diferentes de madeira, é um exemplo de brasilidade.

A arte africana integra os ambientes do Palácio do Planalto, alinhada ao projeto da DCPD de reparação histórica, enriquecendo o acervo e estabelecendo um diálogo entre o passado e o presente.



A narrativa da disposição dos objetos, delineada pela DCPD, tem pilares no modernismo, brasilidade e reparação histórica. A pluralidade é o norte para que o fortalecimento da relação de pertencimento com o Palácio do Planalto.



A representatividade está na singularidade de cada objeto, dispostos nos espaços de circulação.

Os antigos tapetes persas foram substituídos por tecidos feitos a partir de fibra de sisal, produzidos por cooperativas do Nordeste





A LEVEZA QUE INCOMODA

Os ataques aos palácios dos três Poderes em Brasília, ocorridos em 8 de janeiro de 2023, com destruição de elementos da arquitetura, mobiliários, equipamentos e, principalmente, obras de arte, é um triste marco na história nacional. Demonstração de vandalismo e da violência sobre o Patrimônio Cultural do país, em um espaço de absoluto simbolismo para a nação e democracia brasileira que, em qualquer país democrático, é visto como sagrado e inviolável.

A história é povoada de invasões e destruições de palácios, devido, principalmente, ao que representavam seus ocupantes e os regimes que os sustentavam. Muitos foram os processos revolucionários que permitiram a substituição de déspotas por regimes minimamente participativos, garantindo poder a uma parcela maior ou à maioria da população.

Nesse caso específico de 8 de janeiro, a violência direcionada a esses símbolos não tinha como objetivo a queda de um regime autoritário ou foi uma ação revolucionária em prol do poder popular, como existem inúmeros casos na história, inclusive do Brasil. Pelo contrário, foi uma tentativa deliberada de destruição de elementos representativos de uma nação democrática, por meio da instauração do caos e adesão a um possível regime autoritário, ao negar o resultado de uma eleição legítima. A destruição do patrimônio do povo na tentativa de não aceitar a decisão desse mesmo povo.

A leveza que incomoda o autoritarismo

Os palácios de Brasília são mais do que símbolos da República; planejados e construídos em momento potente da democracia brasileira, eles representam a capacidade de criação do povo e a excelência alcançada em diversos campos da cultura, marcos do modernismo no país e nos trópicos. Em seus interiores, obras de arte, principalmente modernistas, integram os ambientes da arquitetura aberta, fluida e transparente das sedes dos poderes na capital federal, espaços das grandes decisões nacionais.

Além de serem símbolos da democracia nacional, esses edifícios fazem parte do patrimônio mundial, nacional e distrital. Eles exemplificam com maestria o que o crítico de arte Mário Pedrosa chamou de “a síntese das artes”, ao requisitar diversos campos da cultura em suas construções e ambientações. A arquitetura, o urbanismo, as artes visuais, o design e o paisagismo são agenciados para a criação de uma obra total, onde todos os elementos são interconectados de modo a estabelecer relações, ora de harmonia e unidade, ora de ênfases pelo contraste.

É interessante refletir sobre a leveza da arquitetura dos palácios de Brasília e como ela contrasta com os ataques e suas motivações. A arquitetura palaciana da capital, da lavra das pranchetas de Oscar Niemeyer – com seus pilares e estruturas de concreto que parecem flutuar – evoca leveza, transparência e acessibilidade, algo que não é fácil na técnica construtiva que colocaram a cidade em um lugar tão único na arquitetura mundial e que parecem tão bem traduzir princípios fundamentais em uma democracia.

Em uma análise semiótica, parece que foram exatamente esses atributos os alvos dos ataques por aqueles que não valorizam exatamente a transparência e a fluidez e pregam o estreitamento da visão, o fechamento, o peso das muralhas e barreiras que tão bem limitam o que é de alguns e não de todos.

A professora emérita da UnB, arquiteta e urbanista Silvia Fischer, em suas aulas ministradas na universidade localizada não tão distante desses palácios, destaca que a arquitetura está intrinsecamente ligada à política. Ela é um elemento ativo e reativo dos contextos sociopolíticos e culturais de uma sociedade. Nesse sentido, talvez seja um ponto a ser analisado para melhor compreensão dos fenômenos ocorridos em janeiro de 2023, que são políticos, mas que parecem ser também estéticos, é exatamente a questão da leveza, transparência e fluidez.

Para ilustrar a relação entre política e arquitetura, Fischer evoca a imagem do Pavilhão da Alemanha na Feira Universal de Barcelona, de 1929, projeto de Mies van der Rohe, e faz contraponto com o pavilhão do mesmo país na edição do evento de 1937, realizado em Paris. Se a primeira edificação se tornou paradigmática das possibilidades plásticas da planta livre (versátil e fluida), o pavilhão posterior, já sob o nazismo, tem características completamente opostas.

O projeto do arquiteto de Hitler, Albert Speer, reduziu o pavilhão a um grande pedestal: opaco, fechado – uma edificação que não se experimenta ou vivência, mas se observa. O espaço monolítico de Speer é inacessível, intransponível. Sua função primordial é de suporte de uma alegoria, de uma ideologia. O espaço arquitetônico é reduzido a suporte – no sentido mais restrito do termo.

Os autoritários sempre preferem muros, fechamentos e exclusões, enquanto Brasília, com seus espaços abertos e transparentes, leves e fluidos, representa o oposto, e mesmo tendo funcionado para uma ditadura, a custo de muita repressão e controle militar, seus palácios são frutos de um dos mais promissores (dos poucos) momentos democráticos na história brasileira. Brasília é filha da democracia e isso está materializado em suas principais edificações públicas.

Transparência e acesso: as obras restauradas de volta ao palácio

A recuperação dos edifícios foi relativamente rápida, algo que as soluções arquitetônicas originais e os tipos de danos encontrados permitiram, apesar de graves e dos enormes recursos demandados para tal. Já o processo de restauração dos bens culturais móveis demandou processos mais lentos, uma vez que se tratam de peças únicas e com suportes delicados.

Após o processo de restauração empreendido pelo Laboratório de Conservação e Restauração da Universidade Federal de Pelotas, por meio de um Termo de Descentralização de recursos do Iphan à mesma universidade, com apoio da Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais de Brasília, esses bens culturais podem, finalmente, retornar aos seus locais históricos.

Tal retorno é altamente simbólico. Ao não lograrem seus objetivos autoritários, a restauração dos prédios, mobiliário e obras de arte, assumem um significado ainda mais profundo. Elas se tornam símbolos da resistência democrática e da vitória sobre aqueles que buscaram fragilizar essa democracia, utilizando o ódio como arma e a destruição de elementos culturais e altamente simbólicos que compõem o Estado Democrático brasileiro.

O retorno de obras de artistas como Di Cavalcanti, Bruno Giorgi e Frans Krajcberg ao Palácio do Planalto reforçam não apenas mais um momento de vitória da democracia contra o arbítrio, como destaca a potência e diversidade da riqueza cultural do Brasil. Di Cavalcanti, por exemplo, um homem não branco, trouxe uma perspectiva única à arte brasileira em um período em que as artes plásticas eram dominadas por uma elite branca. Sua obra, junto com as de outros artistas, contribuiu para a representação da diversidade brasileira e para a reafirmação dos valores de diversidade e de democracia.

A obra de Di, embora talvez inadequadamente intitulada como “As Mulatas”, pode se tornar um potente ponto de memória, extrapolando sua

potência enquanto representante da qualidade plástica da arte brasileira. Essa obra vandalizada e agora restaurada é símbolo da luta e resistência contra o arbítrio no Brasil. Uma obra que passa a ter valor também de documento uma vez que há cicatrizes em seu suporte que não podem ser restituídas à condição anterior à tentativa de golpe.

A decisão dos restauradores, em conjunto com os agentes envolvidos com o processo de restauro, de preservar as marcas do ataque de 8 de janeiro no verso da tela de Di é de extrema importância. A transparência dos materiais escolhidos para reconectar a tela rasgada vai demandar que ela seja exposta em um suporte também transparente. A exemplo de Lina Bo Bardi em sua estratégia genial para a Pinacoteca do MASP, admitir acesso pleno ao verso da obra garantirá a leitura das marcas da tragédia, assim como permitirá que informações complementares sobre o restauro, a obra e o 8 de janeiro estejam presentes na sede da Presidência da República. Um ponto de memória potente.

De volta ao Palácio, *locus* das grandes decisões nacionais e símbolo de um povo, essas obras precisam ser mais acessadas e as possibilidades de conexão com maiores parcelas da população. Elas passaram a significar ainda mais depois dos ataques e, exatamente por isso, é fundamental avançar com as iniciativas em curso que promovam maior acesso aos Palácios de Brasília e seus bens culturais – que não são de reis, mas do povo.



Luiz Eduardo Sarmento
Arquiteto e Urbanista
Coordenador de Assistência e
Qualificação da Conservação
Coordenação-Geral de Conservação -
Depam/Iphan





A RESTAURAÇÃO DAS OBRAS VANDALIZADAS NO PALÁCIO DO PLANALTO: PRESERVAÇÃO, CONTEMPORANEIDADE E REPARAÇÃO HISTÓRICA

Para garantir a continuidade e a integridade dos esforços de preservação e valorização do acervo cultural dos palácios presidenciais, foi criada, por meio de Decreto Presidencial em 2023, a Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais. Essa nova diretoria tem o papel central de coordenar e supervisionar as atividades ligadas à gestão e à curadoria das coleções artísticas e históricas que ambientam os palácios da Presidência da República.

Atuando diretamente na formulação de diretrizes para a preservação, restauração e exposição das obras, a diretoria tem como missão assegurar que os acervos reflitam tanto o passado quanto as demandas contemporâneas por inclusão e diversidade. A criação dessa estrutura institucional reforça o compromisso do governo Lula em tratar o Patrimônio Cultural como um bem público essencial para a memória e identidade nacional.

O ataque perpetrado no dia 8 de janeiro de 2023 ao Palácio do Planalto representou não apenas uma agressão ao espaço físico que abriga a Presidência da República, mas também à memória cultural e histórica da nação. Obras de arte de valor inestimável, tanto simbólico quanto

artístico, foram vandalizadas. Essas criações, parte integral do Patrimônio Cultural brasileiro, refletem nossa trajetória como nação, expressando em formas visíveis os ideais que nos moldaram ao longo do tempo. Diante dessa situação, a recuperação desse patrimônio tornou-se uma prioridade, não apenas pela necessidade de reparo físico, mas pelo valor imaterial e simbólico que essas obras carregam.

Em resposta imediata ao ocorrido, a Presidência da República, em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), deu início a um processo minucioso de restauração. Um espaço de trabalho dedicado foi montado no Palácio da Alvorada, onde, sob a supervisão direta do presidente da República e da primeira-dama, as obras começaram a ser cuidadosamente restauradas. Esse esforço conjunto entre governo, academia e instituições de preservação ilustra um modelo de parceria que transcende a técnica restaurativa, adentrando o campo do simbolismo nacional.

A restauração envolveu não só a recuperação material das obras, mas também o resgate do significado histórico e artístico dessas peças. Muitas dessas criações, ligadas ao movimento modernista brasileiro, representam uma fase crucial da nossa identidade cultural. O Modernismo, com suas linhas arrojadas e seu espírito de ruptura, expressa a busca por um Brasil moderno, ao mesmo tempo que dialoga com a tradição. Ao restaurar essas obras, estamos também restaurando essa busca – uma utopia modernista que reflete os desafios e as conquistas da nossa nação em constante evolução.

Como curador dos palácios presidenciais da Presidência da República, as abordagens no pós-8 de janeiro envolveram um aprofundamento de três focos centrais na interpretação dos espaços públicos: a valorização do Modernismo, a ampliação da brasilidade e a reparação histórica. As obras de artistas modernistas, muitas delas alocadas nos palácios presidenciais, dialogam com o projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer e Lucio Costa,

onde o concreto e o vazio assumem um caráter poético. Ao longo do processo de restauração, buscou-se reafirmar seu valor dentro do contexto histórico e artístico em que foram criadas.

Além de destacar o Modernismo, esse momento trouxe uma reflexão mais ampla sobre o conceito de brasilidade. Se, por um lado, o Modernismo celebrou uma certa visão do Brasil, hoje entendemos que a brasilidade é plural e deve ser celebrada em suas muitas facetas. A inserção de novas obras nos espaços dos palácios reflete essa brasilidade ampliada, dando voz e visibilidade a uma diversidade de experiências e perspectivas que historicamente foram negligenciadas.

A valorização de artistas indígenas, negros, mulheres e representantes da comunidade LGBTQIA+ nas coleções dos palácios presidenciais é um passo em direção ao reconhecimento da riqueza multifacetada da cultura brasileira, contribuindo para um diálogo mais inclusivo sobre o que significa ser brasileiro no século XXI.

Por fim, o foco em reparação histórica é um aspecto fundamental dessa nova fase dos palácios presidenciais. A história brasileira, marcada por profundas desigualdades sociais e raciais, ainda carrega cicatrizes de períodos de exclusão e violência. Assim, a inserção de obras de artistas que representam populações historicamente marginalizadas não é apenas um gesto de inclusão, mas também de justiça histórica. Ao destacar esse tipo de produção, busca-se redimir o esquecimento imposto a esses grupos e, ao mesmo tempo, celebrar suas contribuições para a construção de uma identidade nacional mais justa e representativa.

Essa tríade – Modernismo, brasilidade ampliada e reparação histórica – reflete o compromisso da Presidência da República em transformar os palácios presidenciais em espaços que dialogam não apenas com o passado, mas também com o presente e o futuro do Brasil. A restauração das obras vandalizadas em 8 de janeiro de 2023 foi um momento

simbólico de resistência cultural. Ao restaurar essas obras, restauramos também parte de nossa memória coletiva e reafirmamos o compromisso com um Brasil mais inclusivo, democrático e plural.

Esse processo de restauração foi mais do que uma mera intervenção técnica; foi um ato de reafirmação de princípios fundamentais que norteiam a nação brasileira. A violência do vandalismo foi respondida com a força restaurativa da arte e da cultura. Assim, as obras que agora voltam a adornar os palácios não são apenas objetos recuperados, mas símbolos renovados de um Brasil que, embora ferido, permanece resiliente em sua busca por justiça, inclusão e reconhecimento da diversidade.



Rogério Carvalho
Diretor curador
Diretoria Curatorial dos Palácios
Presidenciais







EXTRAS





Mapa de danos - Vista frontal



Obra - Bird (Pissarro)



Dano/Identificação	Causa provável do dano
Rasgo sem perda de suporte	Ação humana - vandalismo
Rasgo com perda de suporte	Ação humana - vandalismo
Vinco	Ação humana - vandalismo
Craquelê	Ação humana - vandalismo
Desprendimento	Ação humana - vandalismo
Fissura	Ação humana - vandalismo
Pulverulência	Ação humana - vandalismo
Mancha	Ação humana - vandalismo
Dobra	Ação humana - vandalismo

Mapa de danos - Vista frontal

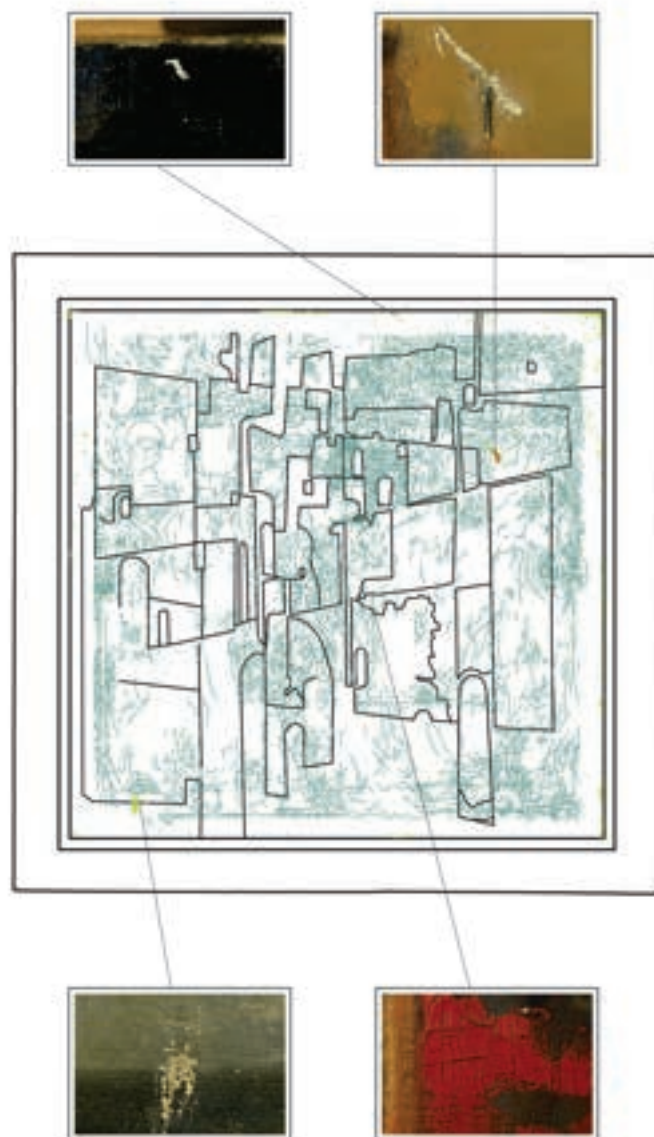


Obra - Borboletas e pássaros



Dano/Identificação	Causa provável do dano
Rasgo	Manutenção indevida
Mancha	Manutenção indevida
Sujidade	Manutenção indevida
Craquelê	Ação do tempo
Lacuna	Ação do tempo

Mapa de danos - Vista frontal

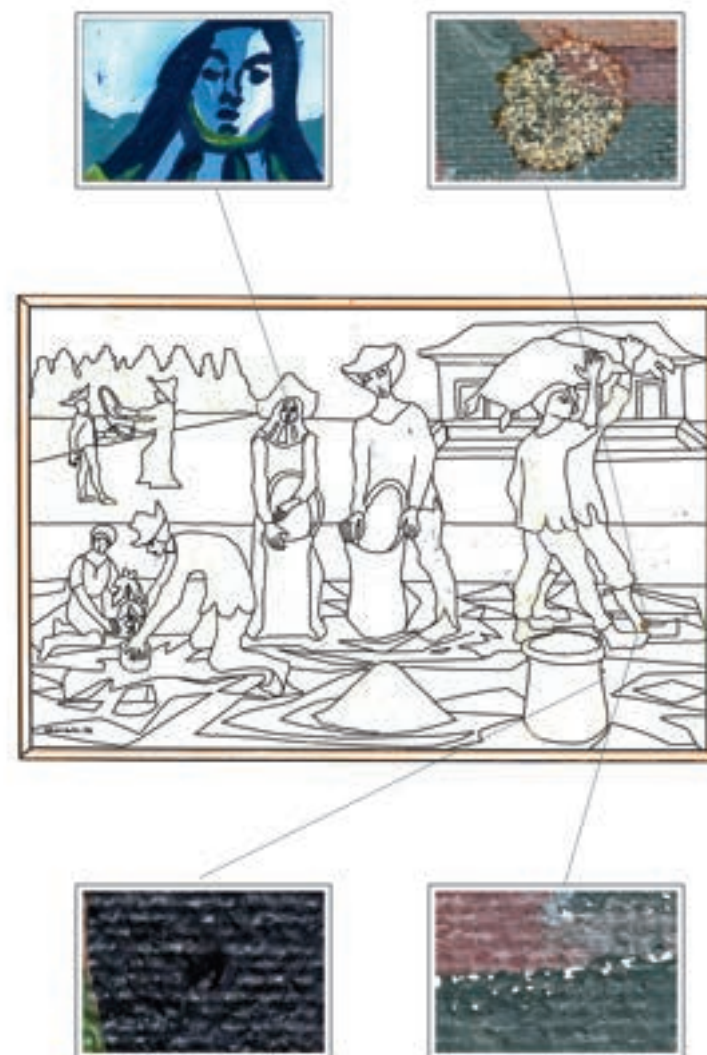


Obra - Corsários



Dano/Identificação	Causa provável do dano
● Rasgo	Ação humana - vandalismo
● Craquelê	Ação do tempo
● Lacuna	Ação do tempo

Mapa de danos - Vista frontal

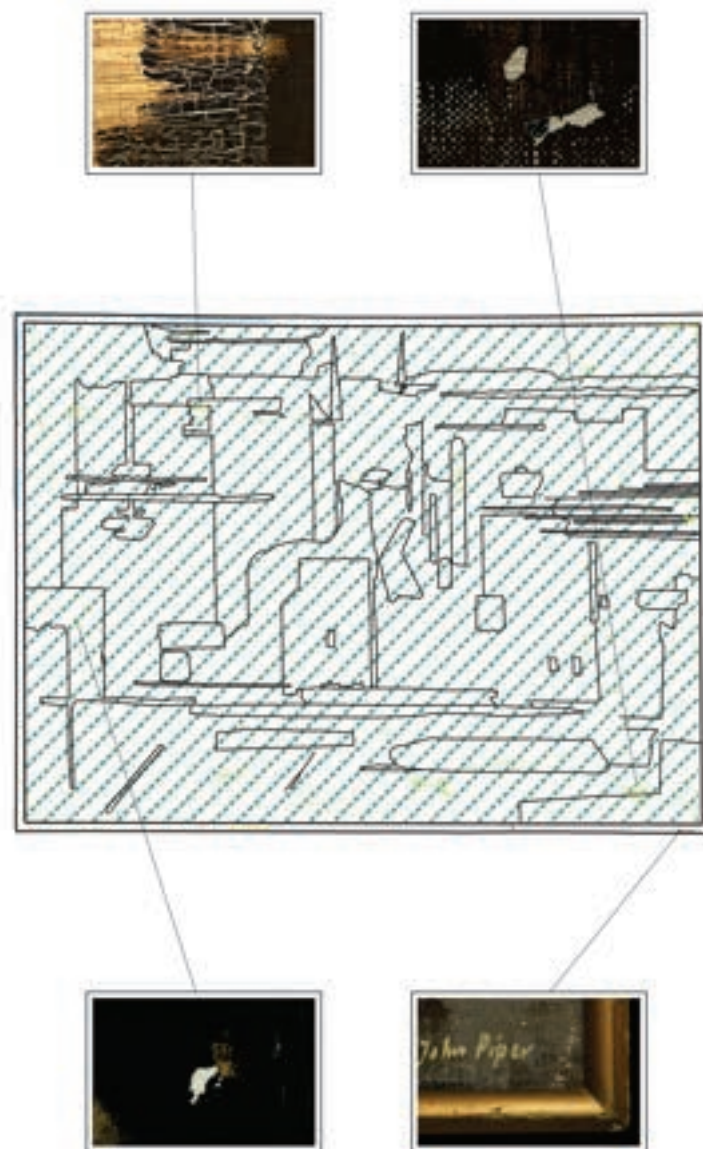


Obra - Cena de Café



Dano/Identificação	Causa provável do dano
● Rasgo	Manutenção indevida
● Mancha	Manutenção indevida
● Sujidade	Manutenção indevida
● Intervenção anterior	
● Lacuna	Manutenção indevida

Mapa de danos - Vista frontal

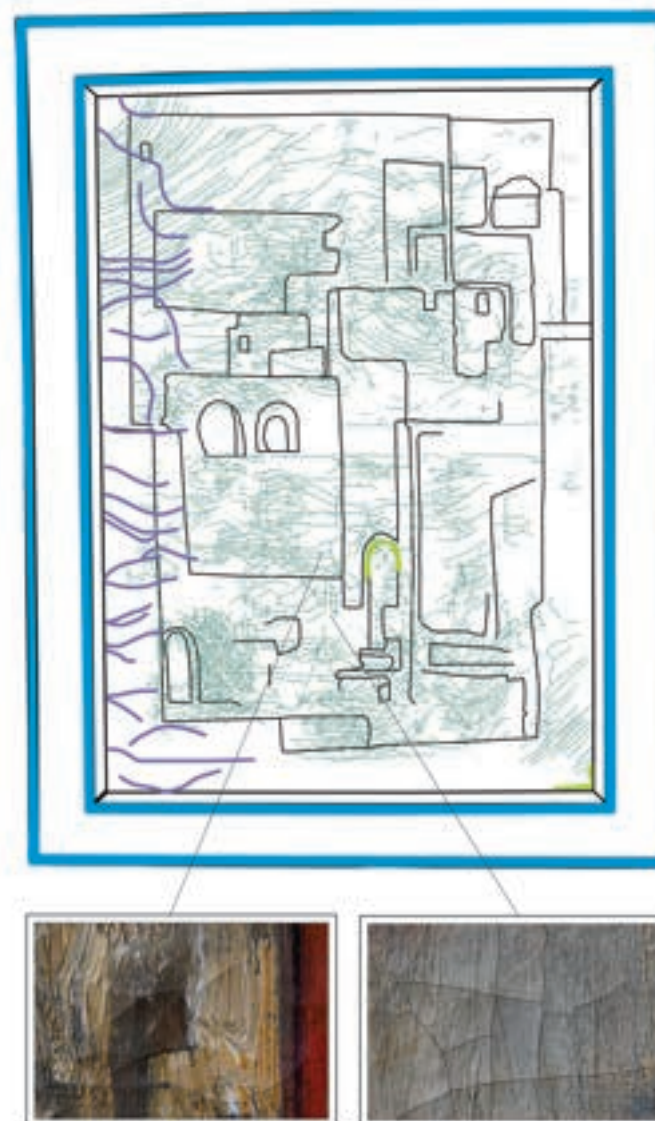


Obra - Cotswold Town



Dano/identificação	Causa provável do dano
● Mancha	Manutenção indevida
● Craquelê	Ação do tempo
● Sujidade	Manutenção indevida
● Lacuna	Manutenção indevida
● Esclatamento com perda de suporte	Ação do tempo

Mapa de danos - Vista frontal



Obra - Sem título



Dano/identificação	Causa provável do dano
● Craquelê	Ação do tempo
● Abrasão	Manutenção indevida
● Lacuna	Ação do tempo
● Ondulação	Ação do tempo

Mapa de danos - Vista frontal



Obra - Retrato de Duque de Caxias



Dano/Identificação	Causa provável do dano
Mancha - caneta hidrográfica	Ação humana - vandalismo
Fissura	Ação humana - Ação do tempo
Craquelê de secagem	Ação do tempo
Sujidade	Manutenção inadequada
Lacuna	Ação do tempo

Mapa de danos - Vista frontal



Obra - Galhos e Sombras



Dano/Identificação	Causa provável do dano
Fratura - com desprendimento	Ação humana - vandalismo
Fratura	Ação humana - vandalismo
Sujidade	Manutenção inadequada

Mapa de danos - Vista frontal

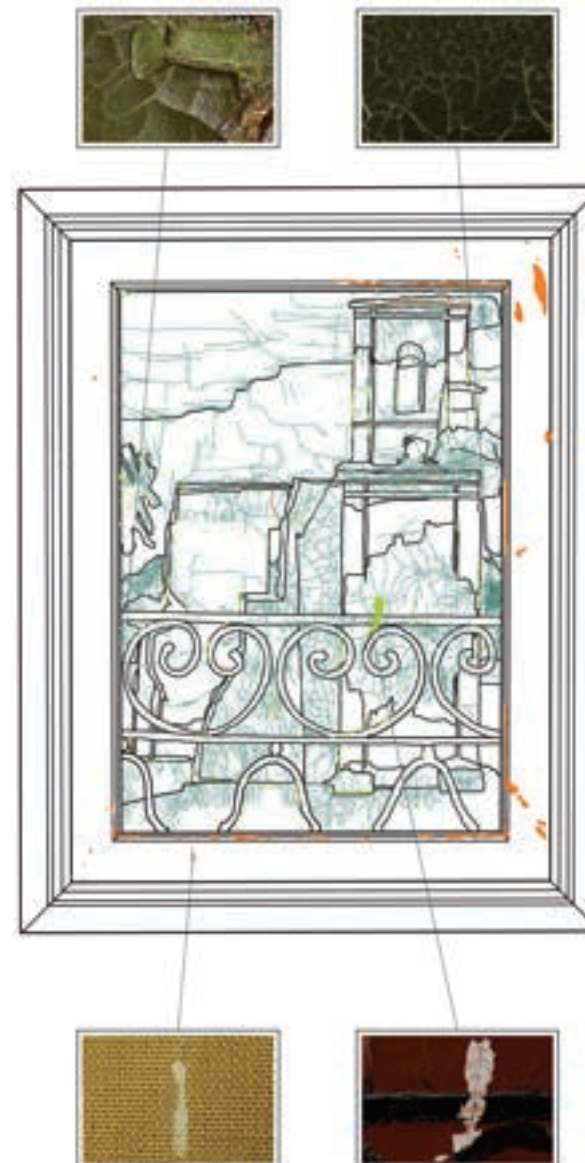


Obra - ânfora em Majólica Italiana



Dano/identificação	Causa provável do dano
● Fratura com perda de suporte	Ação humana - vandalismo
● Lacuna	Ação humana

Mapa de danos - Vista frontal



Obra - Matriz e Grade no 1º Plano



Dano/identificação	Causa provável do dano
● Craquelê	Ação do tempo
● Sujidade	Manutenção inadequada
● Lacuna	Ação do tempo
● Mancha	Manutenção inadequada

Mapa de danos - Vista frontal

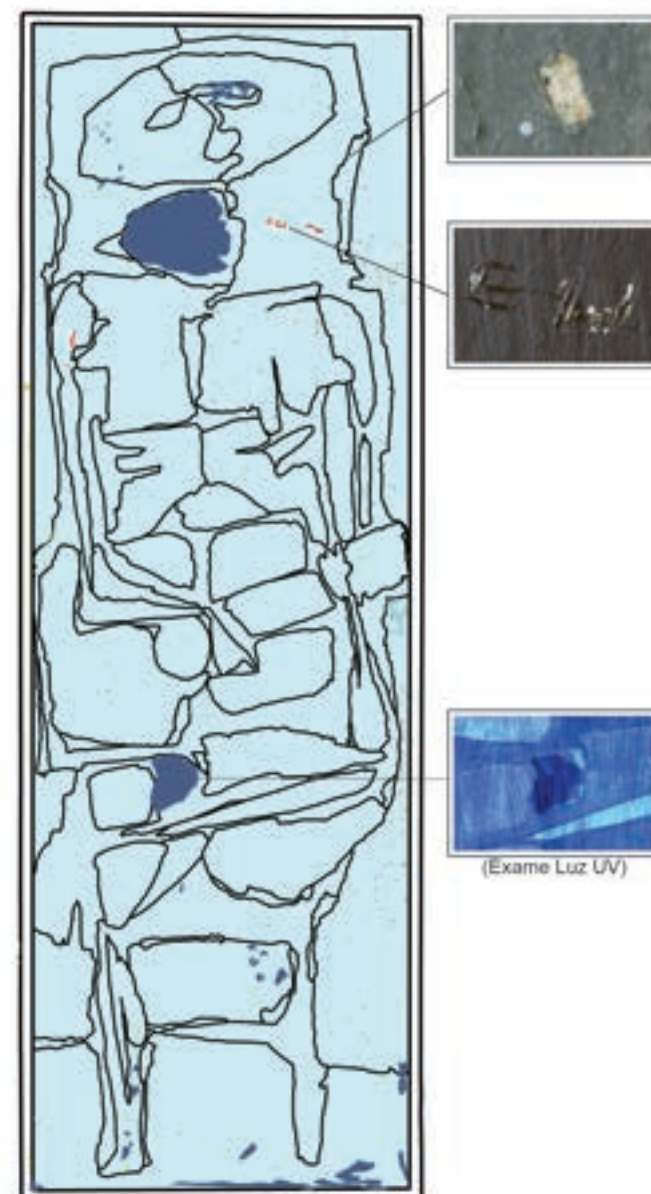


Obra - Mulheres à mesa



Dano/Identificação	Causa provável do dano
● Craquelê	Ação do tempo
● Rasgo	Ação humana - vandalismo
● Lacuna	Ação humana - vandalismo
● Intervenção anterior	-

Mapa de danos - Vista frontal

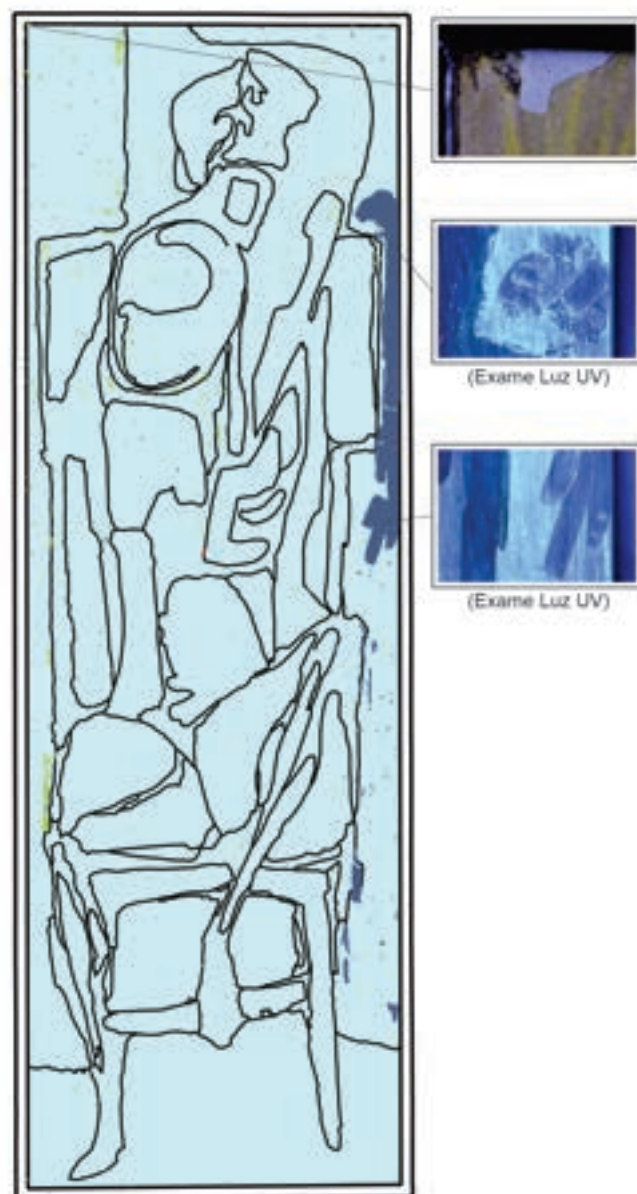


Obra - Músico I



Dano/Identificação	Causa provável do dano
● Oxidação da cera	Ação do tempo
● Impacto	Ação humana
● Craquelê	Ação do tempo
● Sujidade	Manutenção inadequada
● Lacuna	Ação do tempo
● Intervenção anterior	-

Mapa de danos - Vista frontal

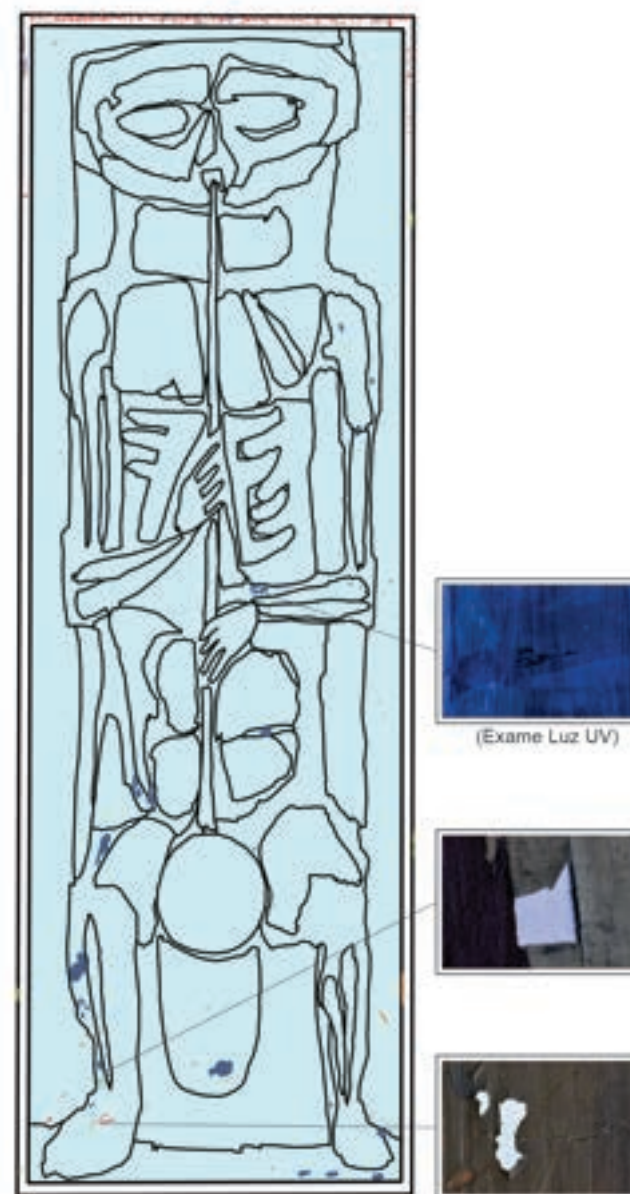


Obra - Músico II



Dano/identificação	Causa provável do dano
○ Oxidação da cera	Ação do tempo
● Impacto	Ação humana
● Craquelê	Ação do tempo
● Sujidade	Manutenção inadequada
● Lacuna	Ação do tempo
● Intervenção anterior	-

Mapa de danos - Vista frontal



Obra - Músico III



Dano/identificação	Causa provável do dano
○ Oxidação da cera	Ação do tempo
● Impacto	Ação humana
● Mancha	Manutenção inadequada
● Sujidade	Manutenção inadequada
● Lacuna	Ação do tempo
● Intervenção anterior	-
● Risco	Ação humana

Mapa de danos - Vista frontal



Obra - Música IV



Dano/identificação	Causa provável do dano
Oxidação da cera	Ação do tempo
Impacto	Ação humana
Mancha	Manutenção inadequada
Sujidade	Manutenção inadequada
Lacuna	Ação do tempo
Craquelê	Ação do tempo
Risco	Ação humana
Respingos de tinta	Ação humana

Mapa de danos - Vista frontal



(Exame Luz UV)



Obra - Música V



Dano/identificação	Causa provável do dano
Oxidação da cera	Ação do tempo
Impacto	Ação humana
Abrasão	Ação humana
Sujidade	Manutenção inadequada
Lacuna	Ação do tempo
Intervenção anterior	-
Craquelê	Ação do tempo

Mapa de danos - Vista frontal

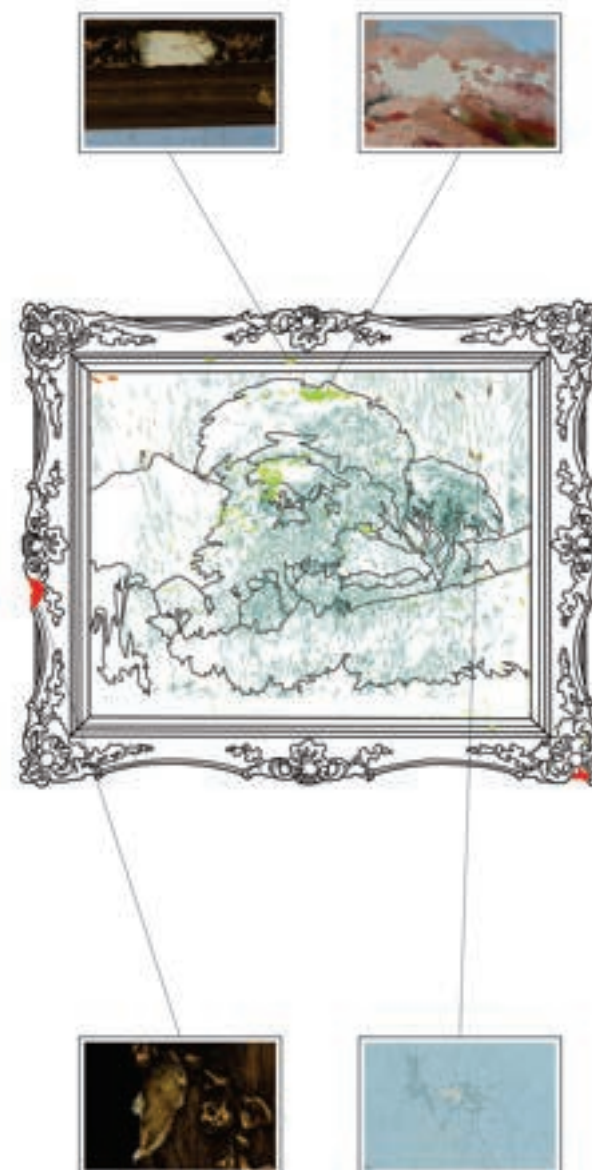


Obra - O flautista



Dano/Identificação	Causa provável do dano
● Fratura	Ação humana - vandalismo
● Abrasão	Ação humana - vandalismo
● Lacuna	Ação humana - vandalismo
● Fissura	Ação humana - vandalismo

Mapa de danos - Vista frontal

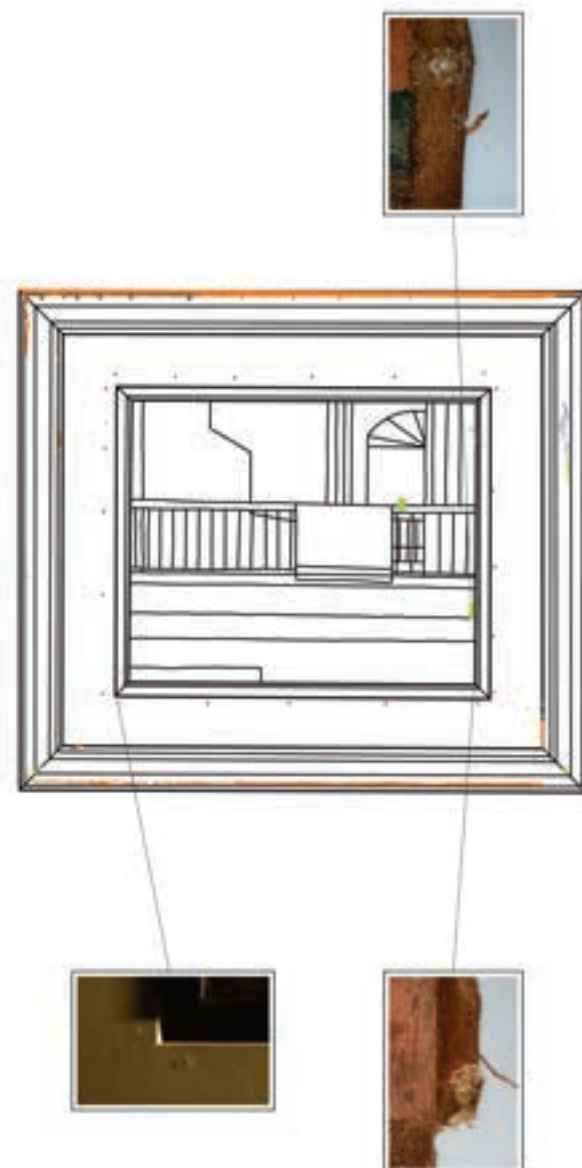


Obra - O flautista



Dano/Identificação	Causa provável do dano
● Mancha	Manutenção inadequada
● Fratura com perda de suporte	Ação humana
● Craquelê de secagem	Ação do tempo
● Sujidade	Manutenção inadequada
● Lacuna	Ação do tempo

Mapa de danos - Vista frontal

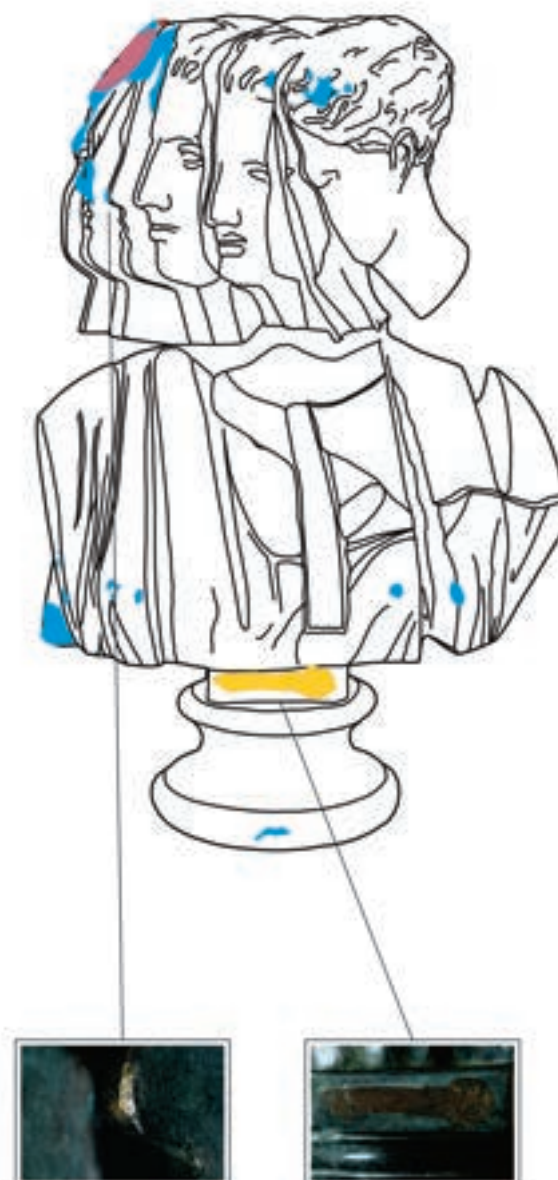


Obra - Rosas e Brancos Suspensos



Dano/Identificação	Causa provável do dano
● Mancha	Manutenção inadequada
● Impacto	Ação humana
● Risco	Ação do tempo
● Sujidade	Manutenção inadequada
● Lacuna	Ação do tempo

Mapa de danos - Vista frontal



Obra - Vênus Apocalíptica Fragmentando-se



Dano/Identificação	Causa provável do dano
● Fratura	Ação humana - vandalismo
● Abrasão	Ação humana - vandalismo
● Adesivo oxidado	Ação do tempo
● Deformação	Ação humana - vandalismo

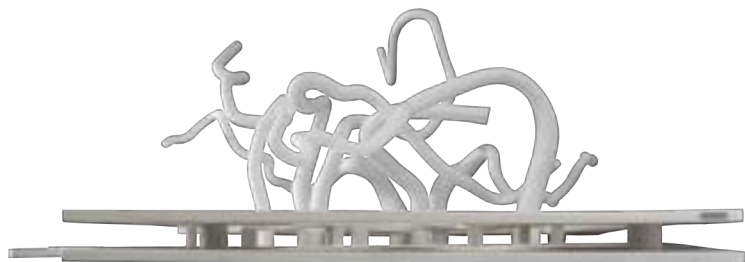




Galhos e Sombras
de Frans Krajcberg
(artista polonês,
naturalizado brasileiro)

Peça tridimensional executada com restos de madeira, pintados em branco, que explora a expressividade das luzes e sombras.

Ano: 1970
160,3 X 139 X 58 cm



O Flautista
de Bruno Giorgi
(artista brasileiro)

Uma figura masculina em formas abstraídas equilibra-se entre o próprio peso e o sopro do instrumento.

Ano: 1961
165 X 64 X 33 cm
Escultura em bronze e base granito



Matriz e grade no 1º plano
de Ivan Marquetti
(artista brasileiro)

Paisagem representada com foco
no contraste entre elementos
arquitetônicos.

Ano: 1976
95 X 73 X 4 cm
Óleo sobre tela



Retrato do Duque de Caxias
de Oswaldo Teixeira
(artista brasileiro)

Retrato a três quartos do líder militar
brasileiro.

Década de 1930
85 X 73,8 X 4,8 cm
Óleo sobre tela



Mulatas à mesa (atribuído)
de Emiliano Di Cavalcanti
(artista brasileiro)

Pintura modernista com grupo de mulheres
em meio a uma paisagem costeira.

Ano: 1962
119,5 X 352,1 X 6,5 cm



Rosas e Brancos Suspensos
de José Paulo Moreira da Fonseca
(artista brasileiro)

Paisagem arquitetônica desenvolvida com
foco na ambiguidade visual, oscilante
entre a bi e a tridimensionalidade.

Ano: 1970
67 X 75,4 X 3,5 cm
Óleo sobre tela



Casarios
de Dario Mecatti
(artista ítalo-brasileiro)

Pintura com exercício de
abstração a partir de formas
arquitetônicas.

121,5 X 122,9 X 3,5 cm
Óleo sobre tela



Sem título
de Dario Mecatti
(artista ítalo-brasileiro)

Abstração realizada a partir
de elementos arquitetônicos.

121,5 X 91,5 X 3,7 cm
Óleo sobre tela



Idria em Majólica italiana
Não identificado

Peça em majólica com morfologia
inspirada nos antigos vasos de
farmácia ligurianos.

64 X 52 X 39 cm
Cerâmica (Majólica)



Cena de Café
de Clóvis Graciano
(artista brasileiro)

Imagem com trabalhadores das
plantações de café em traços
expressionistas e estética que
remete ao Realismo Social.

Ano: 1978
49 X 72,5 cm
Óleo sobre tela



Paisagem do Rio (atribuído)
de Armando Viana
(artista brasileiro)

Paisagem carioca realizada com
paleta e cores que remetem ao
impressionismo.

79 X 96,2 X 7,5 cm
Óleo sobre tela



Vênus Apocalíptica Fragmentando-se
de Marta Minujín

(artista argentina)

Reinterpretação pós-moderna de um tema central da história da arte da antiguidade clássica.

Ano: 1983
44 X 66 X 25
Escultura em bronze



Borboletas e Pássaros (atribuído)
de Grauben do Monte Lima

(artista brasileira)

Pintura com plantas e animais em técnica pontilhista feita com uso de cores puras.

Ano: 1965
82,7 X 52,7 X 3,2 cm



Cotswold Town
de John Piper
(artista inglês)

Exercício pictórico com foco
na abstração baseada em
cena urbana.

Ano: 1958
125 X 94,6 cm
Óleo sobre tela



Bird
de Martin Bradley
(artista inglês)

Pintura expressionista que
reinterpreta livremente as
formas das aves.

Ano: 1955
47 X 62 cm
Guache sobre papel



Músicos 01 - 05
de Glênio Bianchetti
(artista brasileiro)

Conjunto de cinco pinturas de Glênio Bianchetti: os quadros representam individualmente instrumentistas que manipulam instrumentos de cordas em estética expressionista.

Ano: 1963
119,8 X 40,1 X 2,8 cm
Óleo sobre tela





REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

LULA: “Não há perdão para quem atenta contra a democracia”. **Portal Planalto**, 9 jan. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2024/01/lula-201cnao-ha-perdao-para-quem-atenta-contr-a-democracia201d>. Acesso em: 21 out. 2024.

CAPÍTULO 2

Perdeu, mané! – Andrey Rosenthal Schlee

(1) BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **8.1.2023: [hashtag] democraciainabalada**. Biblioteca Digital, 2023. Disponível em: <https://bibliotecadigital.stf.jus.br/xmlui/handle/123456789/5572>. Acesso em: 21 out. 2024.

(2) FILHO, Campos; RIBEIRO, José Raymundo. **Restaurando a democracia: a preservação da memória da Câmara para futuras gerações**. Câmara dos Deputados, 2024. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/items/db961013-bec9-488b-8af9-6527b246333b>. Acesso em: 21 out. 2024.

CAPÍTULO 3

A restauração das obras de arte vandalizadas em 8 de janeiro de 2023 – Andréa Bachettini

(1) SARRAZIN, Béatrice. Os princípios de uma restauração “à francesa”. *In*: CURIE, Pierre. (coord.) **Poussin – Restauração – Hymeneus travestido assistindo a uma dança em honra a Priapo**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Totem Cultural, 2009.

(2) CALVO, Ana. **Conservación y restauración**: materiales, técnicas y procedimientos – de la A a la Z. Barcelona: Ediciones Serbal, 1997.

(3) BAILÃO. Ana. As técnicas de reintegração cromática na pintura: revisão historiográfica. **Ge-conservación**, Madri, 2011, n. 2, p. 45-63, ISSN: 1989-8568. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4018797.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.

Documentação científica: a fotografia técnica a serviço da preservação – Karen Velleda Caldas

(1) LEÃO, Alexandre Cruz. Documentação Científica por Imagem de Bens Culturais: Competências e Desafios. *In*: ROSADO, Alessandra; GONÇALVES, Willi de Barros (org.). **Ciências do patrimônio**: horizontes transdisciplinares. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, 2015.

(2) BIGRAS, Carl; CHOQUETTE, Mylène; POWELL, Jeremy. **Lighting methods for photographing museum objects**. Ottawa: Canadian Conservation Institute, 2010.

(3) COSTA, Alexandre; LEÃO, Alexandre; CRUZ E SOUZA, Luiz. A Documentação Científica por Imagem como ferramenta de preservação em Arqueologia: estudos de caso em Pinturas Rupestres. *In*: **V Escola de**

Arqueometria e Ciências Aplicadas ao Patrimônio (V EARCAP) e II CONGRESSO BIENAL DA ANTECIPA (ANTECIPA-2020), 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/348307767>. Acesso em: 23 jul. 2024.

CAPÍTULO 4

Preservação do patrimônio e o papel da Ciência da Conservação – Bruno da Silveira Noremberg

(1) FIGUEIREDO JUNIOR, João Cura D’Ars de. **Química aplicada à conservação e restauração de bens culturais**: uma introdução. Belo Horizonte: São Jerônimo, 2012.

(2) STRLIČ, Matija. Heritage Science: A Future-Oriented Cross-Disciplinary Field. **Angewandte Chemie International Edition**, v. 57, p. 7260-7261, Weinheim, 2018. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/anie.201804246>. Acesso em: 21 ago. 2024.

(3) MUÑOZ VIÑAS, Salvador. **Teoria contemporânea da restauração**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021.

O papel da pesquisa sobre arte em um projeto de conservação-restauração – Roberto Heiden

(1) FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

(2) ARGAN, Giulio Carlo. **Arte e Crítica de Arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

(3) DIÁRIO DE NOTÍCIAS (RJ). **Entregues ontem ao Sr. Kubitschek 28 telas para o Palácio do Alvorada.** 10 jan. 1959. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 12 mar. 2024.

(4) DIÁRIO DE NOTÍCIAS (RS). **Telas de fama internacional para o Palácio do Alvorada.** 7 jan. 1959. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 1 mar. 2024.

(5) LAUS, Harry. Grauben no MAM. *In.*: **Artes.** Jornal do Brasil (RJ). 21 jul. 1966. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 1 março 2024.

CAPÍTULO 5

Educação Patrimonial: restaurando pertencimentos, memórias e a democracia – Letícia Maciel;
Liza Bilhalva Martins; Marta Bonow.

(1) FLORÊNCIO, Sônia R.; CLEROT, Pedro; BEZERRA, Juliana; RAMASSO-TE, Rodrigo. **Educação Patrimonial:** Histórico, conceitos e processos. Brasília-DF: IPHAN, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf. Acesso em: 3 jan. 2024.

(2) GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial.** Brasília, DF: IPHAN, 2007

(3) FLORÊNCIO, Sônia Regina R. **Educação Patrimonial:** Inventários Participativos. Manual de aplicação. Brasília-DF: IPHAN, 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf Acesso em: 3 jan. 2024.

CAPÍTULO 6

Conservação Preventiva: antes e após a restauração – Magda Villanova Nunes

(1) O QUE são as mudanças climáticas. Nações Unida Brasil, [s.d.]. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/175180-o-que-s%C3%A3o-mudan%C3%A7as-clim%C3%A1ticas>. Acesso em: 15 jul. 2024.

(2) VOZ CULTURAL *et al.* Relatório de prejuízos ao setor cultural: enchentes de maio de 2024. **Matinal**, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/wp-content/uploads/2024/05/relatorioenchentecultura.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2024.

(3) MUSEU NACIONAL. Setor de etnologia e etnografia. **O incêndio de 2018.** Rio de Janeiro: Museu nacional, 2018. Disponível em: https://www.museunacional.ufrj.br/see/o_incendio_de_2018.html. Acesso em: 15 jul. 2024.



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradecemos à Diretoria Curatorial dos Palácios Presidenciais (DCPP), ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (Iphan), à Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e à Fundação Delfim Mendes Silveira (FDMS), instituições que acreditaram e confiaram ao Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Pintura (Lacorpi), do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, do Instituto de Ciências Humanas da UFPel, a realização do Termo de Execução Descentralizada (TED) para a restauração de vinte obras de arte vandalizadas em 8 de janeiro de 2023, projeto em que uma das metas resultou neste livro.

Por trás dessas instituições, há grandes profissionais, pessoas que acreditam no potencial da universidade pública como instituição geradora de conhecimento e que reconhecem e confiam na qualidade do trabalho do Lacorpi, estabelecendo conosco relações de respeito e diálogo. Agradecemos especialmente à primeira-dama Janja, por acolher a montagem do Lacorpi – Ação Brasília nas dependências do Palácio da Alvorada.

Agradecemos também à Diretoria de Apoio às Residências Oficiais (Diário), na pessoa do diretor Antonio Ezequiel de Sousa Barros, do assessor Moacir Bortolozo, do coordenador de administração Eduardo de Souza Ribeiro, e de toda a equipe do Palácio da Alvorada. Foram

dez meses de convivência diária, e o apoio de vocês foi essencial para a realização deste projeto.

Agradecemos ainda à Universidade Federal de Brasília (UnB), que hospedou boa parte da equipe do Lacorpi no Distrito Federal, especialmente à reitora Márcia Abrahão Moura e às professoras Cláudia da Conceição Garcia e Maria Cláudia Candeia. A produção deste livro foi possível com o apoio de muitas pessoas, e não poderíamos deixar de expressar nossa gratidão a cada uma das pessoas envolvidas.

Agradecemos a Gabriela Mazza, da SatolepPress, cujas orientações e sugestões foram essenciais para que este livro tomasse forma. Por fim, um sincero agradecimento a toda a equipe do Lacorpi, que trabalhou com muita dedicação para que este projeto se tornasse realidade.

Recebam com muito afeto nosso Muito Obrigada!

Andréa Lacerda Bachettini

Coordenadora do Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Pinturas (Lacorpi/UFPeI) e Vice-diretora do Instituto de Ciências Humanas (ICH/UFPeI)

Karen Velleda Caldas

Coordenadora Adjunta do Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Pinturas (Lacorpi/UFPeI)



Foto: Ricardo Stuckert / PR



